

**RESGATE DA MEMÓRIA URBANA E
REABILITAÇÃO DE UM
CONJUNTO EDIFICADO:**

ANTEPROJETO DE UM MERCADO DE PEIXES NO CAIS DE SANTA RITA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**RESGATE DA MEMÓRIA URBANA E
REABILITAÇÃO DE UM CONJUNTO
EDIFICADO:**

**Anteprojeto de um Mercado De
Peixes No Cais De Santa Rita**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco — UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Autor:

Erick Santos Menezes de Lima

Orientador:

Paulo Andrade Raposo

Recife
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Erick Santos Menezes de.

Resgate da memória urbana e reabilitação de um conjunto edificado:
Anteprojeto de um mercado de peixes no Cais de Santa Rita / Erick Santos
Menezes de Lima. - Recife, 2025.

97 p. : il.

Orientador(a): Paulo Raposo Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Projeto de arquitetura e urbanismo. 2. Preexistência. 3. Mercado
público. 4. Espaço público. 5. Recentralização da cidade. 6. Redemocratização do
espaço. I. Andrade , Paulo Raposo. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos os momentos repletos de significados que passei durante esses últimos anos na universidade. Às memórias póstumas que guardo com enorme carinho do meu avô, Evangelista e meu primo, Gutemberg. Aos amigos de minha infância em Olinda, agradeço especialmente a Rafael, Juan e Breno, pelas conversas e ao apoio que recebi nesses momentos finais da graduação. Aos que me acompanharam nessa trajetória, Luan, Ellian, Rhana, Eduarda, Luiz Miguel, Saulo, Lucas, Jéssica, Fábio e todos os outros amigos e colegas que participaram e foram essenciais em cada momento que fizeram parte da minha vida, agradeço pelos dias difíceis, risadas, todo o suporte e carinho.

Agradeço ao meu grupo de estudos "GE" pelos sufocos, trancos, alegrias, conquistas, todo o suporte emocional e cumplicidade que construímos juntos. Profundo agradecimento ao corpo docente da universidade que estruturaram minha identidade profissional, principalmente ao meu professor de estágio e amigo, Tomás Lapa, e ao meu orientador e guia, Paulo Raposo Andrade. Minha sincera gratidão a todos os meus mentores de estágios, monitorias e projetos de extensão, Rebecca, Raquel, Moisés, Luciano, Mônica, Suellen, Onilda e Julia.

À Renata, uma das minhas maiores inspirações e incentivadoras nesse processo, agradeço a todo apoio e suporte que foram essenciais para que eu chegasse até aqui. E finalmente, mais do que qualquer um, dedico este trabalho aos meus pais, Rivanildo e Erika, e minha irmã, Larissa, aos quais fizeram de mim tudo que sou, me ensinando a admirar e transformar tudo que há de mais simples em algo belo, e a procurar, dentro de mim, forças em locais onde o olhar não alcança.



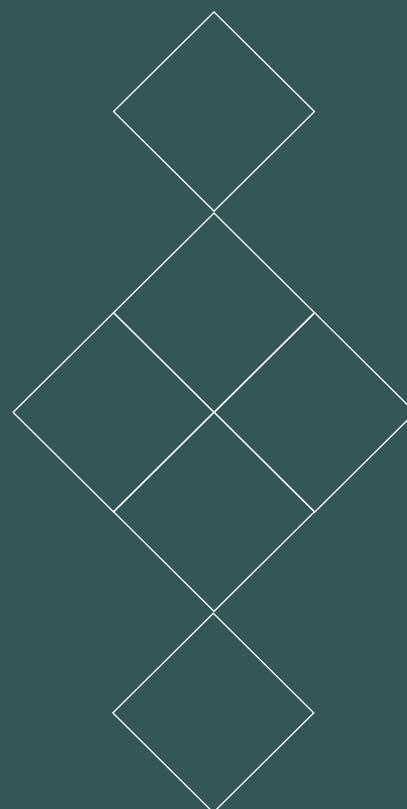
*“Caminhante, Não Há Caminho,
Faz-Se Caminho Ao Andar.*

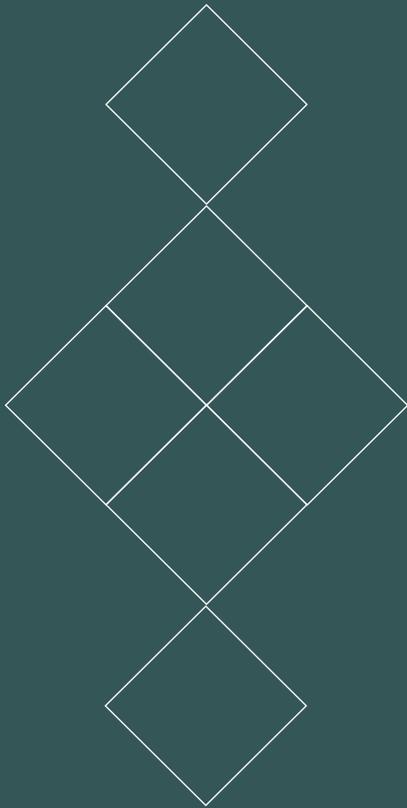
*Ao Andar Se Faz Caminho,
E Ao Voltar A Vista Atrás
Se Vê A Senda Que Nunca
Se Voltará A Pisar.”*

Antonio Machado

R E S U M O

O presente estudo apresenta o projeto arquitetônico do Mercado de Peixes do Recife, proposto a partir da revitalização de um edifício âncora que resgata a memória e a tradição pesqueira da cidade, enquanto responde aos desafios urbanos contemporâneos. Localizado entre a rua Cais de Santa Rita e a rua da Praia, o mercado visa preservar a cultura popular dos comerciantes peixeiros e garantir a continuidade de seu ofício, protegendo-os das pressões da especulação imobiliária e das transformações urbanísticas que ameaçam a região. A concepção projetual busca integrar elementos da arquitetura contemporânea com referências à história local, ao passo que promove inovação e dinamismo para o futuro da cidade. A proposta do mercado, intitulado Mercado Ribeira dos Peixes, consiste em torná-lo além de um ponto comercial, um polo de vivência social e cultural que oferta uma experiência imersiva tanto para moradores quanto para turistas, através de uma rica gastronomia regional e da valorização da atividade pesqueira. Dessa forma, o Mercado se afirma como um espaço de preservação cultural, inovação e revitalização urbana na área central do Recife.





A B S T R A C T

The present study presents the architectural design of the Recife Fish Market, planned as part of the revitalization of an anchor building that restores the city's fishing heritage and tradition while addressing contemporary urban challenges. Situated between the streets of Cais de Santa Rita and Rua da Praia, the market aims to preserve the popular culture of fish traders and ensure the continuity of their trade, protecting them from the pressures of property speculation and the urban transformations that threaten the region. The project concept seeks to integrate elements of contemporary architecture with references to local history while promoting innovation and dynamism for the city's future. The developed proposal for the market, named Mercado Ribeira dos Peixes, is designed not only as a commercial hub but also as a center for social and cultural interaction, offering an immersive experience for both residents and tourists through rich regional gastronomy and the appreciation of fishing traditions. Therefore, the market establishes itself as a space for cultural preservation, innovation, and urban revitalization in Recife's central area.

LISTA DE FIGURAS

- F01** | VISTA DO BAIRRO DO RECIFE. FONTE: RENATA WOGLEY
- F02** | EMPENA COLONIAL DA EDIFICAÇÃO. FONTE: ERICK DE LIMA
- F03** | HOMENS PESCANDO PEIXE COM UMA REDE NUMA LAGOA DE ÁGUA DOCE UTILIZADA PARA O CULTIVO DE PEIXES. FONTE: FUNDAJ
- F04** | VILA DE PESCADORES. FONTE: FUNDAJ
- F05** | GRAVURA BOA VISTA, DE FRANS POST. FONTE: WIKIPÉDIA
- F06** | PESCADORES NO RIO CAPIBARIBE. FONTE: FUNDAJ
- F07** | BARCOS NO PORTO DO RECIFE. FONTE: FUNDAJ
- F08** | BAIRROS DE SÃO JOSÉ E SANTO ANTÔNIO. FONTE: FUNDAJ
- F09** | ATERRAMENTO DO CAIS DE SANTA RITA. FONTE: RECIFE ANTIGAMENTE
- F10** | CAIS DE SANTA RITA ANTIGAMENTE. FONTE: RECIFE ANTIGAMENTE
- F11** | MAPA RECIFE 1900-1930. FONTE: ARQUIVO NACIONAL
- F12** | INAUGURAÇÃO DA PONTE GIRATÓRIA/ 12 DE SETEMBRO, LIGANDO OS BAIRROS DE SÃO JOSÉ E O DO RECIFE. FONTE: JORNAL DO COMÉRCIO
- F13** | MICROMAPA 1 RECIFE. FONTE: ADPTADO DO LABTOPOPE
- F14** | MICROMAPA 2 RECIFE. FONTE: ADAPTADO DO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE
- F15** | MICROMAPA 3 RECIFE. FONTE: ADAPTADO DO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE
- F16** | MICROMAPA 4 RECIFE. FONTE: ADAPTADO DO PLANO GERAL SATURNINO DE BRITO
- F17** | CONTORNO DA EDIFICAÇÃO NO PERÍODO COLONIAL. FONTE: ADAPTADO POR ERICK LIMA
- F18** | CONTORNO DA EDIFICAÇÃO NOS DIAS ATUAIS. FONTE: ADAPTADO POR ERICK LIMA
- F19** | IMAGEM DO ENTORNO DA EDIFICAÇÃO. FONTE: GOOGLE EARTH, ADAPTADO PELO AUTOR.
- F20** | ESQUINA ENTRE CAIS DE STA. RITA E BECO DO MARROQUIM. FONTE: ERICK DE LIMA
- F21** | FACHADAS DOS SOBRADOS NA RUA DA PRAIA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F22 E 23** | COMPARAÇÕES DE 2015 E 2024, RESPECTIVAMENTE. FONTE: GOOGLE STREET VIEW
- F24 E 25** | COMPARAÇÕES DE 2012 E 2024, RESPECTIVAMENTE. FONTE: GOOGLE STREET VIEW
- F26** | FOTOGRAFIA INTERNA ATACADO DOS PRESENTES. FONTE: ATACADO DOS PRESENTES
- F27** | FOTOGRAFIA INTERNA ATACADO DOS PRESENTES. FONTE: ATACADO DOS PRESENTES
- F28** | FOTOGRAFIA LOJA INTERNA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F29** | FOTOGRAFIA LOJA INTERNA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F30** | AGRAVAMENTO DAS FISSURAS E DEPREDÇÃO DOS SOBRADOS ANTIGOS. FONTE: ERICK DE LIMA
- F31** | FOTOGRAFIA RUA DA PRAIA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F32** | FOTOGRAFIA BECO DO MARROQUIM. FONTE: BENÍCIO WHATLEY DIAS
- F33** | FOTOGRAFIA BECO DO MARROQUIM. FONTE: ERICK DE LIMA
- F34** | FOTOGRAFIA CAIS DE SANTA RITA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F35** | FOTOGRAFIA COBERTURA MERCADO DE SÃO JOSÉ. FONTE: ERICK DE LIMA
- F36** | FOTOGRAFIA INTERNA MERCADO DE SÃO JOSÉ. FONTE: ERICK DE LIMA
- F37** | FOTOGRAFIA EXTERNA MERCADO DE SÃO JOSÉ. FONTE: ERICK DE LIMA
- F38** | MERCADO DE SÃO JOSÉ VOO DE PÁSSARO. FONTE: SINÉSIO ROBERTO
- F39** | BOXE DE PEIXES NO MERCADO. FONTE: REDE TV GLOBO
- F40** | IMAGEM ADAPTADA DO STREET VIEW, 2015. FONTE: ERICK DE LIMA / GOOGLE STREET VIEW
- F41** | FOTOMONTAGEM DO CAMELÓDROMO. FONTE: ERICK DE LIMA
- F42** | IMAGEM ADAPTADA DO STREET VIEW, 2023. FONTE: ERICK DE LIMA / GOOGLE STREET VIEW
- F43** | BARCO DE PESCA ANCORADO NA AV. MARTINS DE BARROS. FONTE: RENATA WOGLEY
- F44** | PESCARIA E COMÉRCIO INFORMAL DE PEIXES NAS MARGENS DA AV. MARTINS DE BARROS. FONTE: RENATA WOGLEY
- F45** | PESCARIA NA PONTE MAURÍCIO DE NASSAU. FONTE: RENATA WOGLEY
- F46** | LOJA DE ARTIGOS DE PESCA: LONGMA PESCA, RUA DA PRAIA. FONTE: GOOGLE STREET VIEW
- F47** | CLUBE DE AMADORES DE PESCA VIRIATO DE MEDEIROS, PE 009. FONTE: GOOGEL STREET VIEW
- F48** | LOJA DE ARTIGOS DE PESCA: PERSICORDAS LTDA, RUA DA PRAIA. FONTE: GOOGLE STREETVIEW
- F49** | PEIXARIA: TUDO DO MAR, CAIS DE SANTA RITA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F50** | PEIXARIA: DOIS IRMÃOS FRIOS, CAIS DE SANTA RITA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F51** | PEIXARIA: SANTA RITA PESCADOS, CAIS DE SANTA RITA. FONTE: ERICK DE LIMA
- F52** | NOTÍCIA RECIFE EXPO CENTER. FONTE: CRN RECIFE
- F53** | NOTÍCIA NOVOTEL RECIFE. FONTE: FOLHA DE PERNAMBUCO
- F54** | NOTÍCIA MOINHO RECIFE. FONTE: WSCOM
- F55** | NOTÍCIA CAIS JOSÉ ESTELITA. FONTE: G1 PERNAMBUCO
- F56** | PROJETO DO CAIS JOSÉ ESTELITA. FONTE: DIÁRIO DE PERNAMBUCO

LISTA DE FIGURAS

- F57** | IMAGEM AÉREA DO CAIS JOSÉ ESTELITA ANOS 2000. FONTE: VITRUVIUS
- F58** | EMPENA COLONIAL DA EDIFICAÇÃO.
- F59** | HOMENS PESCANDO PEIXE COM UMA REDE NUMA LAGOA DE ÁGUA DOCE UTILIZADA PARA O CULTIVO DE PEIXES.
- F60** | VILA DE PESCADORES.
- F61** | GRAVURA BOA VISTA.
- F62** | PESCADORES NO RIO CAPIBARIBE.
- F63** | BARCOS NO PORTO DO RECIFE.
- F64** | BAIRROS DE SÃO JOSÉ E SANTO ANTÔNIO.
- F65** | ATERRAMENTO DO CAIS DE SANTA RITA.
- F66** | CAIS DE SANTA RITA ANTIGAMENTE.
- F67** | MAPA DO RECIFE (1900-1930)
- F68** | INAUGURAÇÃO DA PONTE GIRATÓRIA/ 12 DE SETEMBRO, LIGANDO OS BAIRROS DE SÃO JOSÉ E O DO RECIFE.
- F69** | MICROMAPA 1 RECIFE.
- F70** | MICROMAPA 2 RECIFE.
- F71** | MICROMAPA 3 RECIFE.
- F72** | MICROMAPA 4 RECIFE.
- F73** | CONTORNO DA EDIFICAÇÃO NO PERÍODO COLONIAL.
- F74** | CONTORNO DA EDIFICAÇÃO NOS DIAS ATUAIS.
- F75** | IMAGEM DO ENTORNO DA EDIFICAÇÃO.
- F76** | ESQUINA ENTRE CAIS DE STA. RITA E BECO DO MARROQUIM.
- F77** | FACHADAS DOS SOBRADOS NA RUA DA PRAIA.
- F78** | ADAPTAÇÃO EM IMAGEM DE SATÉLITE.
- F79** | CORTE EM PERSPECTIVA DO PROJETO
- F80** | PLACA METÁLICA SEDE DO SEBRAE
- F81** | FACHADA BECO DO MARROQUIM
- F82** | REFORMA DA ESTRUTURA E VEDAÇÃO
- F83** | MAQUETE DIGITAL
- F84** | MAQUETE DIGITAL
- F85** | 3D PAVIMENTO TÉRREO
- F86** | ZONEAMENTO TÉRREO
- F87** | 3D 1º ANDAR
- F88** | ZONEAMENTO 1º ANDAR
- F89** | 3D 2º ANDAR
- F90** | ZONEAMENTO 2º ANDAR
- F91** | 3D 3º ANDAR
- F92** | ZONEAMENTO 3º ANDAR
- F93** | FOTOMONTAGEM MERCADO DE SÃO JOSÉ E PROJETO
- F94** | FOTOGRAFIA TERMANAL E CAMELÓDROMO DE SANTA RITA
- F95** | SOBRADOS COLONIAIS NA RUA DA PRAIA
- F96** | DESENHO DE PISO NO ANTEPROJETO
- F97** | DETALHES CONSTRUTIVOS GERAIS
- F98** | DETALHES DE ABERTURA
- F99** | PERSPECTIVA - BECO DO MARROQUIM
- F100** | PERSPECTIVA - CAIS DE SANTA RITA
- F101** | PERSPECTIVA INTERNA DO MERCADO DE PEIXES
- F102** | PERSPECTIVAS INTERNAS DO MERCADO DE PEIXES
- F103** | PERSPECTIVAS INTERNAS DO MERCADO DE PEIXES
- F104** | PERSPECTIVA - RUA DA PRAIA
- F105** | PERSPECTIVAS PÁTIO INTERNO E BECO DO MARROQUIM
- F106** | PERSPECTIVAS PÁTIO INTERNO E BECO DO MARROQUIM
- F107** | PERSPECTIVA INTERNA DO MERCADO DE PEIXES
- F108** | FOTOGRAFIA E PERSPECTIVA DO BECO DO MARROQUIM
- F109** | FOTOGRAFIA E PERSPECTIVA DA RUA DA PRAIA
- F110** | FOTOGRAFIA PERSPECTIVA DO CAIS DE SANTA RITA

LISTA DE DIAGRAMAS

- D01** | DIAGRAMA DAS QUADRAS- ENTORNO.
- D02** | DIAGRAMA DAS QUADRAS- ENTORNO.
- D03** | DIAGRAMA DAS QUADRAS- ENTORNO.
- D04** | DIAGRAMA DAS QUADRAS- ENTORNO.
- D05** | ADENSAMENTO DAS QUADRAS.
- D06** | CROQUI DE EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DAS QUADRAS.
- D07** | LOCALIDADES POTENCIAIS DO ENTORNO
- D08** | LOCALIDADES POTENCIAIS DO ENTORNO
- D09** | ILUSTRAÇÃO TRANSFORMAÇÕES NO CONJUNTO
- D10** | CROQUI DA FORMA PROJETUAL
- D11** | CROQUI CAMINHO DOS VENTOS
- D12** | PROCESSO ESQUEMÁTICO DE ABERTURAS RUA DA PRAIA
- D13** | PROCESSO ESQUEMÁTICO DE ABERTURAS RUA DA PRAIA

LISTA DE MAPAS

M01 | MAPA DE LOCALIZAÇÃO

M02 | MAPA DE LOCALIDADES POTENCIAIS DO ENTORNO

M03 | MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO DE INTERVENÇÃO

M04 | MAPA DE ANÁLISE PEQUEIRA DO ENTORNO

M05 | MAPA DE DIRETRIZES URBANÍSTICAS GERAIS

1. INTRODUÇÃO

Recife, com sua rica história e diversidade cultural, é uma cidade cuja arquitetura apresenta-se como reflexo das transformações que marcaram sua trajetória. O centro da cidade, com um conjunto de edifícios coloniais, igrejas seculares e mercados tradicionais, remonta a um passado fremente e ao mesmo tempo em constante evolução. Nesse cenário, emerge um projeto arquitetônico de revitalização que, à medida que olha para o passado, identifica os desafios do presente e projeta-se para o futuro.

A cidade do Recife sempre teve uma estreita ligação com o comércio pesqueiro, um dos pilares de sua economia e de sua identidade cultural. Desde os primeiros tempos da colonização, os mercados de peixes da cidade, como o Mercado de São José e o Mercado da Boa Vista, desempenharam um papel essencial na circulação de alimentos e na formação de uma comunidade bastante resiliente. No entanto, com o passar dos anos, muitos desses espaços enfrentaram o desgaste das infraestruturas e a necessidade de adaptação às novas demandas urbanas e econômicas.

Dessa forma, o “Mercado Ribeira dos Peixes”, um edifício âncora, desponta como uma resposta à repressão das transformações urbanísticas que ameaçam a essência da cultura pesqueira local. Em um momento de intensificação da especulação imobiliária e da mudança acelerada no padrão de ocupação da área, o mercado torna-se uma fortaleza que protege os valores imortais da cidade ao sustentar a vida dos comerciantes peixeiros e evitar a decadência e precarização de um ofício que atravessa gerações, destacando-se não somente como um centro comercial, mas também como um símbolo da vida cotidiana e da relação histórica da cidade com o mar e seus recursos.

Sendo assim, este projeto de revitalização não se reduz apenas a uma intervenção arquitetônica, mas uma homenagem à memória da vila de pescadores da Ribeira, que, com sua resiliência, corroborou o nascimento da cidade. Ao resgatar essa história, o mercado se configura como um ponto de convergência entre passado e futuro, onde a modernidade se entrelaça com a tradição e origina um espaço que respira a cultura popular, preservando-a enquanto a projeta para novas possibilidades.



F03 | HOMENS PESCANDO PEIXE COM UMA REDE NUMA LAGOA DE ÁGUA DOCE UTILIZADA PARA O CULTIVO DE PEIXES.

2. RECIFE, CIDADE RIBEIRA

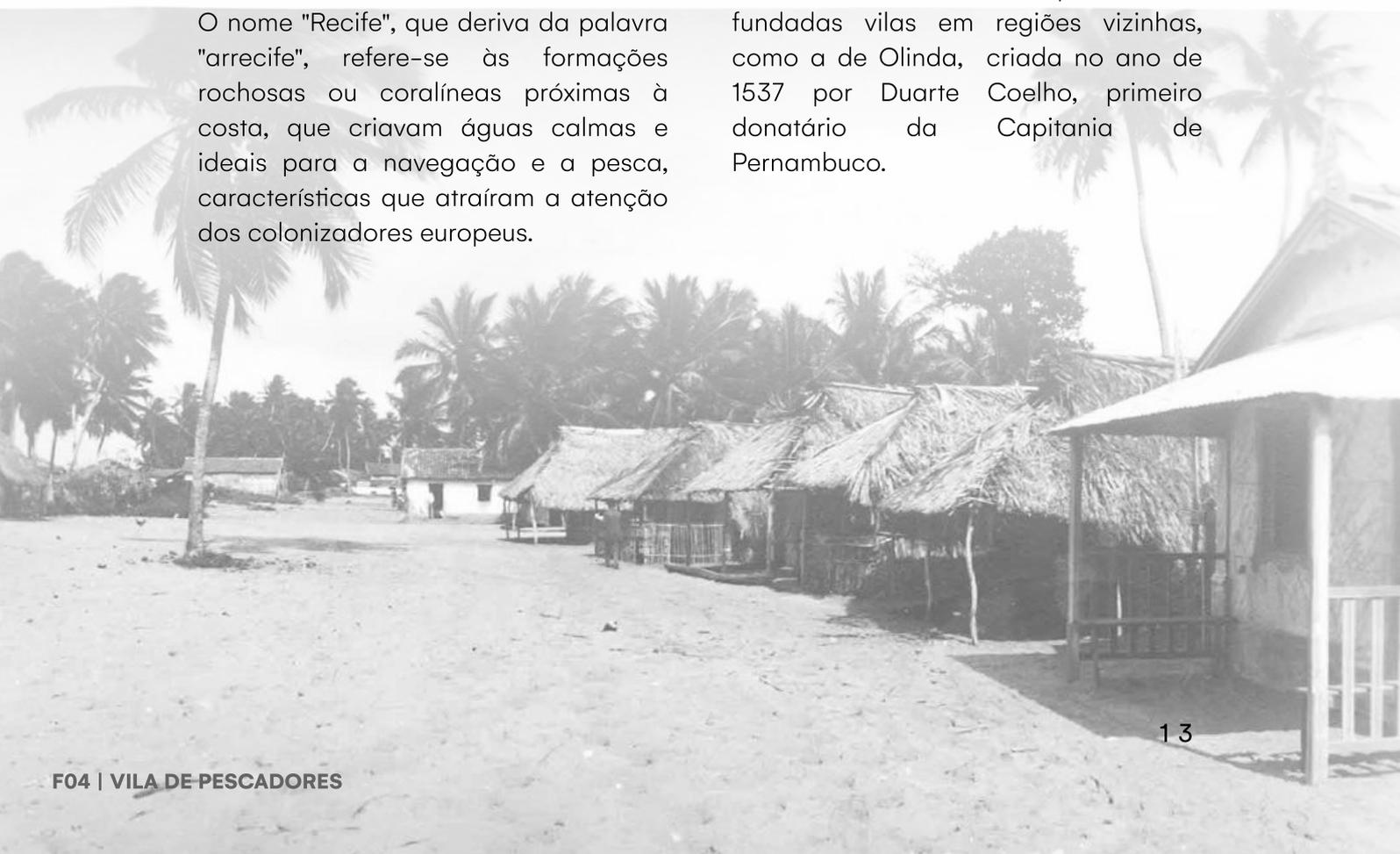
2.1 DA VILA PESQUEIRA À METRÓPOLE

Desde o seu princípio de formação, o território que hoje compreende a cidade do Recife se desenvolveu a partir de seus ecossistemas aquáticos: o mar, os rios e o mangue. Os povos originários que habitavam o litoral, como os Caetés, grupo maior dos Tupis, eram conhecidos por sua habilidade na pesca, caça e coleta e viviam numa relação harmoniosa com o ambiente natural em aldeias próximas aos rios e ao mar, onde construía ocas e utilizavam canoas para se locomover e pescar, visto que a região costeira oferecia um ambiente propício para atividades de subsistência, como a pesca e a coleta de moluscos e crustáceos.

O nome "Recife", que deriva da palavra "arrecife", refere-se às formações rochosas ou coralíneas próximas à costa, que criavam águas calmas e ideais para a navegação e a pesca, características que atraíram a atenção dos colonizadores europeus.

Com a chegada dos portugueses no século XVI, a região foi reconhecida como um ponto estratégico para a navegação e o comércio, com atenção especial para o escoamento da produção de açúcar, que impulsionou a economia colonial. Inicialmente, o território que atualmente corresponde à cidade do Recife era **um pequeno povoado de pescadores**, formado por indígenas, que subsistiam da pesca e do comércio de produtos marítimos. Esse povoado se desenvolveu ao redor do porto e logo tornou-se um ponto de encontro entre as culturas indígena, europeia e africana.

Com os olhares dispostos para além da localidade inicialmente ocupada, foram fundadas vilas em regiões vizinhas, como a de Olinda, criada no ano de 1537 por Duarte Coelho, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco.





Olinda foi escolhida como sede devido à sua localização estratégica em uma colina com vista para o mar, o que proporcionou vantagens defensivas contra prováveis invasores e um clima mais ameno para os habitantes. Assim, o vilarejo floresceu e tornou-se o centro político, religioso e econômico da capitania, impulsionada pelo cultivo da cana-de-açúcar, que gerava grandes lucros com a exportação para a Europa, à medida que o porto natural do Recife concomitantemente era impulsionado como núcleo logístico e comercial.

Ao passo que as regiões se desenvolviam, a miscigenação entre indígenas, europeus e africanos, estes últimos, transportados como escravos, originou uma população mestiça que influenciou profundamente a cultura e a identidade local. encontradas em topônimos de origem indígena como "Capibaribe" e "Beberibe", os quais nomeiam rios mais importantes que permeiam as cidades, assim como na culinária pernambucana, que incorpora

ingredientes como a mandioca e frutos do mar em pratos típicos regionais apreciados até os dias atuais.

Durante o século XVI, a cidade de Olinda prosperou e passou a atrair nobres, religiosos e artistas, que construíram igrejas, conventos e casarões suntuosos, como a Igreja da Sé, o Mosteiro de São Bento e o Convento de São Francisco, marcos reconhecidos na atualidade da herança arquitetônica colonial brasileira.

Ademais, a cidade se consolidou como um importante centro educacional, com a fundação de seminários e escolas religiosas. No entanto, sua prosperidade atraiu a atenção de potências estrangeiras e, em 1630, os holandeses invadiram Pernambuco. O conflito destruiu parcialmente a cidade, o que levou à transferência do centro de poder para Recife, que até então se constituía como uma pequena vila de pescadores. Sob o comando de Maurício de Nassau, o Recife foi transformado em um centro urbano

moderno e cosmopolita, com investimentos em infraestrutura, urbanização, ciência e cultura, os quais resultaram na construção de praças, jardins e sistemas de drenagem junto às pontes e edifícios imponentes com a ajuda de arquitetos e engenheiros europeus.

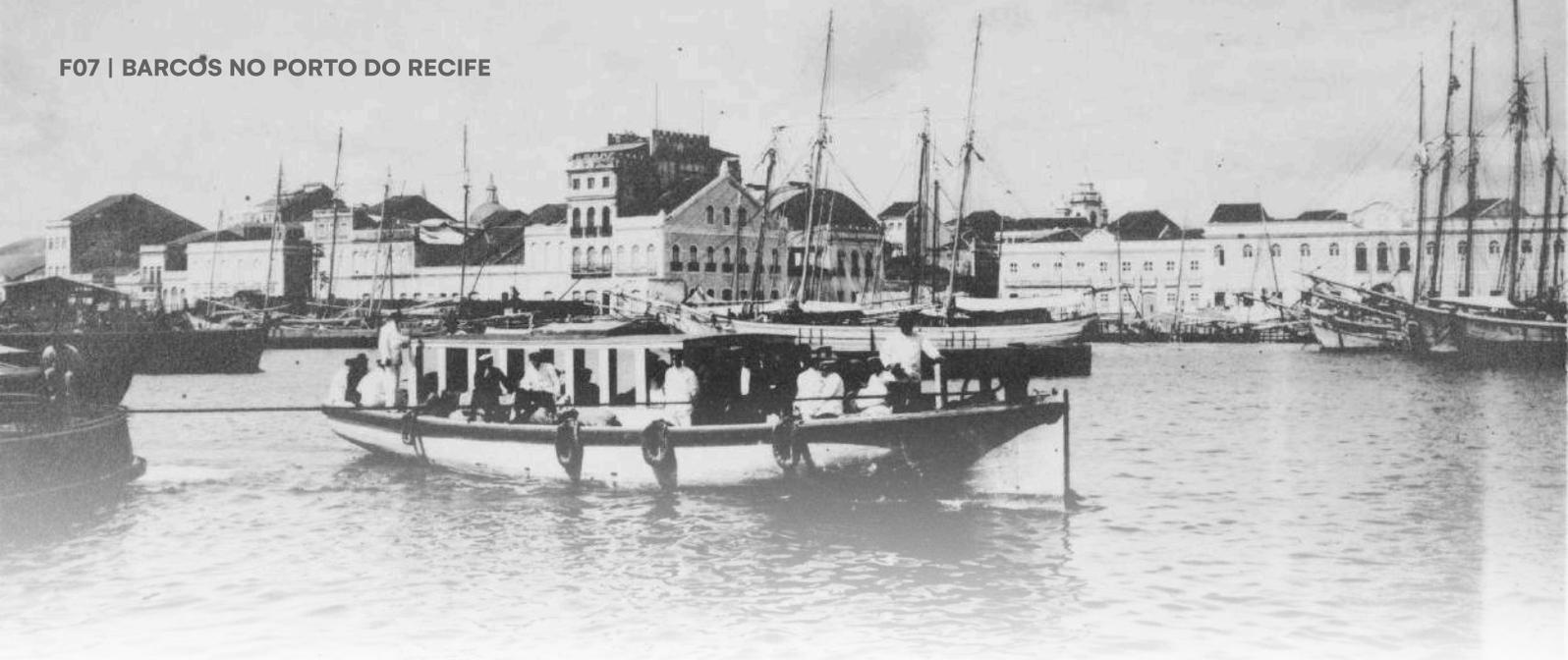
Após a expulsão dos holandeses, em 1654, o Recife continuou a se desenvolver, embora ainda em desavenças com Olinda, que culminaram na Guerra dos Mascates (1710-1711), um conflito por poder político e influência econômica entre senhores de engenho de Olinda e comerciantes do Recife. Em 1709, o Recife foi elevado à categoria de vila e consolidou a importância do seu centro comercial e portuário. No século XVIII, tornou-se um polo econômico e cultural e beneficiou-se da exportação de açúcar e algodão, enquanto Olinda nutria um caráter colonial e religioso. Já no século XIX, o Recife passou por um processo de modernização impulsionado pela industrialização e pela expansão do comércio internacional, por meio da construção de ferrovias como a Estrada de Ferro Recife - São Francisco e melhorias urbanas, com a inserção de iluminação em espaços públicos, além de ser palco de movimentos políticos como a Revolução Praieira em 1848.

A chegada de ideias ilustradas e o retorno de jovens que partiram para estudar no continente europeu trouxeram novos ares à cidade, como Francisco do Rego Barros, conhecido como o Conde da Boa Vista. Por conseguinte, ocorreu a vinda de técnicos franceses para modernizar a cidade, o que culminou na urbanização de bairros como Boa Vista e Santo Antônio, localizados na área central, juntamente à construção de pontes, como a Maurício de Nassau, primeira do Brasil.

Além disso, Recife se tornou um importante centro intelectual, com a fundação de instituições como o Liceu de Artes e Ofícios e a Faculdade de Direito do Recife, uma das primeiras do Brasil, atraindo figuras como Joaquim Nabuco, Manuel Bandeira e Gilberto Freyre, que contribuíram para o desenvolvimento de uma identidade cultural única.

Na cultura, é cada vez mais reconhecido por festividades que agregam distintos elementos de sua história, manifestada de maneira animada. Também se consagra como um dos principais destinos turísticos brasileiros devido a suas praias, o comércio de rua, a rica e variada gastronomia com influências ancestrais e seu patrimônio histórico, que abarca desde igrejas barrocas, fortalezas e casarões antigos a edifícios modernos e esculturalmente arauitetônicos.





No século XX, o Recife consolidou-se como um importante centro industrial e comercial da região Nordeste do Brasil, principalmente por seu polo industrial que conta com a instalação de fábricas e indústrias têxteis e por construções de infraestruturas modernas, como o Aeroporto Internacional do Recife, eleito o melhor do Brasil no ano de 2024 pela World Airport Awards. Na cultura, é cada vez mais reconhecido por festividades que agregam distintos elementos de sua história, manifestada de maneira animada. Também se consagra como um dos principais destinos turísticos brasileiros devido a suas praias, o comércio de rua, a rica e variada gastronomia com influências ancestrais e seu patrimônio histórico, que abarca desde igrejas barrocas, fortalezas e casarões antigos a edifícios modernos e esculturalmente arquitetônicos.

Entretanto, com a expansão urbana acelerada e desordenada, a cidade não se desenvolveu de maneira equitativa e a evolução de uma pequena vila de pescadores para uma metrópole não se dispersou de maneira adequada por todo o território. Desse modo, enquanto bairros localizados em zonas mais afastadas da área central para fugir da agitação urbana ali presente foram dominados por classes mais abastadas, as áreas centrais abarcavam uma dinâmica comercial que não se atentava à importância da habitação e dos moradores para mantê-la ativa. Assim, conforme zonas periféricas residenciais se expandiram e contavam com a presença de comércio e serviços para suprir as necessidades dos moradores, a cidade que vivia em função do mar, dos rios e do comércio pesqueiro, não tardou a sentir a escassez da demanda e ver seu espaço gradativamente mais ocioso.



2.2 A TRANSFORMAÇÃO DO CAIS DE SANTA RITA E A FORMAÇÃO DA QUADRA

No decorrer do tempo, a cidade do Recife forjou sua identidade a partir do entrelaçamento de seus elementos naturais e de sua vocação mercantil, ao explorá-los e expandir-se em meio ao compasso desritmado das transformações urbanas que lhe apetecia. Todavia, o esvaziamento de áreas outrora centrais para sua dinâmica econômica e social, foi paulatinamente concedendo o título de testemunhas do tempo para aqueles que se prendiam à terra e não se permitiam desvanecer apesar dos desgastes a que eram submetidos.

O Cais de Santa Rita, que durante décadas se constituiu como ponto de convergência entre pescadores, comerciantes e viajantes, foi um espectador que assistiu e vivenciou a lenta transfiguração da paisagem em que estava inserido, à medida que a modernização da infraestrutura da capital e a reconfiguração do espaço urbano alteraram as lógicas de ocupação e uso. Se em tempos passados suas margens eram marcadas pelo movimento incessante de embarcações e pelas intensas trocas comerciais, hoje o cais persiste como vestígio material de uma cidade que, antes voltada ao mar e aos rios, parece ter direcionado um olhar aguçado para outras dinâmicas, deixando para trás parte significativa de sua memória urbana.

Construído no século XIX, durante o período imperial no Brasil, o Cais consagrou-se como parte dos esforços para modernizar a infraestrutura portuária do Recife. A denominação que recebeu, em sua essência, apresenta-se como um eco reverente à figura de Santa Rita de Cássia devido a proximidade à igreja batizada devotamente com o mesmo nome.

Sua posição estrategicamente privilegiada no litoral nordestino consolidou-o como um elo essencial do comércio atlântico, especialmente nos tempos da economia açucareira. Por suas margens ribeiras, embarcavam e desembarcavam diversos tipos de mercadorias, como o açúcar e o algodão que partiam para mercados distantes, na tentativa de fortalecer a ligação entre o país e a Europa.

Contudo, não apenas bens transitavam por ali: o cais também acolhia os que chegavam em busca de novos horizontes, entre viajantes, comerciantes e imigrantes que viam na cidade uma promessa de recomeço, assim como era um dos principais pontos de escoamento do tráfico de pessoas escravizadas, aspecto sombrio que integra sua história. Essa dualidade — entre progresso econômico e violência social — revela como o cais foi um espelho das contradições do Brasil oitocentista.

No início do século XX, o Cais incorporou e assistiu novos contornos de modernidade. A inauguração da Ponte Giratória, em 1923, integrava um amplo projeto de reestruturação do Bairro do Recife, alinhado ao desejo de transformar a cidade em um polo dinâmico de crescimento industrial e comercial. Foi um período de efervescência urbana, no qual o porto se expandia e a paisagem se remodelava sob a influência do progresso. Como ressalta o memorialista Rostand Paraíso, o Recife despontava como uma cidade em ascensão, com potencial para consolidar-se entre as grandes metrópoles do país.

A memória urbana, conforme conceitua Halbwachs (1990), não se restringe aos monumentos ou arquivos oficiais; ela se estabelece também nos espaços habitados, nas rotinas, nos percursos e nas relações construídas ao longo do tempo. O Cais de Santa Rita, nesse sentido, opera como arquivo vivo, onde o tempo inscreve-se tanto em sua arquitetura quanto na vivência de seus frequentadores e que, durante décadas, foi um dos pontos de convergência entre a cidade e o porto, articulando-se com o Mercado de São José e os antigos armazéns.

F09 | ATERRAMENTO DO CAIS DE SANTA RITA





Trabalhadores portuários, comerciantes, marinheiros e ambulantes compunham um microcosmo social singular, no qual o cais não era apenas infraestrutura logística, mas também lugar de trocas culturais e econômicas. A relação entre a cidade e seu cais era orgânica: mercadores negociavam sob o sol ardente, carregadores de sacas moviam-se em uma coreografia incessante e o vai e vem das jangadas e barças tecia uma paisagem dinâmica. Santa Rita não era apenas um entreposto, mas um cenário de vivência urbana intensa, onde o trabalho se misturava às relações sociais e culturais.

Muitas narrativas sobre os cais limitam-se apenas a registros históricos datados e econômicos, e negligenciam as dimensões sensoriais e afetivas que compõem sua identidade. O Cais de Santa Rita era também um espaço marcado por cheiros, sons e ritmos: o odor do pescado recém-chegado, o tilintar das moedas nas transações, o ecoar de vozes que se misturavam ao som das embarcações atracando. A análise desse lado invisível revela histórias que escapam à documentação oficial e, por conseguinte, não perduram da forma que mereciam.



O cais, nesse contexto, era parte de uma cidade que se projetava como metrópole promissora, integrando-se a infraestruturas como o Parque Ferroviário das Cinco Pontas (1930-1940), fruto de aterros durante a expansão do Porto do Recife. A conexão entre porto, ferrovias e cidade reforçava o papel do cais como articulador do progresso material e simbólico.

A partir da segunda metade do século XX, o Cais de Santa Rita entrou em declínio funcional. A modernização do porto, as mudanças nos modais de transporte (como a preferência por rodovias em detrimento das ferrovias) e a expansão urbana desordenada contribuíram para que o local perdesse sua centralidade econômica. A desativação do pátio ferroviário nas décadas de 1980-1990 transformou o espaço em uma área residual, usada apenas esporadicamente para turismo.

A arquitetura dos edifícios que formam o conjunto do entorno do Cais de Santa Rita é uma das mais representativas da transição entre o período colonial e o imperial no Recife. Elementos barrocos convivem com o surgimento de novas formas arquitetônicas para a época, como o neoclássico e influências europeias, principalmente portuguesas, que se misturam de maneira sutil.

O Cais, com sua engenharia robusta e imponente, exibe o caráter utilitário que a cidade sempre exigiu, mas sem abrir mão da riqueza ornamental que simbolizava o poder econômico local. Os sobrados de fachadas sublimes, com grandes portas de madeira e janelas amplas, contrastam com a funcionalidade das ruas de paralelepípedos, criadas para garantir o fluxo de mercadorias e trabalhadores.

Ao longo dos anos, o Cais modificou-se, ainda que lentamente. A modernização da cidade, que teve seu auge no século XX, trouxe novos desafios para o desenho urbano do Recife. A chegada das grandes construções e o enfraquecimento do comércio de rua alteraram profundamente a dinâmica de ocupação da região. Dessa maneira, o Cais foi, então, perdendo sua força como ponto de convergência das grandes transações comerciais, mas a sua configuração espacial, apesar de desvalorizada, permaneceu a marcar o ritmo das mudanças que vivenciava.

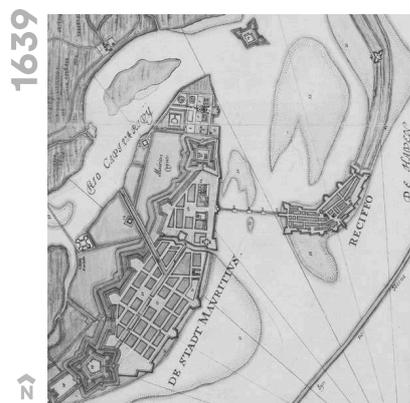
A quadra ao redor do Cais começou a ser moldada pelo novo movimento urbano, que buscava integrar a cidade ao processo de modernização. O desenho urbano, antes compactado e orgânico, cedeu espaço para uma maior abertura das ruas e para a construção de edifícios com linhas mais retas e sóbrias.

Assim, ruas que antes se enredavam em um emaranhado de pequenos comércios e sobrados, passaram a ser mais espaçosas, sem os estreitamentos típicos das vielas antigas, as fazendo perder parte do seu caráter histórico e tradicional. O processo de urbanização, em conjunto à verticalização crescente da cidade, transformou a paisagem a ponto de sobram apenas rastros daquilo que antes era essencial, remetendo à memória que o Cais carrega consigo.

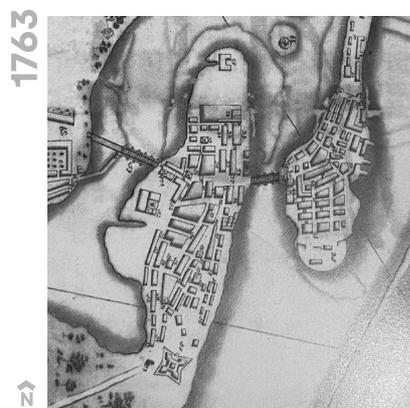
**F12 | INAUGURAÇÃO DA PONTE GIRATÓRIA/ 12 DE SETEMBRO,
LIGANDO OS BAIRROS DE SÃO JOSÉ E O DO RECIFE.**



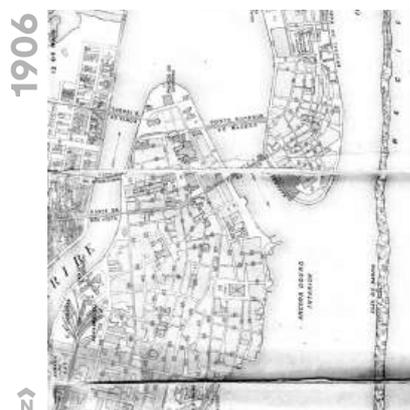
Transformação cartográfica do Cais de Santa Rita



F13 | MICROMAPA 1 RECIFE
ADAPTADO DO LABTOPOPE



F14 | MICROMAPA 2 RECIFE
ADAPTADO DO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE



F15 | MICROMAPA 3 RECIFE
ADAPTADO DO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE



F16 | MICROMAPA 4 RECIFE
ADAPTADO DO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE

Transformação cartográfica das quadras do entorno de projeto



QUADRA
DO PROJETO



QUADRA
DO PROJETO

D02 | DIAGRAMA DAS QUADRAS ENTORNO
ADAPTADO DO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE



QUADRA
DO PROJETO

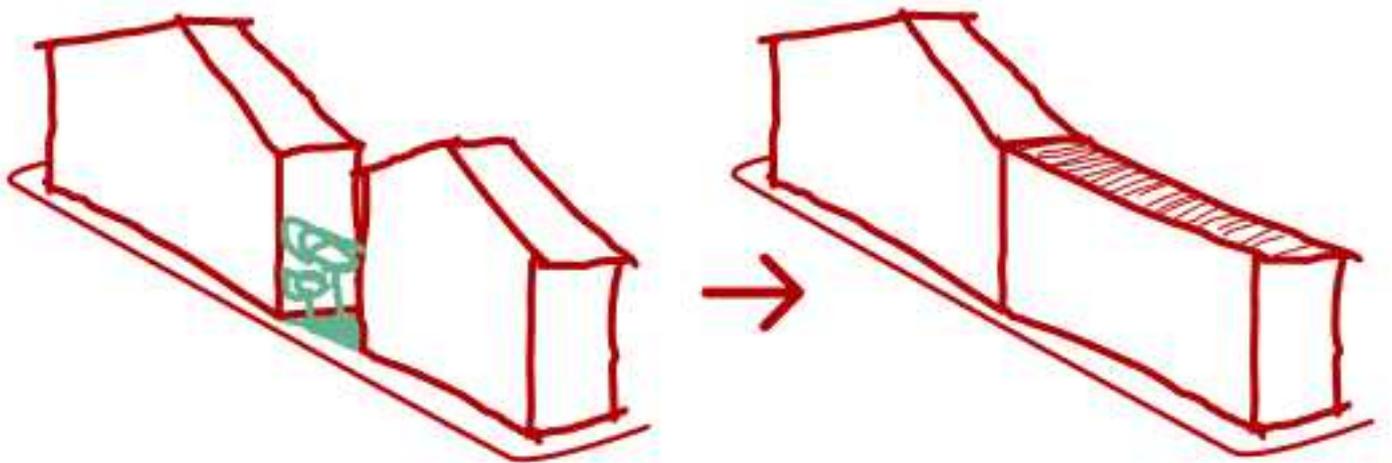
D03 | DIAGRAMA DAS QUADRAS ENTORNO
ADAPTADO DO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE



QUADRA
DO PROJETO



TRANSFORMAÇÃO MORFOLÓGICA DAS QUADRAS



D06 | CROQUI DE EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DAS QUADRAS

POR: AUTOR

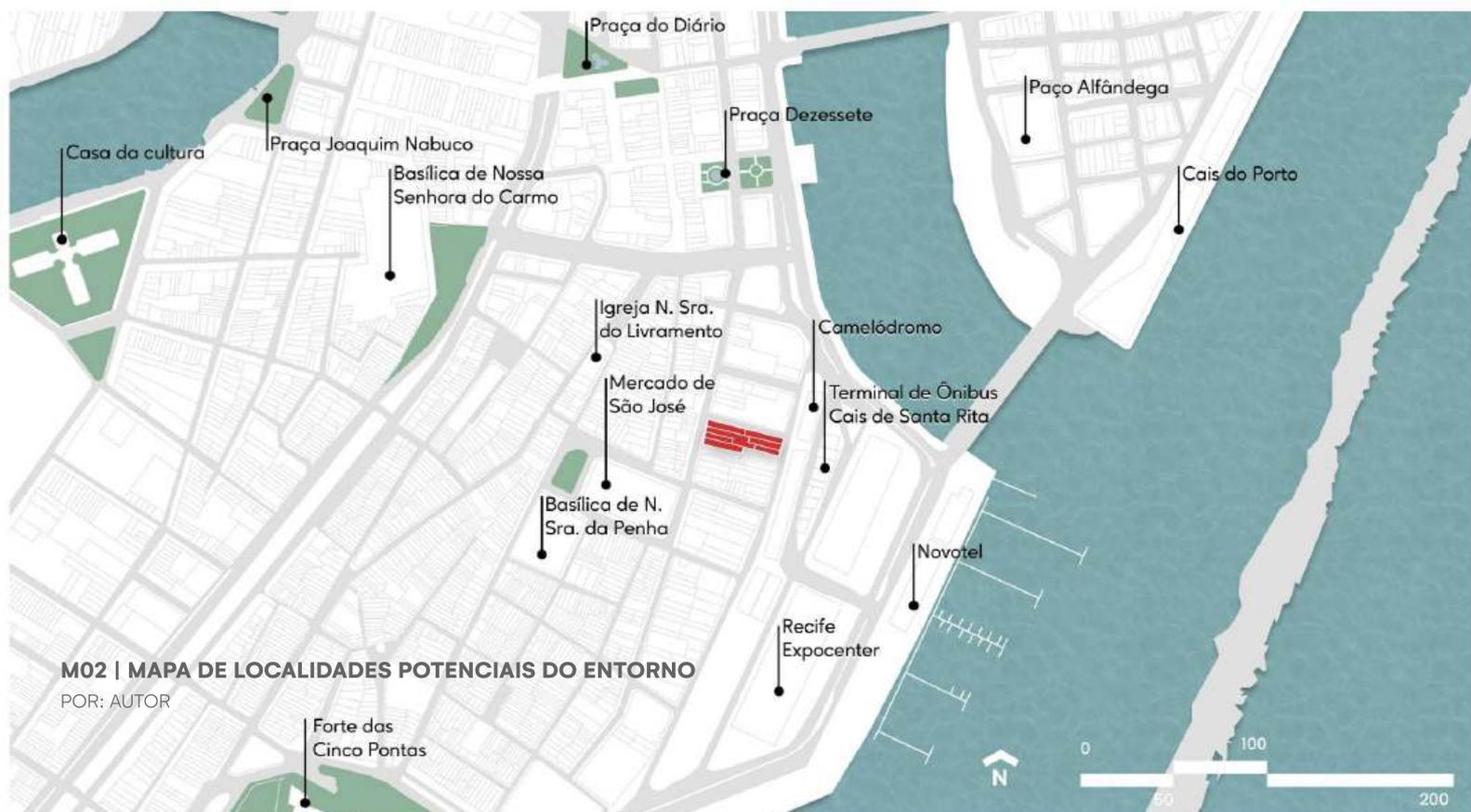
3 . O L O T E



O conjunto edificado identificado como objeto de estudo deste trabalho localiza-se na zona central da cidade do Recife, entre os bairros de Santo Antônio e São José. Situado entre a rua da Praia e o Cais de Santa Rita, forma-se pelas edificações endereçadas com os números 125, 130, 131, 136, 137, 143, 144 e constituem importantes movimentos de transgressões urbana e arquitetônica da cidade. Por encontrar-se em uma área de significativa relevância histórica, dentro da zona especial de preservação do patrimônio histórico-cultural, ZEPH, o conjunto é composto por sobrados antigos de arquitetura tipicamente colonial com influências do barroco e do neoclássico anexados a um galpão logístico que juntos se voltam para um entorno agressivamente descaracterizado.

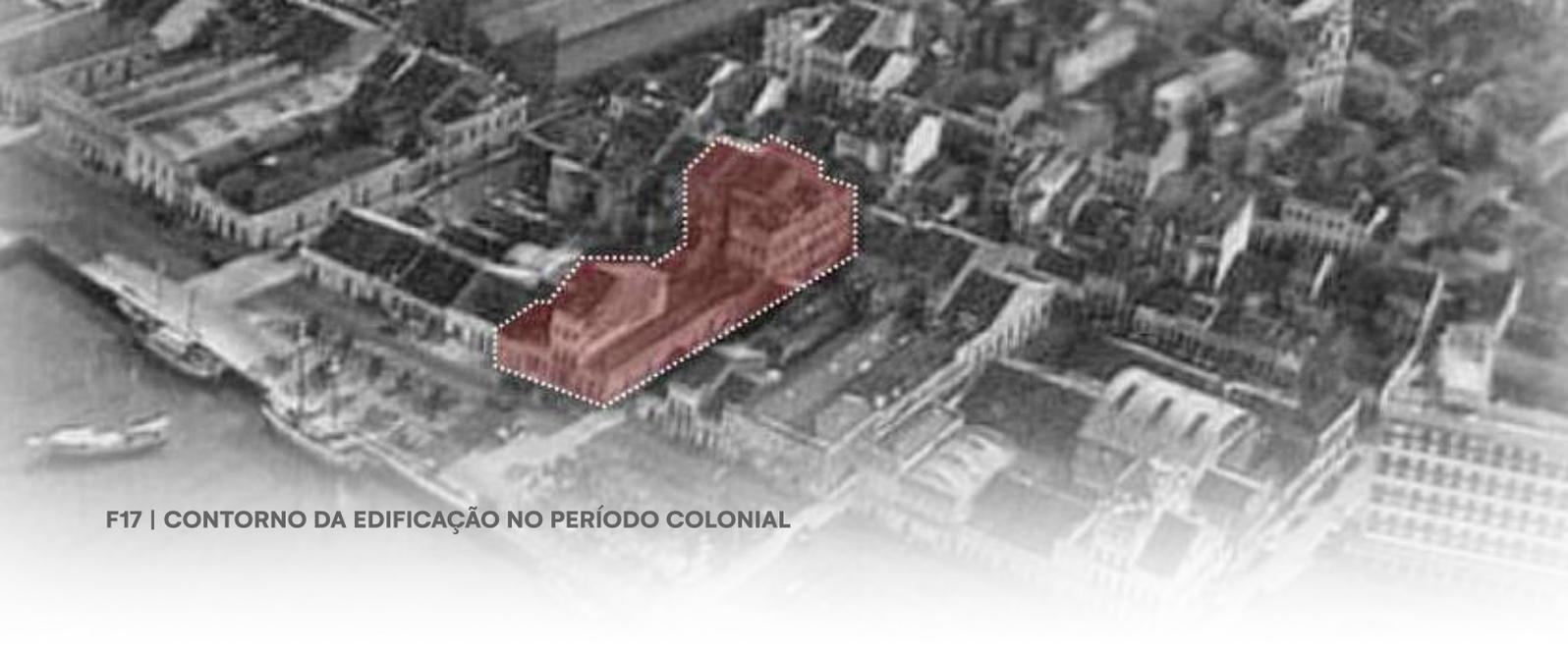
M01 | MAPA DE LOCALIZAÇÃO

POR: ERICK LIMA



M02 | MAPA DE LOCALIDADES POTENCIAIS DO ENTORNO

POR: AUTOR



F17 | CONTORNO DA EDIFICAÇÃO NO PERÍODO COLONIAL

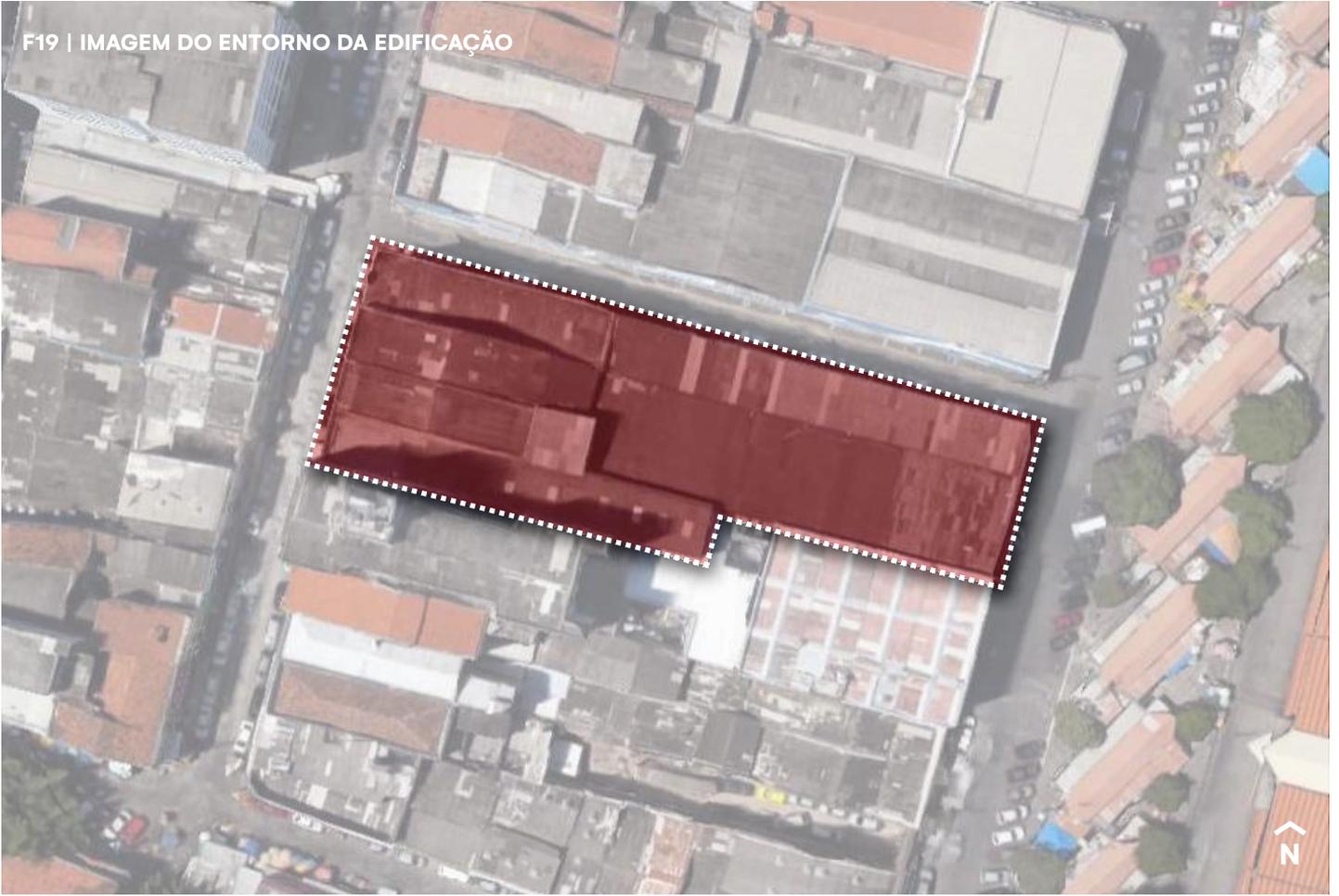
A trajetória das edificações reflete as transformações arquitetônicas e urbanas que marcaram o desenvolvimento do Recife, desde o período colonial até os dias atuais. No entanto, o estado atual de degradação e a desconexão de usos, aliado à presença de fachadas cegas e espaços subutilizados, evidencia a necessidade de uma intervenção âmbito arquitetônico que permita um equilíbrio entre conservação e inovação, visando preservar características históricas que lhes apeteçam, as adaptando às premências contemporâneas urbanas.

O conjunto edificado se apresenta desde os primeiros registros iconográficos do Recife, quando seu entorno era um eixo comercial ativo que conectava o porto às áreas urbanas. Originalmente, as edificações eram caracterizadas por sobrados com térreos comerciais e andares superiores residenciais, refletindo as premissas tipológicas arquitetônicas do período colonial e imperial. No século XX, o conjunto passou por drásticas transformações construtivas devido ao processo de expansão urbana que se alastrava pelo Recife.



F18 | CONTORNO DA EDIFICAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

F19 | IMAGEM DO ENTORNO DA EDIFICAÇÃO



F20 | ESQUINA ENTRE CAIS DE STA. RITA E BECO DO MARROQUIM



F21 | FACHADAS DOS SOBRADOS NA RUA DA PRAIA





D08 | LOCALIDADES POTENCIAIS DO ENTORNO
ADAPTADO DO GOOGLE EARTH

O estado atual tanto interno quanto externo do conjunto reflete um cenário de descaracterização arquitetônica e urbana ressaltado pelas marcas do tempo. As fachadas cegas na Rua do Cais de Santa Rita e no Beco do Marroquim contribuem para a sensação de insegurança e desvalorização do espaço, enquanto o térreo na Rua da Praia, apesar de abrigar atividades comerciais, carece de uma identidade clara e de uma conexão com o entorno. Essa desconexão é agravada pela falta de integração entre os diferentes usos e pela ausência de um projeto que dialogue com a história e a paisagem urbana do local.

Os antigos sobrados em frente ao Cais de Santa Rita foram convertidos em um grande galpão fechado, com fachadas cegas voltadas para a rua, perdendo tanto o potencial de sua função social, como as conexões visuais e funcionais com o exterior.

Já os sobrados da rua da Praia mantiveram, ao menos, seus aspectos arquitetônicos originais preservados. Posteriormente, no século XXI, o local foi remodelado para abrigar uma loja da empresa Luna Ferragens, pertencente ao grupo do Atacado dos Presentes. Assim, teve a estrutura interna completamente modificada e apenas as fachadas e empenas dos sobrados originais preservadas. Essa fragmentação interna, com vedações mal planejadas, resultou em um espaço desconexo e subutilizado, que hoje abriga usos diversos e pouco integrados, como lojas de departamentos, brechós, mercearias, e estacionamentos.



F22 E 23 | COMPARAÇÕES DE 2015 E 2024, RESPECTIVAMENTE



F24 E 25 | COMPARAÇÕES DE 2012 E 2024, RESPECTIVAMENTE

IMAGENS INTERNAS DA LOJA EM OPERAÇÃO, 1985 - 2013

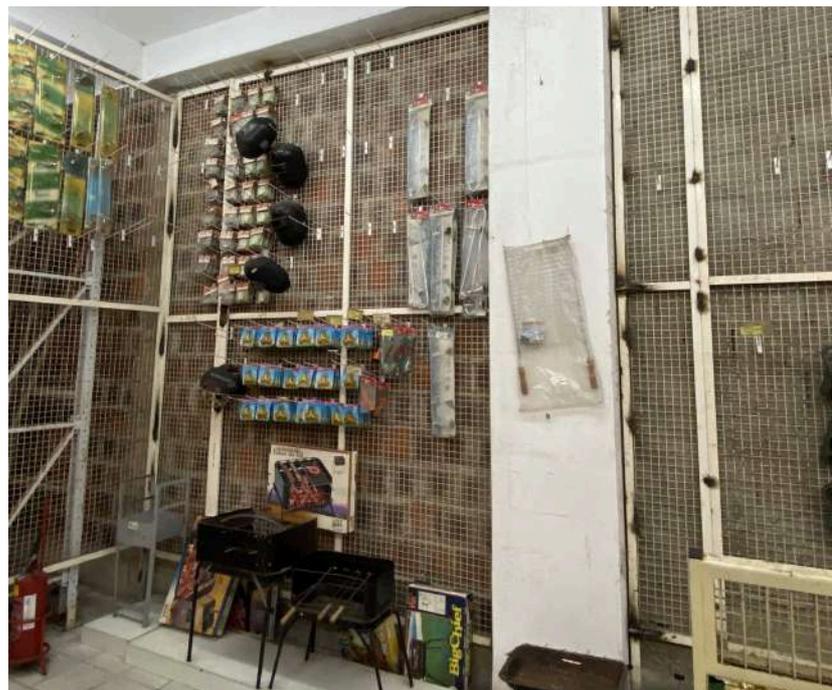


F26 | FOTOGRAFIA INTERNA ATACADO DOS PRESENTES



F27 | FOTOGRAFIA INTERNA ATACADO DOS PRESENTES

IMAGENS INTERNAS: USOS ATUAIS, 2025







M03 | MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO DE INTERVENÇÃO

POR: AUTOR

No entanto, apesar das intervenções, o conjunto possui um potencial singular para se tornar um ponto nodal de integração urbana e fazer parte da vivacidade que o centro necessita resgatar. Dessa forma, compreende-se que uma proposta de revitalização além de ressaltar a beleza construtiva das edificações, possa ser capaz de estimular o comércio de maneira ávida, gerar atratividade para atividades turísticas, reativar o movimento no centro histórico e preservar o patrimônio material e imaterial da cidade.

A proposta de transformar o local em um grande mercado de peixes surge como uma oportunidade para conciliar conservação e inovação ao unir a preservação do patrimônio histórico com os novos aspectos funcionais da modernização comercial, reiterando a concepção espacial das edificações às necessidades atuais sem perder sua essência.

4 . O E N T O R N O

4.1 AS RUAS ADJACENTES

No centro do Recife, muitas ruas já não mais esbanjam a vitalidade que lhes pertenciam e não cumprem a finalidade para que foram idealizadas. Com o ritmo desregulado, o comércio pouco a pouco se define em um compasso que nem os mais tradicionais conseguem manter-se de pé, e caminham gradativamente para longe da funcionalidade que a nova era modernizada trouxe como esperança.

Com as novas formas de transitar pela cidade, a pedestrianização se esvai à medida que os automóveis dominam as vias, a ponto de delimitarem o traçado destas para seu maior benefício, como pode-se perceber no Cais de Santa Rita e em seu entorno. Cercado por estacionamentos, o cais sente paulatinamente uma dificuldade em dar continuidade em suas atividades comerciais para além de seu espaço físico e, calçadas e ruas como o Beco do Marroquim e a Rua da Praia, apesar de próximas territorialmente, afastam-se das dinâmicas que ali ocorrem e ficam inertes à ação do tempo, com apenas o esquecimento lhes englobando.

“ No século XIX, as ruas onde se estabelecem comércio e serviços se configuram através de um zoneamento das diferentes atividades do comércio onde, segundo Gilberto Freyre (2003,p.147) as localizações dos ofícios e atividades industriais e comerciais obedecia principalmente a preocupações do urbanismo; mas também a higiene. Com essas preocupações é que a Câmara Municipal do Recife, nos primeiros anos de Império, limitava à Rua da Praia a venda de carnes salgadas e peixes secos.”

Tese de doutorado, NOBREGA, MARIA DE LOURDES
CARNEIRO DA CUNHA - TODO CAMINHO DÁ NA VENDA:
A A INFLUÊNCIA DO COMÉRCIO DE VAREJO NAS
TRANSFORMAÇÕES FÍSICAS DO ESPAÇO URBANO. OS
BAIRROS DO RECIFE, SANTO ANTÔNIO E SÃO JOSÉ
1970-2006.



F31 | FOTOGRAFIA RUA DA PRAIA



F32 | FOTOGRAFIA BECO DO MARROQUIM

Labirintos, cores, cheiros e sons. Elementos essenciais no início do desenho espacial do centro perderam sua conexão orgânica e, ao invés de integrarem-se ao tecido histórico, apenas delineiam o conjunto apático que é percebido atualmente: lojas tradicionais isoladas, pedestres em um fluxo que demonstra claramente a intenção de não fazer parte ou pertencer ao lugar. Apenas as marcas físicas de edificações históricas lutam diariamente para não deixarem suas lembranças esquecidas.

Ademais, cabe destacar, ainda, que o atual cenário urbano apresentado se molda a partir de um caráter tão inóspito que é incapaz de transmitir a sensação de acolhimento. A acessibilidade, ou melhor, a falta dela, é um desafio que expõe como a sociedade se expressa de maneira hostil para aqueles que mais necessitam de seu afeto, como pessoas portadoras de deficiências físicas, idosos e crianças. A ausência de uma arquitetura inclusiva e democratizada corrobora ao esvaziamento das ruas, que sente o desgaste do decorrer do tempo.

F33 | FOTOGRAFIA BECO DO MARROQUIM



Entretanto, há esperança em termos de preservação: ruas são organismos vivos que fazem a cidade pulsar. Nesse sentido, revitalizar vai além de seu significado literal ou de um mero **restaurar paredes** em determinadas edificações. Revitalizar manifesta o desejo de reativar funções que alimentem a coletividade, ative a ação de imaginar locais como o Cais de Santa Rita e o Beco do Marroquim sendo reconhecidos e utilizados de maneira tal que o público além de usufruir das atividades e serviços ali ofertados, conviva de forma harmônica.

Ruas redesenhadas, percursos sinuosos que levem os transeuntes a apreciarem afetivamente o passeio e a descoberta, sendo convidados a permearem e ocuparem locais antes estranhos. Em devaneios como este, cabe a reflexão de que conciliar modernidade e tradição junto ao respeito da escala humana, talvez reviva o sentido de um centro urbano existir. No fim, tem-se como instigação o entendimento de que centros urbanos não “morrem” por ausência de pessoas ocupando-os, e sim pela falta de essência no desejo de ser ocupado. E cabe às novas formas de expressão urbana mudar esse cenário.



F34 | FOTOGRAFIA CAIS DE SANTA RITA

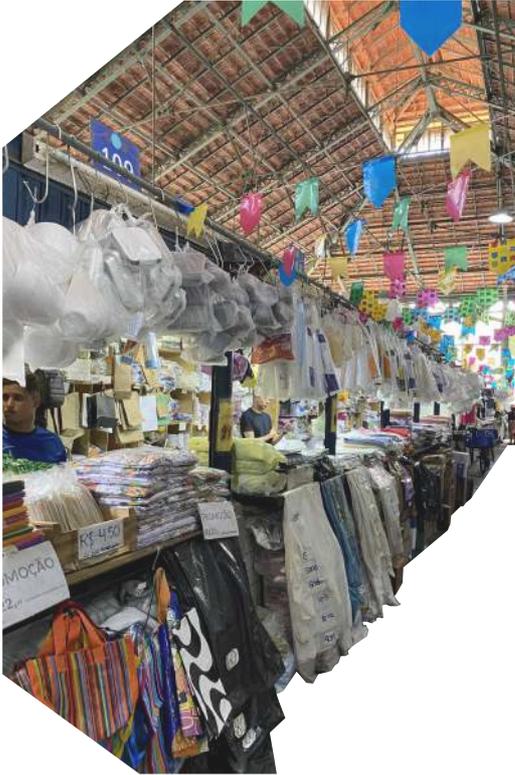
4.2 MERCADO DE SÃO JOSÉ

Localizado na região central da cidade do Recife, no bairro que o nomeia, o mercado de São José se apresenta como um dos principais centros de compras para a população e importante ponto turístico da capital pernambucana, abarcando desde o melhor do artesanato regional até uma grande variedade gastronômica, principalmente de alimentos de origem pesqueira, os quais possuem ligação direta com a memória da edificação

Principiada ao final do século XVIII, a inspiração e motivação para sua construção passa por diversos momentos. Na época, havia o pedido de transferência do mercado de carnes e peixes da região para as proximidades do Convento de Nossa Senhora da Penha, que se localizava no bairro de São José, feito pelos frades que o habitavam para ter o comércio mais próximo. Dessa forma, o mercado foi transportado da Praça do Polé (Praça da Independência, ou do Diário, atualmente) para a zona escolhida, a qual rapidamente ficou conhecida como Largo da Ribeira do Peixe, devido à intensa comercialização de peixes no local. Logo após, em meados do ano de 1872, o projeto caracterizado como um mercado público e concebido pelo engenheiro pernambucano Victor Lieutier e detalhado pelo engenheiro francês Louis Vauthier (autor do projeto do Teatro de Santa Isabel), teve a construção iniciada.

F35 | FOTOGRAFIA COBERTURA MERCADO DE SÃO JOSÉ





F36 | FOTOGRAFIA INTERNA MERCADO DE SÃO JOSÉ

Inaugurado em 1875, surgiu como parte de um projeto de modernização urbana, substituindo o antigo Mercado da Ribeira do Peixe, localizado em uma área portuária onde pescadores vendiam seus produtos diretamente aos consumidores. Originalmente próximo ao porto, o mercado foi estrategicamente construído para centralizar o comércio de pescados, combatendo a especulação de preços praticada por intermediários. Sua estrutura em ferro pré-fabricado, importada da França, foi pioneira no Brasil e refletia os ideais europeus de higiene e organização, substituindo o comércio ambulante disperso pela cidade.

A localização original, próxima à Ribeira do Peixe, foi alterada com o aterramento do Cais de Santa Rita e outras intervenções urbanas, que redesenharam a geografia da região.

Junto a isso, o mercado passou por reformas que modificaram sua configuração plástica mas que mantiveram sua estrutura de ferro íntegra. No ano de 1906 foi feita a retirada de barracas de comerciantes do pátio interno, o qual foi pavimentado e reparado.

Em seguida, meados de 1941, foi construída uma câmara frigorífica para abarcar os produtos comercializados, porém manteve-se desativada. Por conseguinte, em 1950, as venezianas que atuavam como elementos de vedação em madeira foram substituídas por cobogós de cimento visando uma maior durabilidade e resistência perante o clima tropical da cidade do Recife. proposta feita pelo prefeito da época Moraes Rego.

No mais, é importante destacar que nas décadas de 1940 e 1950 o mercado foi palco de diversas manifestações artísticas que atraíam visitantes e frequentadores aos montes, como poetas e compositores recifenses que transformaram o local em cenário para suas exposições, o tornando um recanto agradável mesmo em meio às agitações dos serviços prestados nele.

No auge do seu tempo áureo, o mercado sofreu um incêndio catastrófico que destruiu parte de sua estrutura de ferro, assim como vários compartimentos. A reforma para sua construção tardou cerca de quatro anos, perdurou por um ano e concluiu-se em 1994, fazendo com que a edificação fosse reinaugurada com grande festa. Para manter suas novas características preservadas, foi objeto de uma ação de restauro em meados de 1999 e, atualmente, sofre reparações pontuais que o mantêm resiliente aos acometimentos do tempo.



Apesar de tudo, o mercado manteve a relevância de atuar como polo de abastecimento e, para os peixeiros, tornou-se um espaço vital como meio de renda para comerciantes em seus 24 boxes especializados. Além disso, abriga cerca de 540 lojas que vendem desde artesanato regional até ervas medicinais e artigos para rituais de religiões de matriz africana, o que consolida sua essência como um centro cultural e econômico, expressando um testemunho da relação entre o Recife, o povo e as tradições.

Contudo, o centro do Recife tem passado por um processo de gentrificação no qual novas iniciativas de dinâmicas comerciais modernas concentram-se nas áreas centrais e passam a enclausurar estabelecimentos tradicionais que não adequam suas condições à onda contemporânea. Isso faz com que a paisagem comercial afaste também o público tradicional e torna o centro menos atrativo e convidativo para os consumidores.

Por fim, ainda há os esforços dos comerciantes em preservar a memória cultural e histórica do local, com a promoção de eventos especiais junto às comemorações típicas para manter o vínculo com a população e a atração de turistas.

RELATOS DOS PEIXEIROS COLETADOS NO LIVRO: MERCADO DE SÃO JOSÉ,
HISTÓRIA E CULTURA POPULAR, SINÉSIO ROBERTO, 2005



José Roberto da Silva, Bem-te-vi

Box 87, 86 anos, há 59 no Mercado, vendendo peixe. Foi entrevistado na sua residência, à Rua Dagoberto Pires, 367, Brasília Teimosa - Recife

"Tenho vinte e quatro filhos. Aquele Mercado é santo. Foi de lá que criei e ensinei a ler meus 24 filhos. Estou velho, mas estou feliz, com essa filharada, todos criados. Naquele Mercado tenho os melhores amigos. Anote aí: Microfone, Zé Pirulito, Quinca (compositor), Milton César, Osvaldo Pedrosa, já falecido, e você Baixinho, que sempre me visita. Agradeço a Deus e ao amigo por se lembrar de mim. Aqui em Brasília tem uma avenida com o meu nome, Bem-te-vi, escolhido pelos moradores."

O colega Bem-te-vi é deficiente físico e visual. Aquele abraço, Bem-te-vi!

Djalma Bandeira de Lima

Box 394, trabalha há 55 anos vendendo peixe

"Criei e eduquei dez filhos. Gosto de cultura, da comida e sou apegado a essa gente. Eurico Bandeira de Lima, meu pai, tinha 35 jangadas pescando para vender no Mercado e ganhou um prêmio Prefeitura do Recife como melhor pagador de impostos de 1956. Naquela reforma nós sofremos, mas foi bom. Ficou tudo novo, mas já está precisando de limpeza, pintura e segurança. Só você se interessou escrever um livro contando a nossa história. Quero lhe agradecer."

Milton César dos Anjos

Box 120, trabalhou 70 anos no Mercado, como vendedor de peixe. Foi entrevistado na sua residência, à Rua Delfim, 539, Brasília Teimosa - Recife

"Tenho 89 anos e trabalhei 70 no Mercado de São José, no Box 120. Sou o mais antigo peixeiro contando a história do São José. Digo isto com orgulho, foi de lá que criei e eduquei meus 6 filhos e ajudei a muitos parentes, como Antonio César, Manoel da Benedita e outros. Escreva no seu livro o nome da minha mãe, Maria Adelaide dos Anjos. Quando eu tinha 10 anos, dei-lhe uma banana. Ela, prontamente, pegou a faca e cortou minha munheca.

Isso aqui, que chamo de punho, e acrescentou que exigia respeito."

O Box, hoje, encontra-se com o seu filho César.

Rafael César dos Anjos

Box 371, há 48 anos, vendendo peixe

"Me criei vendendo peixes com meu pai, Milton Cezar. Ele e os 8 filhos lançamos o 1º bote de pesca em Ponta de Pedra em PE, em 1959. Eu vivo e crio meus filhos daqui, com direito a estudar. Sempre gostei dos aniversários do Mercado. Todo ano a gente faz festa. Há 30 anos, direto."

João Feliciano de Santana

Box 392, há 42 anos vendendo peixe

"Sou da família dos Santana e Sabinos, há mais de oitenta anos vendendo peixe. O nosso conhecimento aqui é muito grande, estou representando os mais antigos. Meu pai era conhecido pelo nome de Joaquim Candeeiro. Os meus tios eram Antonio e Mário Candeeiro, porque foram os primeiros a usar luz de candeeiro aqui no Mercado. Essas informações foram de meus avós e parentes mais antigos e eu ficava rindo pela maneira como eles me diziam.

A nossa família é grande. Se somar todos vai dar perto de cem pessoas, ao todo. Tu vai mesmo escrever esse livro, contando nossa história? Meus parabéns, visse? Um abraço da nossa família.

Obrigado a você, Sinesio."

José Severino Neto, Zeca do Peixe

Box 446, vendendo peixe há 36 anos

"Temos quatro filhos criados e educados com rendimentos daqui.

Nasci pertinho do Mercado e desde menino vivo nesse Mercado de São José. Isso aqui, eu recebi do meu pai."

RELATOS COLETADOS PELA ENTREVISTA AOS MERCADORES DE PEIXES DO

MERCADO DE SÃO JOSÉ: 17/03/25 - NETV PERNAMBUCO



F39 | BOXE DE PEIXES NO MERCADO

“Mercado vazio e comerciantes de braços cruzados. Esse é o cenário na área destinada à venda de peixes e crustáceos no mercado de São José no Recife. E justo nessa época de quaresma, quando o movimento costuma aumentar, os comerciantes estão bastante apereados. De acordo com os comerciantes, pelo segundo ano consecutivo, as vendas estão abaixo do esperado.”

Joel, que trabalha há 45 anos no mercado, costumava comprar mais mercadorias para revender nesta época.

“Não adianta pegar não sei quantos quilos, você sabe que **o movimento não está aquelas coisas todas**. E na base com as dúvidas de como vai ser essa quaresma desse ano.

Então a gente tem que ter uma sabedoria, tem que ter um entendimento de como trabalhar, quantos quilos vai ter, e assim a gente vai ver como é que vai acontecer. **Se vendia 100 quilos de um produto, hoje vende 30, 25.”**

Dona Ruth, que trabalha no mercado há 58 anos, diz nunca ter visto uma situação como a que estão enfrentando, com tantos prejuízos.

“Não tenho nada para quaresma. Estou sem condições de comprar, porque **eu não estou vendendo nada. Estou devendo muito e estou só crendo que eu vou arranjar o dedo do pão**, porque o ano passado eu saí daqui, eram as quatro horas da tarde, chorando com lágrimas nos olhos de ver a situação desse mercado São José. **O movimento está muito fraquinho, muito fraco mesmo**, porque o povo não está sabendo que essa parte está funcionando. Muitos poucos estão sabendo, só aquele povo que anda por aqui. Mas o povo de fora, interior, isso, aquilo, outro e tal, está pensando que o mercado está fechado. Só está vendendo aqui dentro hoje quem tem cliente. Se não tiver aquele cliente fiel, aquele cliente facultativo, você não tem mais. Infelizmente tem comerciantes aqui, que às vezes chegam para me pedir uma passagem. Dá para tu desenhar lá a passagem, porque **o cara não conseguiu nem vender um produto para poder ele pegar uma passagem. Isso é a realidade.**”

4.3 MERCADO DAS FLORES “CAMELÓDROMO”



F40 | IMAGEM ADAPTADA DO STREET VIEW, 2015

O Camelódromo do Calçadão dos Mascates e o Cais de Santa Rita sintetizam a complexidade do Recife: uma cidade que busca conciliar inclusão e lucro enquanto o passado e o presente se encontram por meio de suas ruas. Enquanto o camelódromo mostra como a arquitetura pode ser instrumento de justiça social, o Cais e seus pescadores lembram que o "progresso", muitas vezes, apaga vozes ancestrais. Juntos, esses espaços instigam a cidade a repensar as diferentes formas de desenvolvimento que pode abarcar, de maneira tal que garanta a modernidade não como um sinônimo de apagamento, mas de diálogo.

Projetado pelo arquiteto e professor de Arquitetura e Urbanismo Zeca Brandão, em parceria com o arquiteto Ronaldo L'Amour, o Camelódromo do Calçadão dos Mascates, é um dos projetos mais emblemáticos da arquitetura contemporânea da década de 1990 no Recife. Localizado no Cais de Santa Rita, de frente direta ao objeto de estudo deste trabalho, o camelódromo foi concebido como uma solução urbanística para integrar os vendedores ambulantes ao espaço urbano de maneira funcional e esteticamente harmônica ao entorno.

Por tratar-se de um espaço com intensa movimentação comercial e alta relevância para cultura popular, a arquitetura do Calçadão se apresenta como uma adaptação prática das necessidades do comércio daquele contexto urbano. Delineado por um layout simples e funcional em meio a tantas transformações urbanas, o camelódromo reflete a informalidade e a flexibilidade características do comércio de rua sem menosprezar a preservação da identidade cultural da cidade e as interações cotidianas da população,

A presença de bancas e barracas montadas diretamente na calçada ascende uma espécie de "arquitetura popular" que, ao passo que se mostra fluida e efêmera, representa a dinâmica urbana de um espaço em transição contínua à modernidade. Assim, o espaço abriga cerca de 1.600 módulos comerciais, destinados ao número equivalente de comerciantes, e foi pensado para atender a um fluxo diário estimado em 150.000 pessoas.

Com a estrutura principal composta por pórticos de aço, o camelódromo busca remeter aos pórticos históricos do Recife e se unem aos toldos, que cobrem os módulos comerciais e são uma referência aos guarda-sóis indígenas e às lonas dos mercados árabes, elementos que, dentre tantos outros, dialogam com a pluralidade cultural da cidade.



F41 | FOTOMONTAGEM DO CAMELÓDROMO

Conjuntamente, o projeto incorpora torres que relembram e ecoam as igrejas históricas do centro, integrando-o ao patrimônio arquitetônico e histórico local. No térreo há a dedicação à vendas de produtos mais populares e de consumo diário com uma extensa variedade de itens, como roupas, calçados utensílios e serviços de consertos gerais, prezando pelo baixo custo e acessíveis ao público. No primeiro andar foram incluídos depósitos para os vendedores e caixas d'água para garantir a segurança dos itens e a funcionalidade no dia a dia, respectivamente. Dessa forma, o camelódromo mantém viva a tradição do comércio de rua da cidade.

No entanto, hoje encontra-se completamente descaracterizado arquitetonicamente, em decorrência de fatores estruturais e ausência de uma gestão eficaz para garantir que todos os elementos especificados em seu projeto fossem aplicados de maneira adequada.

A concepção do projeto original previa a redistribuição das paradas dos ônibus que circundam o camelódromo para alinhar fluxos de pedestres ao layout pré definido. Contudo, a concessionária responsável acabou por ceder às pressões das empresas de ônibus, que resistiram a afastar os terminais das áreas de maior movimento, fato que culminou no rompimento da dinâmica arquitetada.

Junto a outros fatores, a prefeitura não implementou mecanismos de manutenção ou regulamentação clara, o que dificultou a gestão de organizar o espaço adequadamente, e resultou na transformação do espaço em objeto de barganha política que não continha normas de uso definidas ou fontes de receita fixas (como taxas condominiais ou parcerias privadas). Assim, restou ao equipamento perder sua funcionalidade original.

Quanto aos aspectos relacionados ao uso do camelódromo, destaca-se que o pavimento superior, projetado como um local de armazenamento, figura-se abandonado, enquanto os toldos removíveis e a organização modular foram substituídos por ocupações desordenadas. A infraestrutura, cuja manutenção está bem defasada, deteriorou-se e ressaltou a nuvem de negligência institucional que paira sobre o imóvel.

No mais, apesar de ser reconhecido internacionalmente (com prêmios como a Bienal Pan-americana de Arquitetura), a falta de continuidade nas políticas urbanas e a instrumentalização política do espaço levaram à perda de sua identidade arquitetônica. A degradação atual do camelódromo simboliza junto a um fracasso da gestão pública, a desconexão entre projetos urbanos inovadores e a sustentabilidade prática.



4.4 ANÁLISE DA COMERCIALIZAÇÃO PESQUEIRA



M04 | MAPA DE ANÁLISE PEQUEIRA DO ENTORNO
POR: ERICK DE LIMA / GOOGLE EARTH

A região analisada apresenta uma dinâmica integrada entre pontos de pesca, comércio e clubes de peixes. Os pontos de pesca informal concentram-se principalmente nas proximidades de estruturas como pontes e margens de rios, seguindo um padrão observado em locais como a Ponte Giratória, a Ponte Maurício de Nassau, e a Ponte Buarque de Macedo, locais onde a atividade é historicamente impulsionada pelo fácil acesso e abundância natural de frutos do mar no encontro do Rio Capibaribe com o Oceano Atlântico.

No âmbito comercial, as peixarias predominam na rua do Cais de Santa Rita, formando uma espécie de polo, enquanto o Mercado de São José, como exceção, possui os boxes internos que também comercializam peixes, moluscos e crustáceos. Já os clubes de pesca, estão posicionados na Rua da Praia e no Novotel, áreas que possuem infraestrutura turística e relevante fluxo de pedestres à região.



F43 | BARCO DE PESCA ANCORADO NA AV. MARTINS DE BARROS



F44 | PESCARIA E COMÉRCIO INFORMAL DE PEIXES NAS MARGENS DA AV. MARTINS DE BARROS



F45 | PESCARIA NA PONTE MAURÍCIO DE NASSAU



F46 | LOJA DE ARTIGOS DE PESCA: LONGMA PESCA, RUA DA PRAIA



F47 | CLUBE DE AMADORES DE PESCA VIRIATO DE MEDEIROS, PE 009



F48 | LOJA DE ARTIGOS DE PESCA: PERSICORDAS LTDA, RUA DA PRAIA



F49 | PEIXARIA: TUDO DO MAR, CAIS DE SANTA RITA



F50 | PEIXARIA: DOIS IRMÃOS FRIOS, CAIS DE SANTA RITA



F51 | PEIXARIA: SANTA RITA PESCADOS, CAIS DE SANTA RITA

5. AMEAÇAS CONTRA A CULTURA POPULAR

5.1 MUDANÇAS NO PADRÃO DE OCUPAÇÃO, EM FOCO NO ESTUDO DE CASO DO CAIS JOSÉ ESTELITA

Novo Recife Expo Center abre portas com expectativa de impacto econômico

POR: REDAÇÃO PORTAL

05/08/2024

Compartilhe:    

F52 | NOTÍCIA RECIFE EXPO CENTER

Novotel Recife Marina: reforço para o turismo e comércio náutico no Estado; veja imagens

Aberto para imprensa, autoridades e convidados nesta segunda-feira (1º), Novotel Recife Marina terá inauguração oficial dia 29 de julho.

Por Carlos André Carvalho e Mayse Sena
01/07/2024 às 18:45 | Atualizado em 01/07/24 às 18:46



F53 | NOTÍCIA NOVOTEL RECIFE

Moinho Recife, principal projeto retrofit do Nordeste, anuncia abertura das portas em agosto

27/04/2022

F54 | NOTÍCIA MOINHO RECIFE

Parque público do Cais José Estelita vai dobrar de tamanho após acordo judicial

Com acerto, área pública será requalificada e Consórcio Novo Recife será responsável por recuperar equipamentos históricos e indenizar governo federal.

Por g1 PE
05/06/2024 16h53 | Atualizado há 9 meses

F55 | NOTÍCIA CAIS JOSÉ ESTELITA



F56 | PROJETO DO CAIS JOSÉ ESTELITA

A aprovação do Plano Específico em 2015, em sessão tumultuada e sem ampla discussão pública, consolidou essa visão. A inclusão de áreas públicas, como parques e equipamentos culturais, foi apresentada como um benefício, mas não esconde o fato de que o projeto prevê a construção de torres residenciais de alto padrão, com preços por metro quadrado em torno de R\$ 8 mil, inacessíveis para a maioria da população recifense. Essa dinâmica alimenta o fenômeno da gentrificação, com a valorização imobiliária e o deslocamento de comunidades tradicionais, ameaçando a diversidade social e cultural da região.

A transformação da área, embora apresentada como uma revitalização urbana, pode intensificar o fenômeno da gentrificação.

A inclusão de habitações de interesse social no entorno imediato do empreendimento, a menos de 300 metros dos imóveis, pode não ser suficiente para garantir a permanência dessas comunidades. A atração de investimentos e a construção de empreendimentos de alto padrão tendem a elevar os preços dos imóveis e dos serviços, tornando a região inacessível para os moradores locais. Além disso, a especulação imobiliária é um risco evidente. A criação de infraestrutura moderna e a valorização da frente d'água do Rio Capibaribe podem atrair grandes investidores, transformando a área em um polo de luxo, distante da realidade socioeconômica da maioria da população recifense.



F57 | IMAGEM AÉREA DO CAIS JOSÉ ESTELITA ANOS 2000

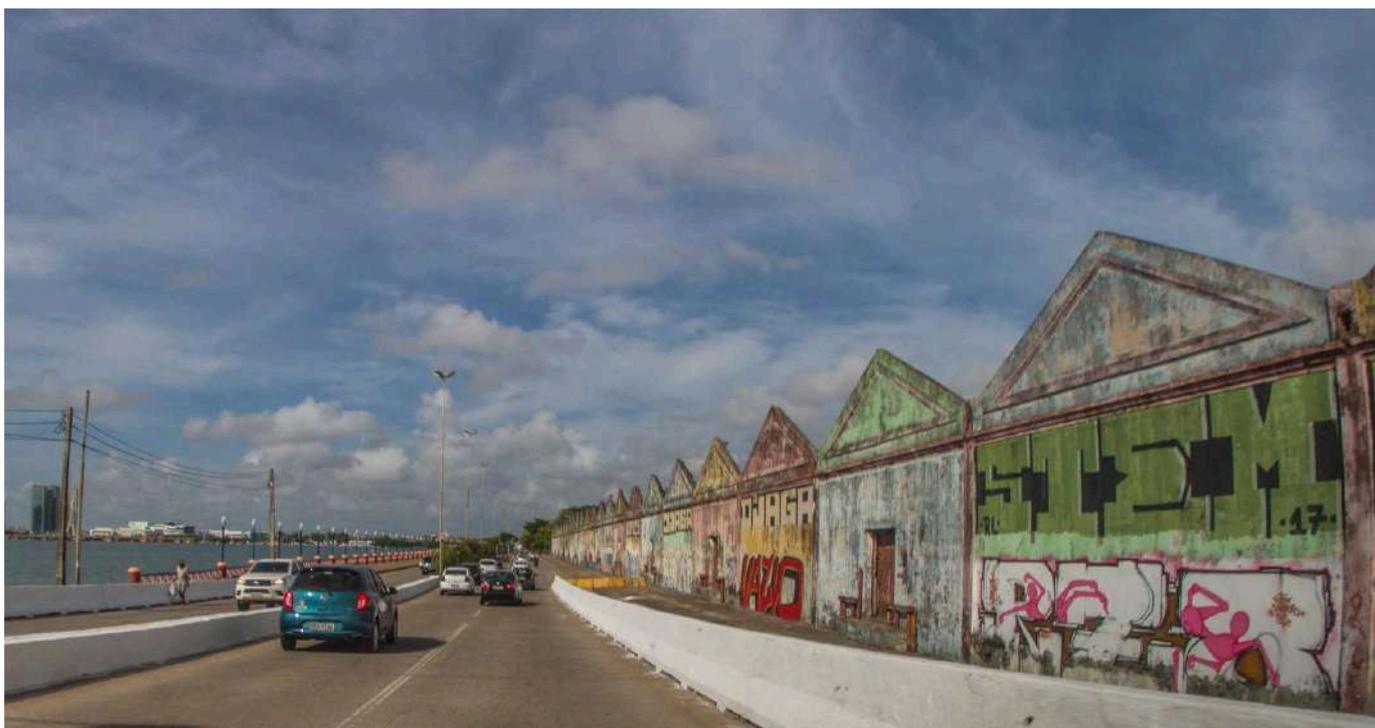
Apesar da proposta de integrar elementos culturais e históricos, como os vagões de trem remanescentes, há o risco de que a cultura popular local seja cooptada ou marginalizada, perdendo seu caráter autêntico em favor de uma estética comercial e turística. A inclusão do Pátio Ferroviário das Cinco Pontas na Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário Brasileiro em 2015 foi uma vitória simbólica, mas não suficiente para frear a transformação do cais em um polo de luxo.

A resistência ao projeto ganhou força com o movimento Ocupe Estelita, que, em abril de 2013, realizou uma ocupação simbólica do cais, promovendo atividades culturais, debates e plantio de árvores.

A mobilização visava chamar atenção para os impactos do desenvolvimento urbano desenfreado e a necessidade de preservar o patrimônio histórico e cultural da região. Apesar dos esforços, em maio de 2014, o Consórcio Novo Recife iniciou a demolição dos antigos armazéns de açúcar, ação que foi rapidamente embargada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) devido ao descumprimento de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC). A demolição noturna, realizada sem aviso prévio, gerou indignação e levou a uma ocupação de 58 dias no local, marcada por confrontos com a polícia e a detenção de manifestantes.

F58 | PROPOSTA DO PROJETO NOVO RECIFE
POR: MOURA DUBEUX





F59 | FOTOGRAFIA AVENIDA ENG. JOSÉ ESTELITA

POR: EULÁLIA GILES

A transformação do Cais José Estelita reflete os desafios de conciliar desenvolvimento urbano, preservação cultural e inclusão social. A gentrificação e a especulação imobiliária ameaçam deslocar comunidades e apagar traços da história e da cultura popular do Recife. Para que a revitalização urbana seja verdadeiramente benéfica, é essencial garantir transparência, participação popular e políticas que priorizem a diversidade social e a preservação do patrimônio cultural, evitando que o Recife perca sua identidade em favor de um modelo excludente de desenvolvimento. A resistência organizada por movimentos sociais e entidades civis demonstra a importância de uma abordagem mais inclusiva e democrática no planejamento urbano, que valorize a história e a cultura local enquanto promove o desenvolvimento sustentável e equitativo da cidade.

5.2 A AUSÊNCIA DE INFRAESTRUTURA EM EQUIPAMENTOS PÚBLICOS QUE ABARQUEM O USO PROPOSTO

Problemas de Infraestrutura em Mercados Públicos e a Realidade dos Pescadores Informais. A falta de infraestrutura e manutenção em mercados públicos compromete não apenas a qualidade do comércio, mas também a saúde pública e as relações sociais. No Mercado de São José, em Recife, questões como a ausência de sistemas de refrigeração adequados nos setores de peixaria geram odores fortes, afastando clientes e criando desconforto para comerciantes e visitantes. Conflitos entre vendedores vizinhos também surgem devido à organização espacial caótica, com boxes improvisados ocupando áreas de circulação, dificultando o acesso e a higiene. Apesar de projetos de requalificação anunciados, como a modernização do sistema de refrigeração e realocação de boxes, a lentidão nas obras e a falta de diálogo efetivo com os permissionários perpetuam esses desafios.



F60 | BOXE DE PEIXES MERCADO DE SÃO JOSÉ
POR: ERICK DE LIMA



F61 | MERCADO DE PEIXES DO PINA

POR: RÁDIO JORNAL

Já o Mercado de Peixes do Pina, outro ponto tradicional de venda, enfrenta problemas ainda mais críticos. Sem investimentos significativos em infraestrutura há décadas, o local carece de condições básicas: iluminação precária, falta de saneamento e estruturas físicas degradadas. A inexistência de um projeto que valorize sua importância histórica e comercial o condena ao gradual abandono, contrastando com seu potencial como polo de abastecimento e turismo.



F62 | PESCARIA E COMÉRCIO INFORMAL À MARGEM DO RIO CAPIBARIBE
POR: RENATA WOGEELEY

A situação é agravada pela realidade dos pescadores informais que atuam nos arredores. Sem acesso a locais adequados para comercialização, muitos vendem seus produtos em condições insalubres, expostos ao sol e à poluição. A falta de cadastramento e incentivos públicos os mantém à margem da economia formal, privando-os de direitos trabalhistas e expondo-os a riscos sanitários. Uma solução viável seria a criação de núcleos especializados, como mercados de peixes estruturados, que densifiquem a comercialização. Esses espaços poderiam realocar vendedores informais e comerciantes em condições precárias, oferecendo ambientes organizados, com refrigeração, higiene e visibilidade, garantindo dignidade e segurança alimentar.

6. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

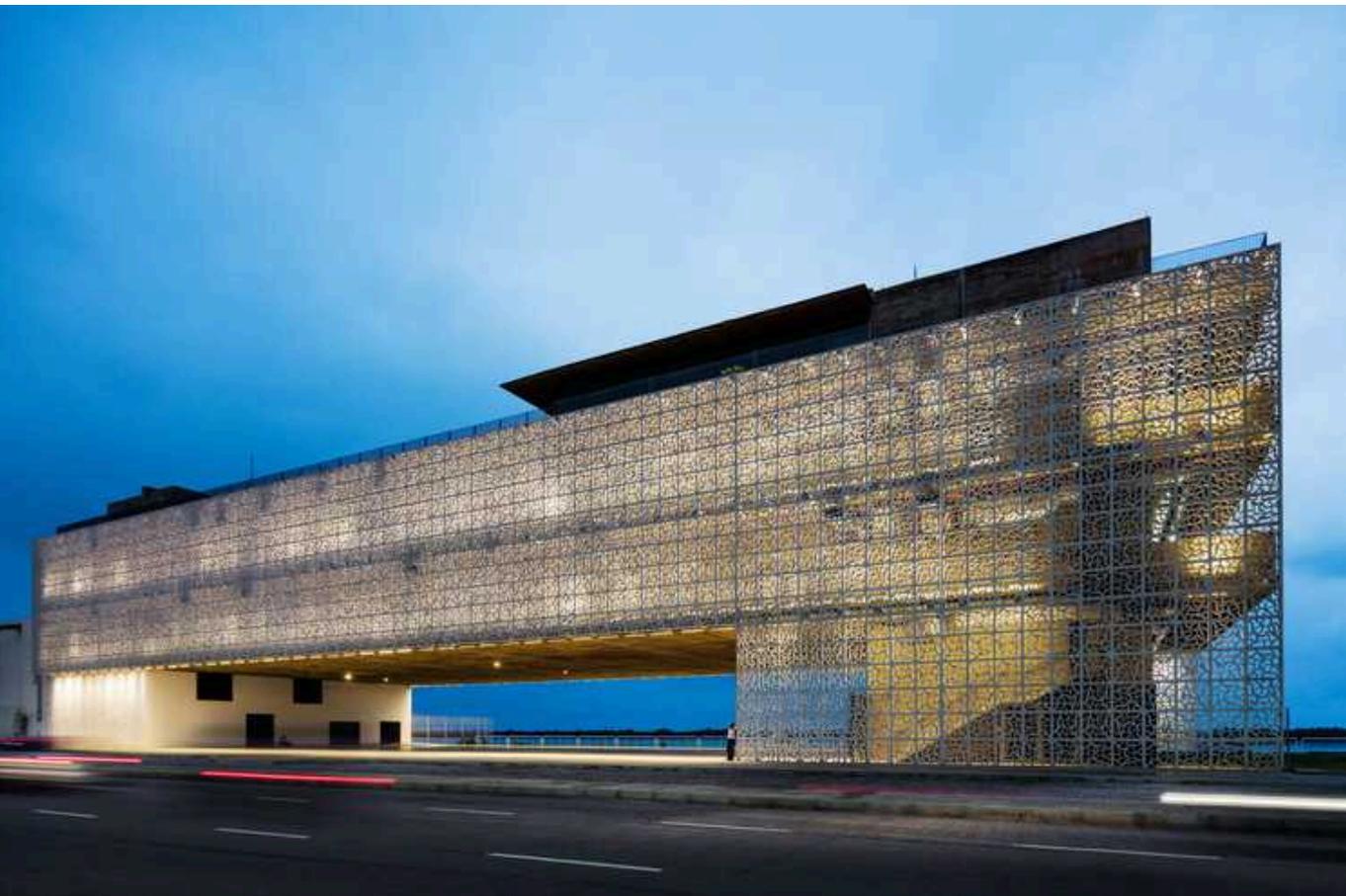
6.1 MERCADO DAS FLORES “CAMELÓDROMO”, RECIFE



F63 | CALÇADÃO DOS MASCATES
POR: REVISTA PROJETO

O Camelódromo do Calçadão dos Mascates é tido como um marco na arquitetura e no urbanismo do Recife, pois representa uma síntese entre tradição e modernidade, funcionalidade e beleza, inclusão e organização. Se apresenta como uma solução sensível ao transformar um desafio urbano em um diálogo arquitetônico inspirador.

6.2 CAIS DO SERTÃO, RECIFE



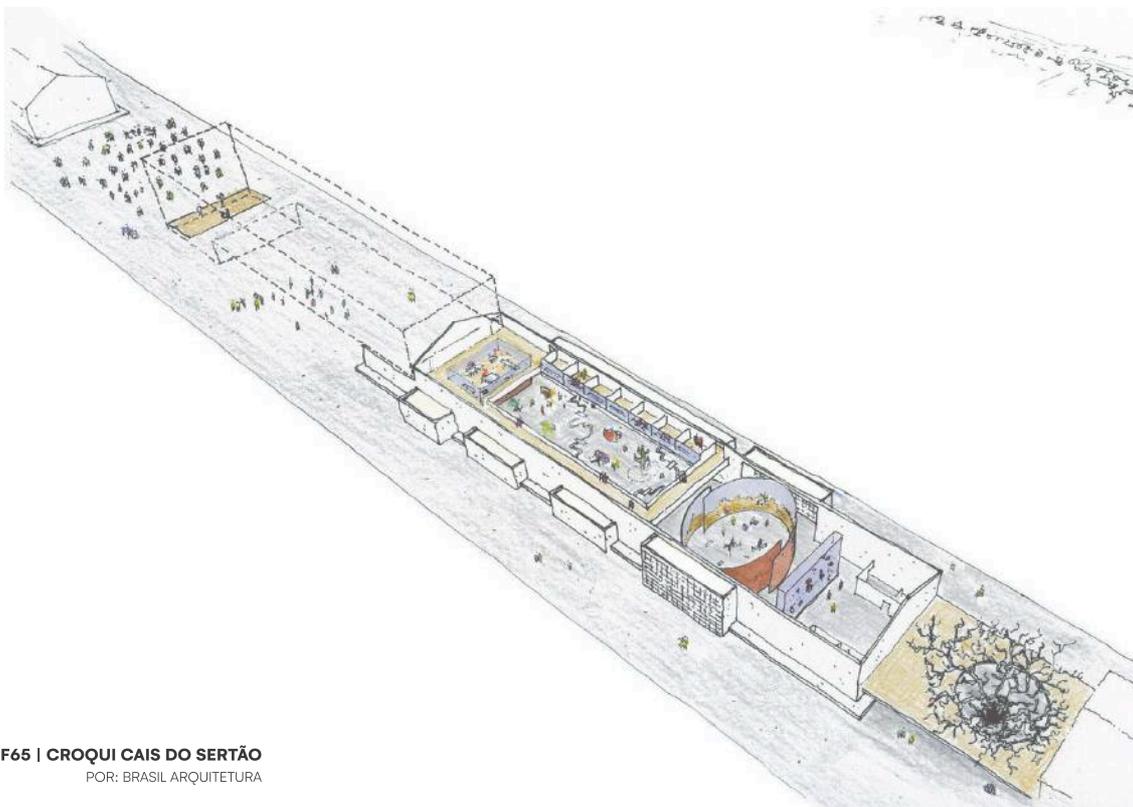
F64 | FOTOGRAFIA CAIS DO SERTÃO

POR: NELSON KON

Realizado pelo Brasil Arquitetura, o projeto do Cais do Sertão, com sua abordagem sensível à memória histórica e sua adaptação ao contexto urbano contemporâneo, emerge como uma das principais referências projetuais para o desenvolvimento do projeto objeto de estudo. O museu, em sua essência, busca reconstituir a conexão entre o passado e o presente, utilizando uma linguagem arquitetônica que evoca elementos tradicionais e vernaculares de forma simbólica, sem recorrer ao anacrônico ou ao pastiche.

Este enfoque, que simultaneamente respeita a memória e inova na forma e no uso de materiais, reflete as intenções do projeto pois ele, à semelhança do Cais, visa resgatar a memória e valores dos comerciantes peixeiros ao passo que se integra à modernidade do Recife.

A abordagem arquitetônica do Cais do Sertão, explora o uso de materiais locais e referências formais sutis, como a madeira e a pedra, ressignifica elementos da construção tradicional do Sertão para criar uma ambientação que, embora nova, é imediatamente legível como parte do patrimônio cultural.



F65 | CROQUI CAIS DO SERTÃO
POR: BRASIL ARQUITETURA

Sua concepção faz uso de materiais rústicos e ao mesmo tempo sofisticados, que buscam referenciar a durabilidade e as texturas do ambiente natural e histórico do Sertão, a exemplo do uso de cobogós gigantes, que criam uma fachada permeável a qual dialoga visualmente com a vegetação da caatinga e o solo rachado da região semi-árida.

Ademais, o conceito de integração com o entorno, observado no projeto do Cais do Sertão, é um ponto essencial a ser explorado no mercado de peixes. O museu se destaca por sua interação fluida com a cidade, com aberturas generosas e um pátio central que conecta os diferentes espaços internos e estabelece uma relação de transparência com o espaço público e a paisagem urbana.

Da mesma forma, o mercado de peixes, situado em uma área central e histórica da cidade, busca a integração do espaço público e privado, criando um ambiente que, à medida que preserva a memória comercial da cidade, acolha de maneira aberta e acessível os frequentadores contemporâneos.

A estrutura orgânica e fluida do Cais do Sertão, com seu diálogo entre espaços internos e externos, também se assemelha à organização funcional do mercado de peixes, promovendo um fluxo contínuo entre os diferentes espaços. A flexibilidade do projeto arquitetônico do Cais, que permite aos visitantes transitar de forma livre e intuitiva. O projeto do mercado inspira-se na espacialização interna para tornar a circulação de clientes e mercadorias fluida e eficiente, sem perder a conexão com os valores históricos de interação comercial direta que caracterizavam os mercados tradicionais.

Por fim, reconhece-se que a estrutura do cais combina um antigo armazém portuário com um novo edifício, reforçando a conexão histórica da cidade com o rio Capibaribe e o mar, além de criar uma "varanda urbana", coberta de 65 m de vão, que funciona como espaço público multifuncional e é voltado para a paisagem externa, unindo-se de maneira tal que não é possível delinear o limite de ambos.

6.3 MERCADO DOS PEIXES DE FORTALEZA

O Mercado dos Peixes de Fortaleza se encontra na Praia do Mucuripe, à beira-mar, o que proporciona aos visitantes uma vista privilegiada do oceano e do pôr do sol. Essa integração direta com a paisagem natural cria uma atmosfera única que combina a vivência do mercado com a beleza do ambiente litorâneo. Um dos seus grandes diferenciais consiste no foco na venda de produtos de pesca artesanal local, como camarões, siris e peixes variados, aspectos esses que reforçam a importância de preservar e valorizar as práticas pesqueiras tradicionais da região, como é o intuito do projeto do Mercado de Peixes no Recife.

Ainda, o Mercado dos Peixes de Fortaleza não se apresenta apenas um local de venda, mas também como um destino gastronômico, com restaurantes que preparam os frutos do mar na hora e ofertam pratos típicos como moquecas, peixes grelhados e outros pratos regionais. Dessa forma, a experiência gastronômica vai além da simples compra do peixe fresco e permite que os clientes se envolvam diretamente na preparação de sua refeição. O mercado do Recife não irá apresentar estas características, entretanto, avalia-se que essa proposta aborda uma dinâmica interessante em explorar formas distintas de como um mercado de peixes pode abarcar uma pluralidade de atividades para atingir um mesmo resultado: gerar um fluxo econômico e ativar a movimentação de pessoas.



F67 | BOX DE PEIXARIA MERCADO DOS PEIXES DE FORTALEZA
POR: TRIPADVASOR





F68 | VISTA AÉREA DO MERCADO DOS PEIXES DE FORTALEZA
POR: TRIPADVASOR

Ademais, o mercado em Fortaleza estrutura-se sobre elementos que favorecem a interação social sem a presença de barreiras físicas entre o mercado e a paisagem urbana, permitindo que o espaço flua naturalmente para a orla. Isso cria um ambiente aberto e convidativo, onde tanto os turistas quanto os moradores sentem-se à vontade para circular, explorar e desfrutar das ofertas gastronômicas. Esse tipo de configuração também é abordada no projeto do mercado do Recife, o qual busca explorar espaços abertos, com esquadrias que se abrem para o exterior e possibilitam a circulação de ar e luz natural, além de facilitar a interação direta com a cidade e com os transeuntes, tornando-se um ambiente convidativo para a exploração cotidiana.

Por fim, destaca-se que ambos os mercados exploram a combinação de cultura, gastronomia e turismo de maneira integrada e harmoniosa, por meio de uma concepção arquitetônica moderna que, ao passo que reverencia a história e as tradições dos comerciantes e peixeiros antigos, resulta em um ponto de encontro vibrante e cheio de identidade para os habitantes e visitantes das cidades.

6.4 MERCADO DE CASA AMARELA, RECIFE

Inaugurado em 9 de novembro de 1930, o Mercado de Casa Amarela é um marco cultural e comercial da zona norte da cidade do Recife. Com 121 cabines de comércio (60 internas e 50 externas), o espaço se destaca pela venda de comidas típicas e regionais, como sarapatel, mungunzá e tapioca, além de contemplar serviços como barbearias e comércio de produtos.

A conexão do mercado com a rua abrange um de seus aspectos mais vibrantes: durante o dia, a área externa abriga barracas que movimentam o comércio local, enquanto à noite transforma-se em palco de eventos culturais, como festas de Carnaval e São João, atraindo moradores e turistas para celebrações que ocupam as vias do entorno. Essa dinâmica faz do mercado um ponto de encontro que integra o cotidiano comercial com a vida social do bairro, assim como busca-se apresentar essas características no projeto do Mercado de Peixes do Recife.

A arquitetura do local reflete a funcionalidade das construções recifenses da década de 1930, com espaços amplos que permitem fluxo contínuo entre o interior e o entorno. A presença do mercado também impulsionou o desenvolvimento do comércio na região, consolidando-se como um eixo econômico e cultural que mantém viva a identidade pernambucana.



F69 | MERCADO DE CASA AMARELA IMAGEM EXTERNA
POR: GIVANILSON BERG



F70 | PEIXARIA AMARAL MERCADO DE CASA AMARELA
POR: TRIPADVASOR



F71 | QUIOSQUES DO MERCADO DE CASA AMARELA
POR: JULIO LEITE

6.5 SEDE DO SEBRAE, BRASÍLIA



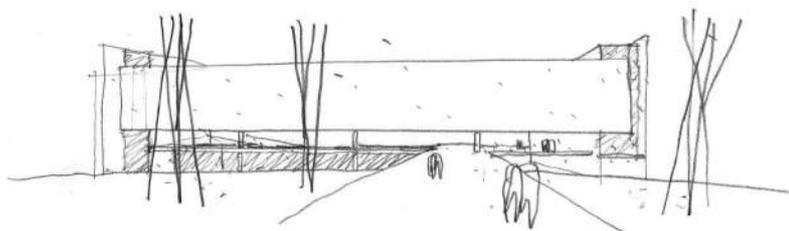
F72 | FOTOGRAFIA DA SEDE DO SEBRAE EM BRASÍLIA
POR: NELSON KON

Projetada pelo arquiteto Luciano Margotto e pelo Grupo SP, prioriza a eficiência espacial e a adaptabilidade, refletindo o pragmatismo da cidade em que está localizada, Brasília. Ambos os projetos demonstram como a arquitetura pode traduzir identidades culturais e funcionais através de soluções construtivas distintas. Dois núcleos de circulação vertical conectam os setores, enquanto o pátio central garante iluminação e ventilação natural.

A permeabilidade visual é fluida e integradora, com varandas e passarelas que conectam os térreos inferior e superior, promovendo transparência entre os espaços. Aspectos estes que o projeto do Mercado de Peixes do Recife buscará abordar na tentativa de se conectar ao entorno por meio de elementos que enfatizem diferentes formas de permeabilidade arquitetônica.

A estética da Sede é marcada por linhas limpas, estruturas metálicas aparentes e painéis quebra-sóis em metal, elementos que contrastam com o céu e a vegetação ao redor. Os escritórios são projetados com pisos elevados e ausência de pilares centrais, permitindo flexibilidade de layout. A expressão arquitetônica valoriza a "plasticidade do aço e concreto", com acabamentos que destacam a eficiência técnica dos materiais empregados.

Além do mais, a edificação respeita o gabarito baixo do contexto que está inserido, integrando-se à topografia do terreno e promovendo a extensão do "chão público" sem obstruir a vista do céu, característica da capital federal.



F73 | CROQUI DA SEDE DO SEBRAE EM BRASÍLIA

POR: ARCHDAILY

6.6 MERCADO DE PEIXES DE SANTOS



F74 | FOTOGRAFIA INTERNA DO MERCADO DE PEIXES DE SANTOS
POR: PREFEITURA DE SANTOS



F75 | VENDA DE PESCADOS NO MERCADO DE PEIXES DE SANTOS
POR: PREFEITURA DE SANTOS

Inaugurado em 2015, o Mercado de Santos, em São Vicente, estado de São Paulo, destaca-se pela organização funcional: boxes amplos e bem distribuídos em formato de grid, o que facilita o fluxo de visitantes e a comercialização de pescados frescos, frutos do mar e produtos regionais. No mezanino, um restaurante panorâmico oferece vista privilegiada do movimento, combinando gastronomia local com experiência visual.

Na edificação, a higiene é um elemento tido como prioridade, com pisos antiderrapantes, sistema de drenagem eficiente e gestão de resíduos integrada, garantindo padrões sanitários elevados. A história da pesca é celebrada através de placas informativas e exposições que narram a tradição pesqueira da Baixada Santista, aspecto que valoriza a identidade cultural local.

Os espaços amplos abrigam eventos sazonais e feiras, enquanto parcerias público-privadas garantem manutenção contínua e revitalizações periódicas, prolongando a vida útil do local. Essa sinergia gera um fluxo econômico vibrante que atrai turistas e moradores e transforma o mercado em polo de comércio, cultura e preservação da memória marítima, assim como objetiva-se propor no projeto do Mercado de Peixes.

7. O PROJETO

“O homem do povo sabe construir, é arquiteto por intuição, não erra; quando constrói uma casa a constrói para suprir as exigências de sua vida; a harmonia de suas construções é a harmonia natural das coisas não contaminadas pela cultura falsa, pela soberba e pelo dinheiro. Ali está a nossa casa. Simples, sem voltas, sem retórica, Uma casa onde é possível viver, e principalmente pensar, onde há espaço para tudo, um espaço cuidadosamente dosado, que vai da cozinha dada como um laboratório químico ao esconderijo para os barbantes e as rolhas usadas.”.

Lina Bo Bardi

Em contraste com as ideias apresentadas pela arquiteta Lina Bo Bardi, os rumos os quais tomaram a cidade do Recife nas últimas décadas retratam uma sociedade disfuncional, marcada pela marginalização de espaços coletivos unicamente para **satisfação dos ideais das lógicas de consumo**. Em substituição aos antigos sobrados com grandes aberturas voltadas para as ruas, a modernização recifense tornou ordinária a existência de edifícios com fachadas cegas que pouco ou nada interagem com seu entorno. Esse fenômeno provocou fissuras culturais em nossa sociedade ao fragmentar a história e impulsionar a ascensão do comércio em ambientes segregados como shopping centers, grandes departamentos varejistas e meios digitais.



F76 | BECO DO MARROQUIM, DÉCADA DE 1950
POR: CARLOS LIMA

Essas estruturas privilegiam uma falsa segurança privada em detrimento à vida pública, simbolizadas pela ruptura da ideia de cidade como espaço compartilhado. Já a “casa simples” conceituada pela “arquitetura intuitiva” de Lina, integrava o espaço às necessidades concretas de seus usuários, vindo a contrariar a dinâmica segregacionista do mercado imobiliário, que homogeneiza a paisagem e sufoca pequenos negócios, fazendo com que lugares onde há a preferência pela funcionalidade humana tenham seus princípios substituídos pela eficiência do lucro. Para isso, resta questionar a possibilidade de resgatar uma harmonia das raízes que restaram da história em meio a uma cidade separatista que silencia as verdadeiras necessidades de seu povo.

7.1 CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO

Baseado em diretrizes que enfatizam a continuidade do tecido urbano, o projeto em questão propõe uma unidade visual que busca uma reabilitação crítica e convidativa num olhar macro, por meio do respeito ao gabarito do entorno próximo. Apesar do protagonismo automotivo no traçado urbano recente, a qualidade espacial não depende unicamente da entrada, saída e curta permanência de usuários em veículos individuais, mas sim da capacidade de seduzir o transeunte a percorrer, criar laços, pertencer e permanecer no ambiente.

Nesse sentido, segundo Kevin Lynch em "A Imagem da Cidade" (1980), elementos como pontos nodais e edifícios âncora são essenciais para a legibilidade urbana, assim como edifícios que se destacam como ponto referencial, seja pela altura ou singularidade arquitetônica, possuem o papel fundamental de guiar e atrair olhares à curta, média e longa distância. Ao atuarem dessa forma, articula-se uma dinâmica social que concentra atividades e gera um magnetismo coletivo impulsionador do usufruto de seu entorno, tecendo uma malha viva e inteligente onde o caminhar deixa de ser uma ideia redutiva de deslocamento para tornar-se narrativa na vida de cada usuário.

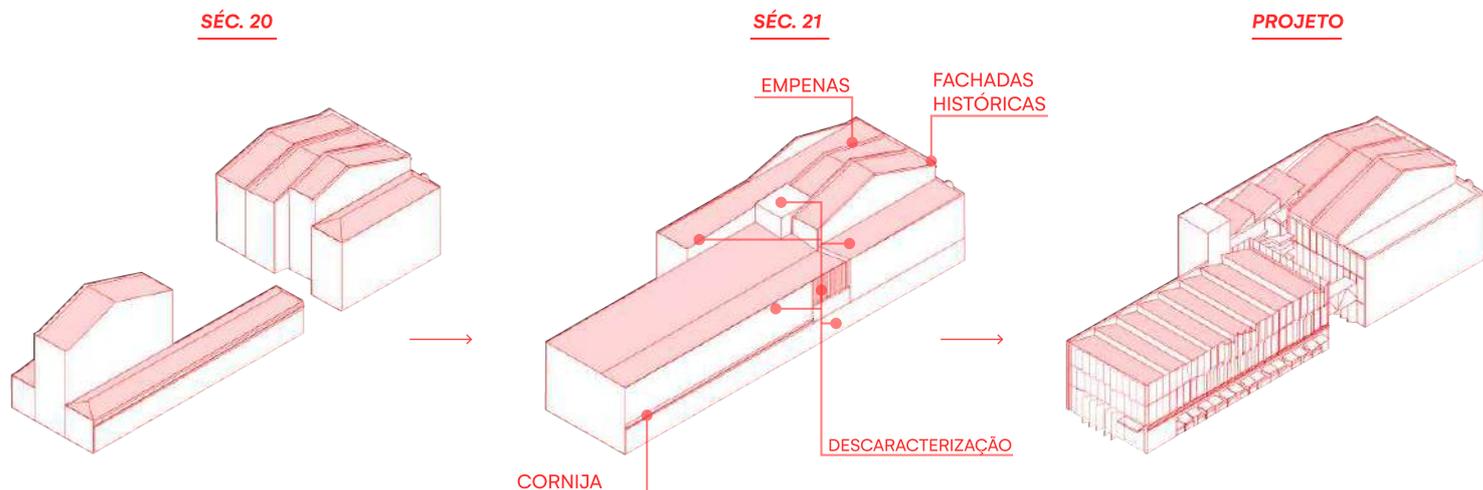


F77 | ADAPTAÇÃO EM IMAGEM DE SATÉLITE
POR: ERICK DE LIMA / GOOGLE EARTH

Em contextos como este, marcados pela desconexão, projetos que resgatam a relação íntima entre passado e presente são um símbolo de resistência em defesa da cidade. Através do conceito de permeabilidade, é possível estabelecer fluxos visuais, físicos e representativos com a rua, utilizando-o como princípio fundamental para revitalizar marcas históricas sem apagar a identidade e prejudicar sua funcionalidade. Dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reforçam que intervenções desse cunho aumentam o uso social de áreas históricas, e evidenciam que a integração entre conservação e permeabilidade preserva a memória e revitaliza economicamente o tecido urbano.



F78 | ADAPTAÇÃO EM IMAGEM DE SATÉLITE
POR: ERICK DE LIMA / GOOGLE EARTH

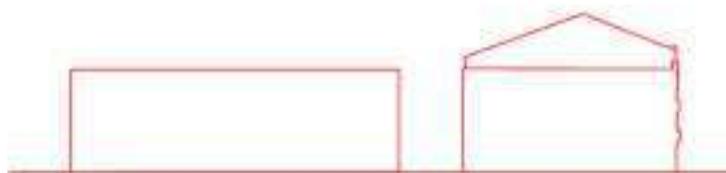


D09 | ILUSTRAÇÃO TRANSFORMAÇÕES NO CONJUNTO
 POR: ERICK DE LIMA

Mediante as transformações históricas do conjunto, a proposta projetual prioriza a conservação e restauro de características arquitetônicas ou morfológicas que ainda permitem um diálogo do entre o passado e o presente. Para isso, realiza-se a reintegração do conjunto à paisagem da cidade e às suas necessidades contemporâneas, assumindo o papel de filtrar e eliminar elementos que contribuem para a descaracterização da autenticidade do espaço.

A princípio, na edificação, necessita-se retomar a marcação das paredes históricas e suas empenas, o que acometerá a recuperação dos seus telhados tradicionais. Ademais, a restauração das fachadas dos sobrados na Rua da Praia junto à relocação da caixa d'água e a remoção das paredes e coberturas inseridas na transição entre os séculos XX e XXI, reforçarão a identidade visual da obra sem fragmentar a individualidade de cada unidade que o compõe.

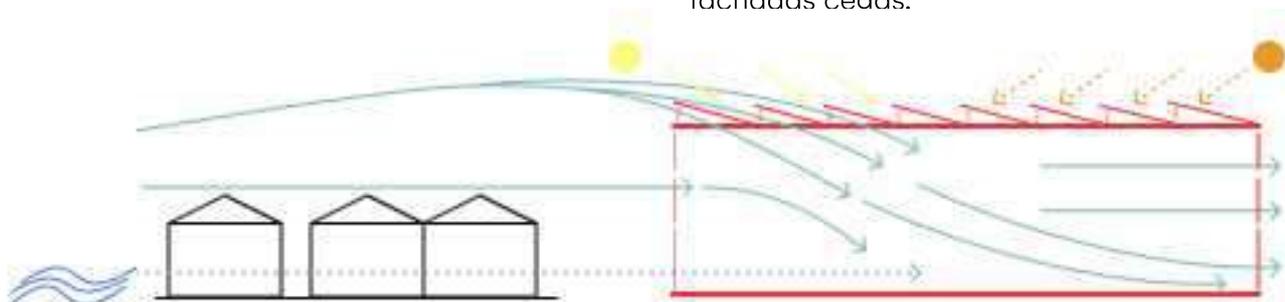
7.2 FORMA E MATERIALIDADE



D10 | CROQUI DA FORMA PROJÉTUAL
POR: ERICK DE LIMA

O anexo retangular é inserido de forma estratégica, seu contraste geométrico puro e visual transparente busca ressaltar a singularidade dos sobrados coloniais compostos por grossas paredes de cal tijolo e cimento, reconfigurando a quadra geminada numa escala humana e evidenciando suas esquinas. Inspirado em princípios de urbanismo tático, o novo volume atua como ponto de contraposição, direcionando olhares e estimulando fluxos a partir de diferentes eixos.

A recuperação parcial do aspecto físico dos sobrados, limitado aos trechos com registro iconográfico a partir de pesquisas fornecidas pelo Museu da Cidade do Recife, resgata, além da forma e cobertura, a tipologia original de seu térreo, conectando a Rua da Praia, Beco do Marroquim e Cais de Santa Rita por um eixo permeável, efervescente ao comércio ativo, restabelecendo a relação entre rua e edifício, aspecto que mitiga a sensação de insegurança gerada pelas fachadas ceas.



D11 | CROQUI CAMINHO DOS VENTOS
POR: ERICK DE LIMA

Com a expansão do Cais de Santa Rita, a ruptura entre o lote e a Ribeira do Recife e seus ventos salinos, estimula-se uma intervenção que abarque de volta a experiência sensorial perdida entre o homem e o mar. Embasado em estratégias bioclimáticas, o projeto integra através de SHEDs, em metal inoxidável, a otimização da entrada de luz natural do sol da manhã e iluminação difusa durante a tarde, e ventilação natural, canalizando os

ventos do leste advindos do Atlântico para o interior do edifício. A materialidade contemporânea da cobertura também contrasta com o resquício histórico, entretanto seu desempenho funcional reflete a lógica de conforto dos antigos sobrados, transformando o edifício em um corpo permeável, na qual possibilita a união da arquitetura regionalista sensível ao clima com os aspectos da memória afetiva deixados por outrora.



F79 | CORTE EM PERSPECTIVA DO PROJETO
POR: ERICK DE LIMA

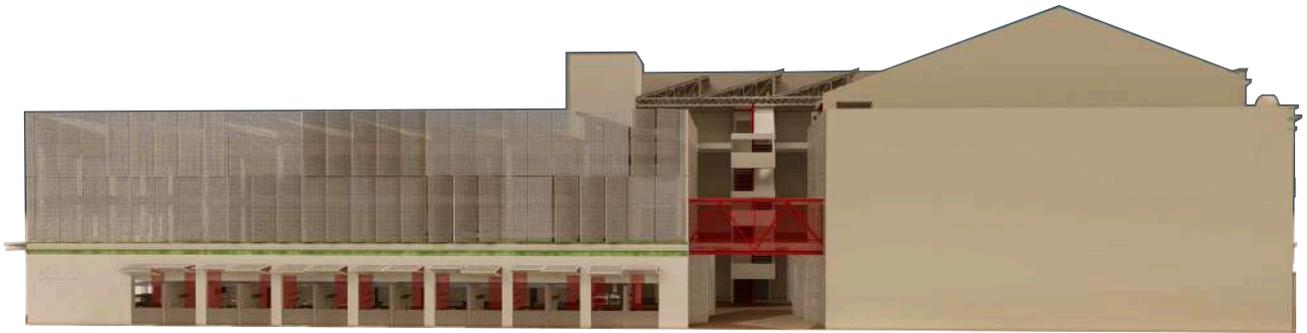
F76 | TELHA SANDUÍCHE DE POLIURETANO
POR: TERMOVALE

A estrutura metálica fundamenta-se ao decorrer da lógica econômica, responsabilidade ambiental e adaptabilidade, já que a estrutura em aço, pré-fabricado, reduz custos com mão de obra e tempo de construção, permite-se também a desmontagem, reciclagem do material, essencial para mutabilidade em áreas que precisam lidar com transformações constantes, como é o caso do objeto em questão. Sua leveza estrutural viabiliza vãos amplos, garantindo espaços internos flexíveis, capazes de abarcar um maior número de unidades de venda e se reconfigurar conforme as demandas ao decorrer dos anos.

As telhas sanduíche, possuem um núcleo termoacústico em poliuretano, fornecendo um isolamento termoacústico, reduzindo o consumo energético com a climatização dos ambientes internos. O desenho modular da cobertura complementa a lógica da estrutural dos pilares metálicos, permitindo maior facilidade no caso de substituições pontuais, danos ou mudanças de uso. Além disso, a combinação desses sistemas favorece a iluminação zenital, integrando estratégias bioclimáticas que elevam o conforto ambiental de modo geral.

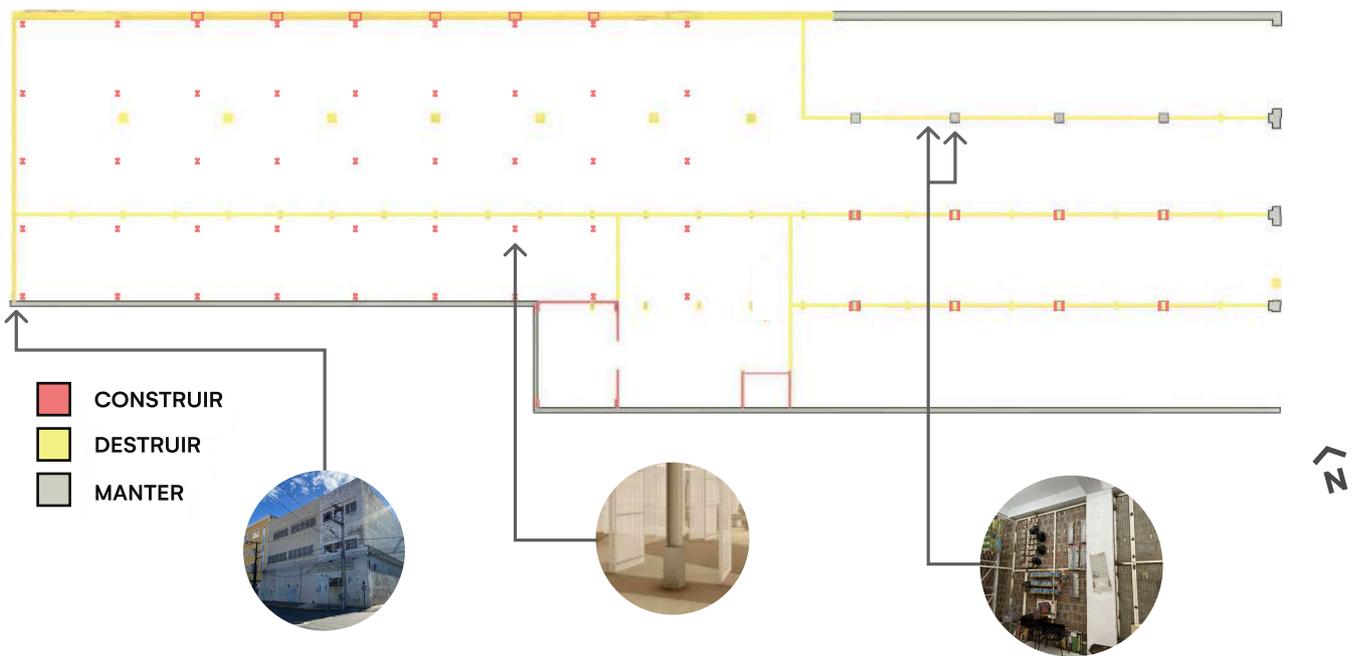


Assim como no projeto da sede do SEBRAE, realizado por Luciano Margotto e o GRUPOSP, as placas de aço corten, sintetizam-se em painéis perfurados que reinterpretam a ideia de galpão portuário e filtram radiação solar, permeando a ventilação e criando, também, um efeito visual de dinamicidade e interação ao público. Ademais, o aço corten contém propriedades como cobre, cromo e níquel, que formam uma camada protetora de óxidos que o torna muito eficaz para resistir à presença da umidade e maresia.



F81 | FACHADA BECO DO MARROQUIM
 POR: ERICK DE LIMA

F82 | REFORMA DA ESTRUTURA E VEDAÇÃO
 POR: ERICK DE LIMA





F83 | MAQUETE DIGITAL
POR: ERICK DE LIMA

7.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Caracterizados pela multiplicidade e democratização, os usos do mercado abarcam a extensão do espaço público em seu interior. Seguindo um viés de higiene, fácil manutenção e valorização da cultura, o projeto integra, a partir do térreo, o mercado de peixes com boxes modulares, utilizados pela população pesqueira local a partir do cadastramento público. Cada boxe comporta bancadas com sistema hidráulico, vitrines e escoamento próximos a cada uma das unidades, garantindo higiene e adaptabilidade. No primeiro andar, encontra-se o espaço de administração; a escola/oficina de gastronomia infantil com cozinhas adaptadas e uma área de eventos com aberturas em vidro, transformando as atividades de culinária regional em vitrines para o espaço de eventos, estimulando cultura e segurança. Enquanto nos pisos superiores, comportam-se as oficinas de gastronomia e um rooftop no último pavimento, prezando pela circulação fluida entre ambientes e os pavimentos.

F84 | MAQUETE DIGITAL
POR: ERICK DE LIMA

PAVIMENTO TÉRREO

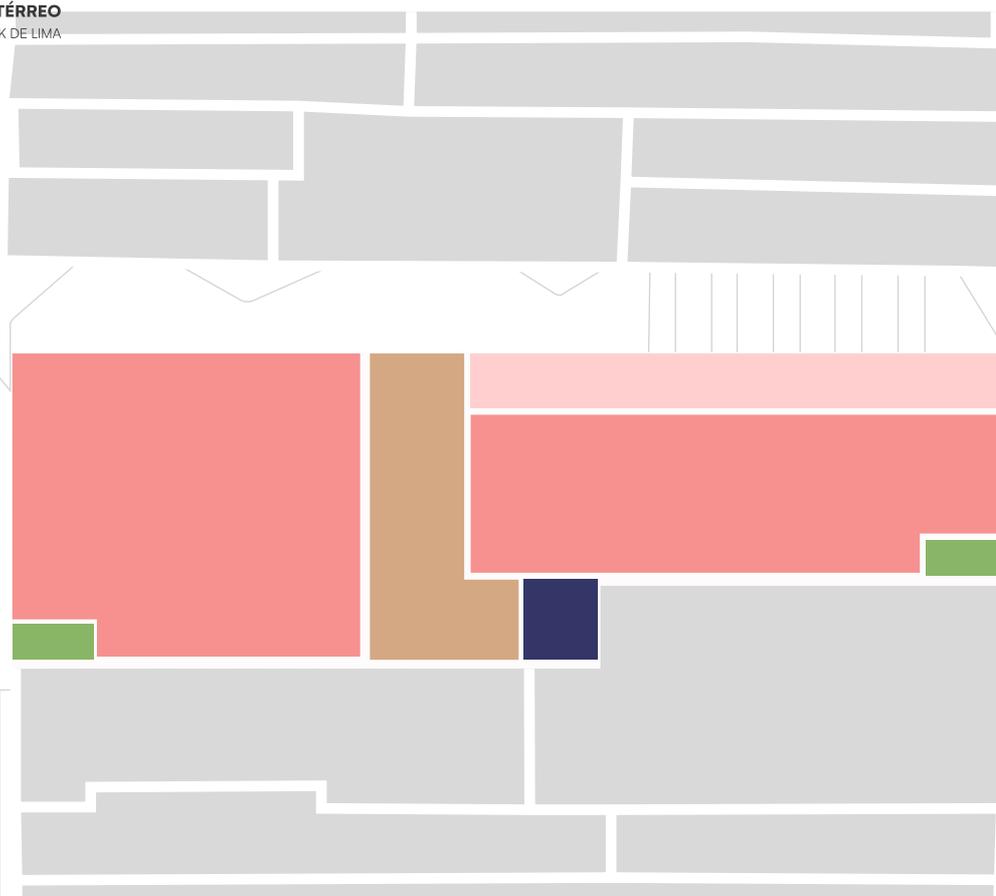


F85 | 3D PAVIMENTO TÉRREO

POR: ERICK DE LIMA / GOOGLE EARTH

F86 | ZONEAMENTO TÉRREO

POR: ERICK DE LIMA



BOXES DE PEIXARIA, MOLUSCOS E CRUSTACEOS - **1.329,5m²**

QUIOSQUES - **214,1m²**

CIRCULAÇÃO VERTICAL E ACESSOS - **234,3m²**

BANHEIROS - **37,3m²**

EDÍCULAS DE LIXO E DESCARTE - **34,3m²**

PRIMEIRO ANDAR

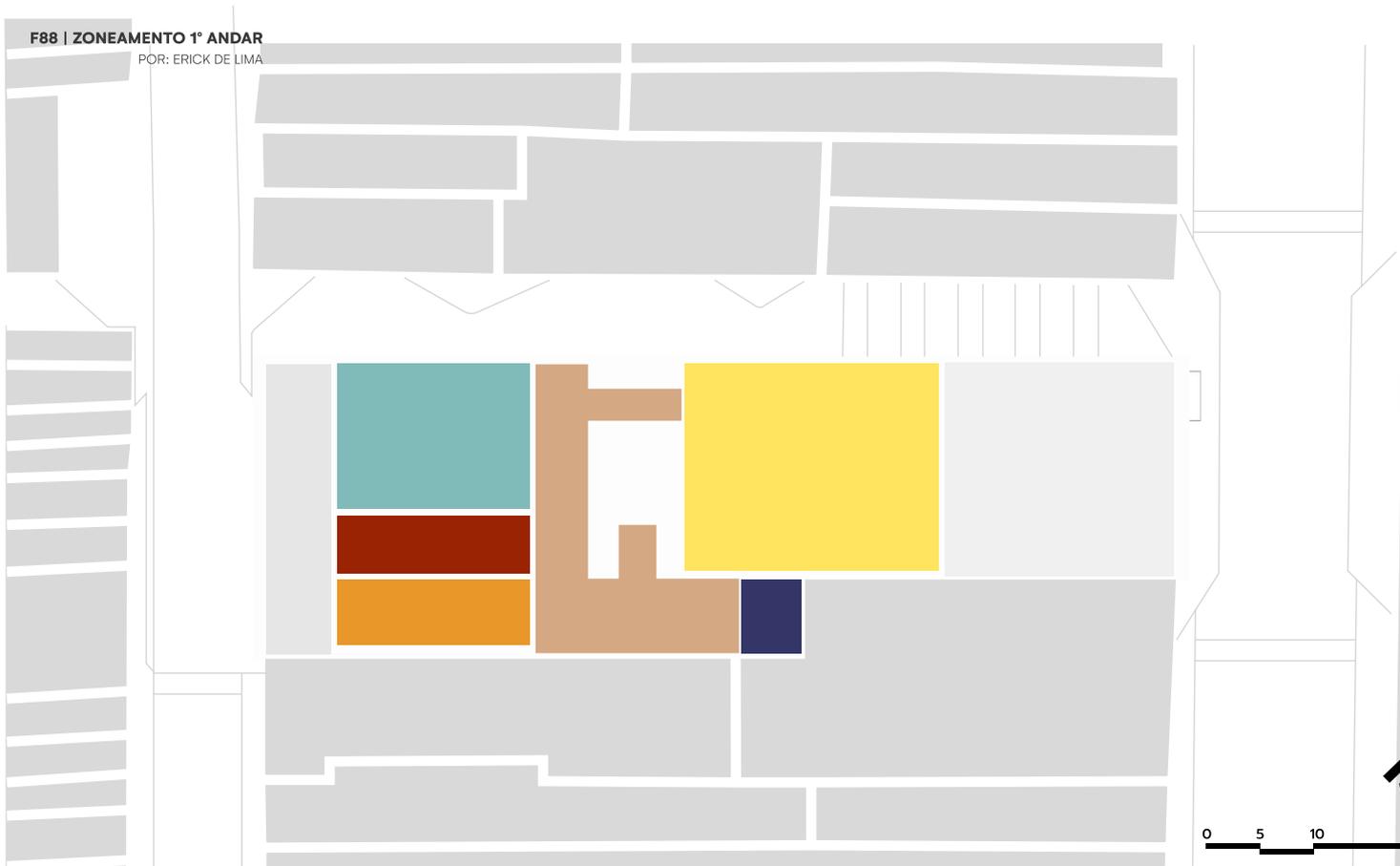


F87 | 3D 1º ANDAR

POR: ERICK DE LIMA / GOOGLE EARTH

F88 | ZONEAMENTO 1º ANDAR

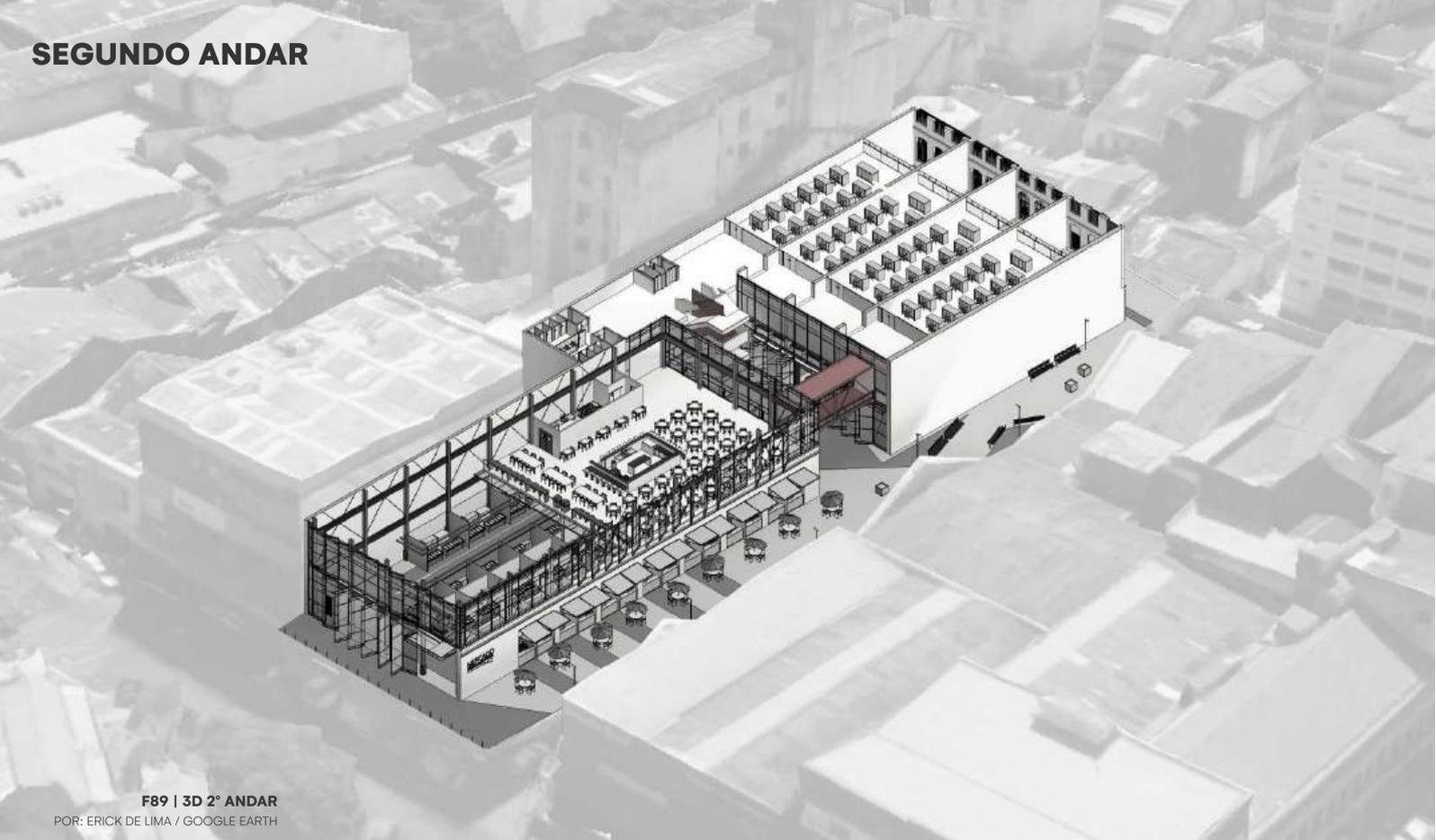
POR: ERICK DE LIMA



- RESTAURANTE MEZANINO - **425,3m²**
- SALÃO DE EVENTOS - **230,6m²**
- CIRCULAÇÃO VERTICAL E ACESSOS - **217,3m²**
- OFICINA DE GASTRONOMIA INFANTIL - **102,7m²**
- ADMINISTRAÇÃO - **118,2m²**
- PAVIMENTO INFERIOR
- BANHEIROS - **37,3m²**



SEGUNDO ANDAR

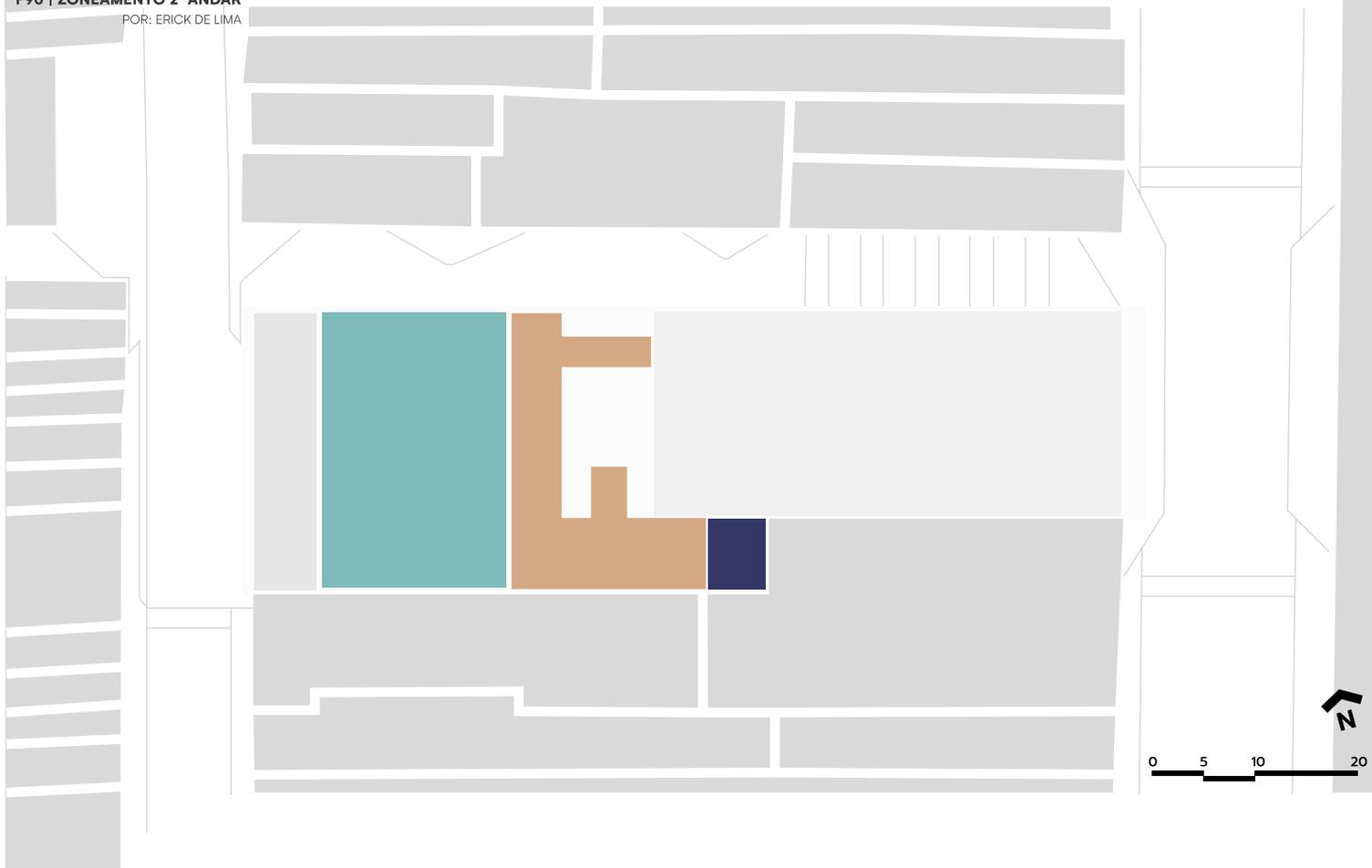


F89 | 3D 2º ANDAR

POR: ERICK DE LIMA / GOOGLE EARTH

F90 | ZONEAMENTO 2º ANDAR

POR: ERICK DE LIMA



OFICINA DE GASTRONOMIA - 451,5m²

BANHEIROS - 37,3m²

CIRCULAÇÃO VERTICAL E ACESSOS - 217,3m²

PAVIMENTO INFERIOR

TERCEIRO ANDAR

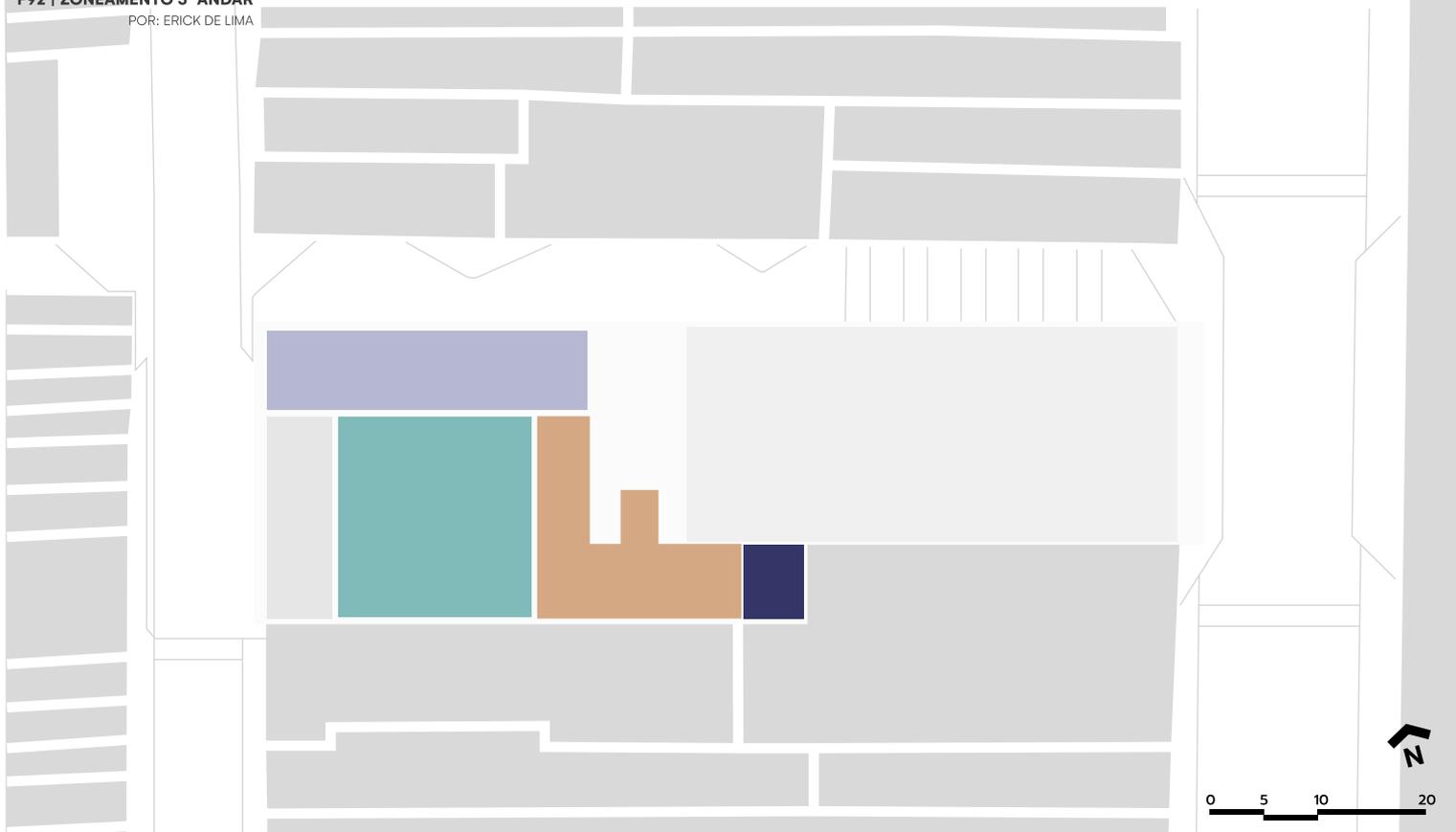


F91 | 3D 3º ANDAR

POR: ERICK DE LIMA / GOOGLE EARTH

F92 | ZONEAMENTO 3º ANDAR

POR: ERICK DE LIMA



OFICINA DE GASTRONOMIA - 332,1m²

ESPAÇO ROOFTOP (INCENTIVO PRIVADO) - 182,1m²

CIRCULAÇÃO VERTICAL E ACESSOS - 78,3m²

BANHEIROS - 37,3m²

PAVIMENTO INFERIOR

7.4 INTEGRAÇÃO COM O ENTORNO

No documentário, “TUDO É PROJETO”
O grande mestre arquiteto Paulo
Mendes da rocha afirma:

“a questão aqui é o seguinte uma
cidade antes de mais nada é uma
construção, a cidade aparece surge
pouco a pouco...”

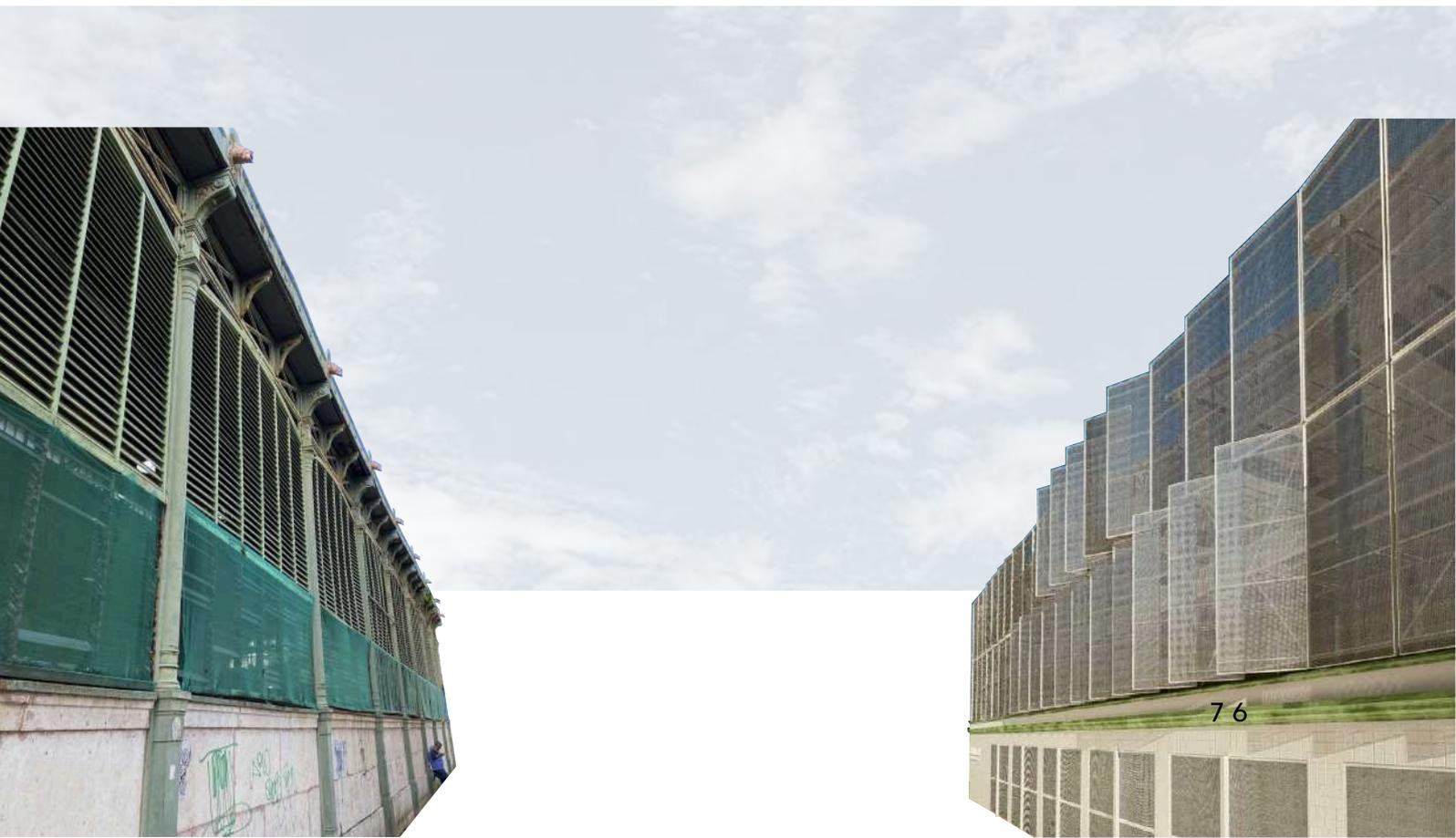
...como é que um faz uma casa
diferente do outro?

Aqui não é diferente, é como literatura é
a mesma coisa dito mais uma vez
capaz de traduzir como nunca te
seduziu antes, a mesma coisa.

Nós estamos condenados a isso, e nós
vamos inventar e reinventar sempre, a
mesma coisa, pra sermos os mesmos.”

Numa concepção estática, o **Mercado de São José** atrai o olhar por suas cores monumentalidade e exuberante estrutura metálica pré-fabricada. A combinação de ferro fundido, arcos, treliças, leveza das colunas, e repetição modular se integram sensivelmente ao entorno, em preocupação às necessidades climáticas e forma, são encaixadas complexidades que relaciona efeitos de permeabilidade da lumínica e da ventilação natural.

A dualidade entre solidez e transparência reflete o respeito aos aspectos que se reinventaram ao decorrer do tempo. A disposição do rigor geométrico de brises e esquadrias, inspiraram uma releitura arquitetônica contemporânea baseada em placas metálicas vazadas com diretrizes semelhantes, contribuindo acerca da reflexão de cores, movimento e interação, permitindo infinitas composições sensíveis ao movimento e a natureza.





F94 | FOTOGRAFIA TERMANAL E CAMELÓDROMO DE SANTA RITA
POR: ERICK DE LIMA

Inspirado na presença marcante da estrutura metálica no entorno, como é o caso do Camelódromo, o projeto propõe uma releitura contemporânea desses elementos. As treliças, tradicionalmente usadas na região para viabilizar projetos públicos e possuir vantagens construtivas como filtros de luz e ventilação, porém ganham nova expressão sutil por meio dos painéis vazados em aço.

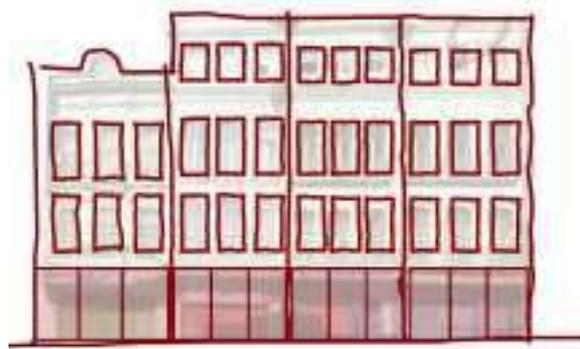
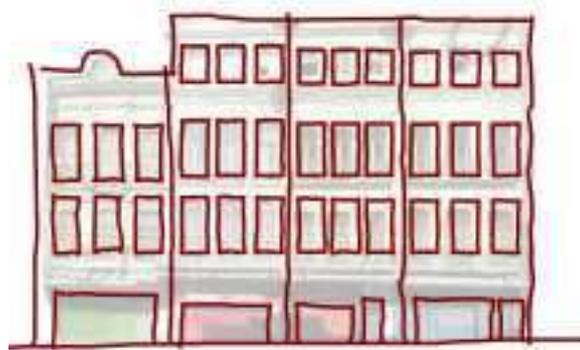
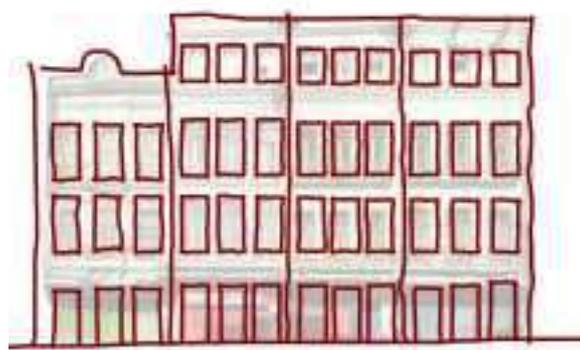
A estrutura metálica também reflete a linguagem urbana do comércio popular, mas é ressignificada em formas geométricas inclinadas e em ritmos verticais, harmonizando com a escala do edifício. Essa abordagem cria uma ponte entre a informalidade do Camelódromo e a da arquitetura proposta, equilibrando uma robustez e leveza de forma inovadora.



F95 | SOBRADOS COLONIAIS NA RUA DA PRAIA
POR: ERICK DE LIMA

A proposta busca resgatar a continuidade das aberturas tradicionais dos sobrados, reinterpretando-a de forma contemporânea. Para isso, painéis deslizantes em trilhos laterais integram se numa sobreposição a linguagem histórica das diferentes camadas por entre as mudanças da fachada. A transparência dos elementos permite que as diferentes épocas coexistam, valorizando a narrativa temporal e mantendo o ritmo original das fachadas.

Visto isso, o edifício procura harmonizar com os sobrados históricos da Rua da Praia, reforçando uma identidade coletiva que ainda está fortemente presente ao decorrer da via. Ao resgatar o ritmo e a proporção das aberturas tradicionais, os painéis deslizantes estabelecem uma linguagem coerente com o entorno.



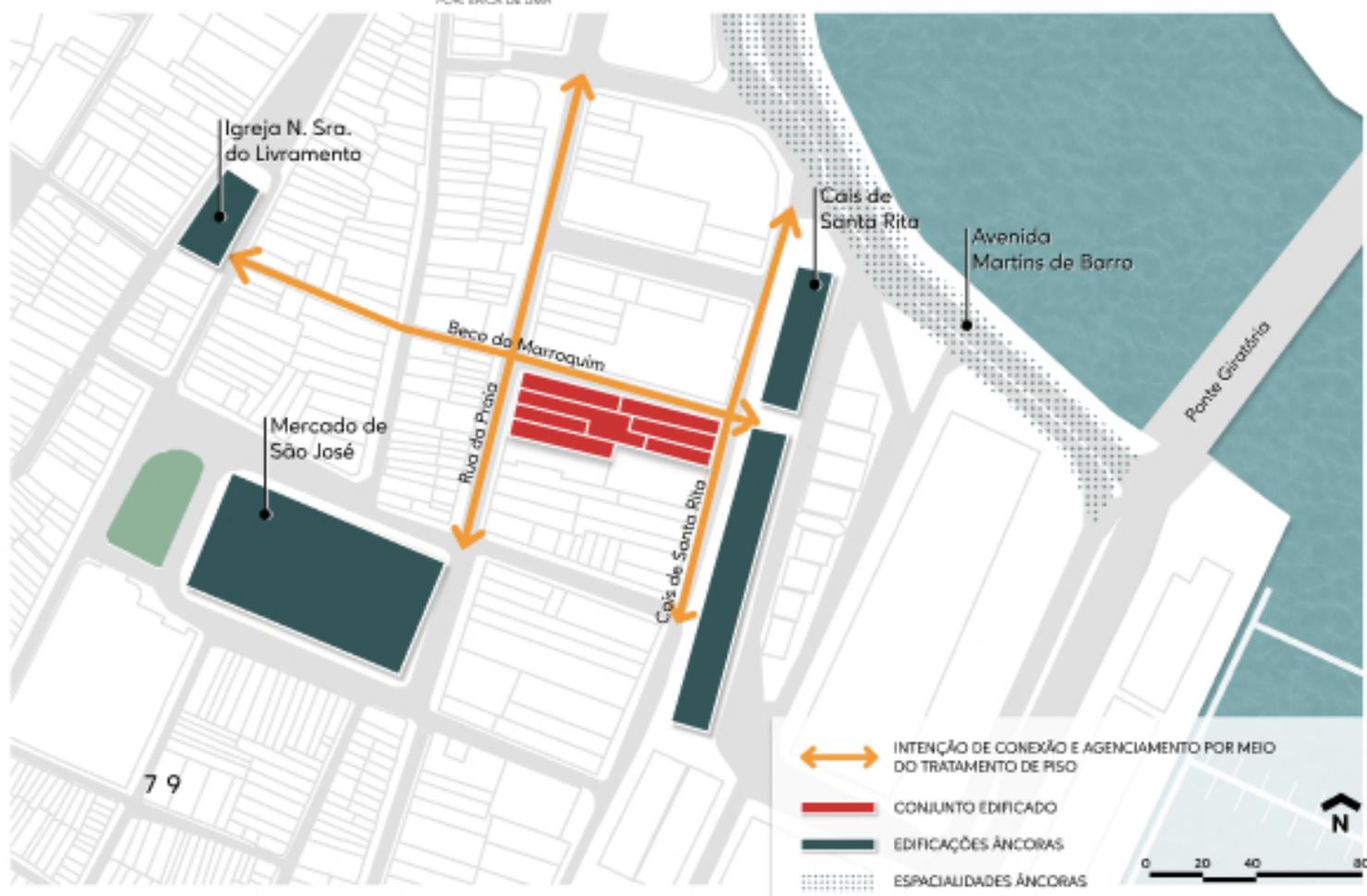
D12 | PROCESSO ESQUEMÁTICO DE ABERTURAS RUA DA PRAIA
POR: ERICK DE LIMA

7.5 DESENHO DE PISO E AGENCIAMENTO DO BECO DO MARROQUIM

A proposta de diretrizes urbanísticas responde à fragmentação do traçado, o Beco do Marroquim, especificamente, cujo se afunila até a Igreja Nossa Senhora do Livramento perdeu-se entre desconexões e descaracterizações. Para a reativação de sua essência como eixo de ligação e descoberta, as diretrizes atuam frentes entrelaçadas de edifícios e elementos âncora.

Dentro desse incentivo, estimula-se pequenas intervenções no percurso como mudanças de piso, criação de espaços de permanência, por bancos espaços sombreados e pequenas praças ou pontos nodais de atração visual, beneficiando o convívio social.

M05 | MAPA DE DIRETRIZES URBANÍSTICAS GERAIS
POR ERICK DE LIMA





F96 | DESENHO DE PISO NO ANTEPROJETO
POR: ERICK DE LIMA

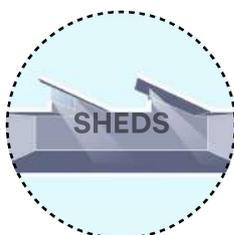
O tratamento do piso o qual serve de modelo para as diretrizes gerais proposto visa, sobretudo, exemplificar o movimento de descoberta da cidade, sendo um elemento de visão serial acerca da continuidade e integração no rés-do-chão. A intervenção proposta ao desenho de piso vinculado ao projeto do mercado de peixes, se materializa por meio da diversidade entre formas irregulares, orgânicas e sinuosas, que se entrelaçam em contraposição ao rigor geométrico das linhas reta, impondo pausas e/ou marcações, convidando à permanência, e enfatizando limites entre espaços.

Essa dualidade morfológica regula velocidades e traduz em plano horizontal as diferentes temporalidades e o jogo compositivo entre estaticidade e dinamismo. Num olhar mais aproximado a conexão entre o espaço interno do edifício à rua, a identidade individual dos sobrados é ressaltada pela variação da cor do piso. Fulget, demarcando fronteiras entre as unidades que outrora possuíram uma divisão, por isso, essa característica é resgatada sem a necessidade de fechar espaços fisicamente, assim, o piso atua como mediador, harmonizando a diversidade do conjunto enquanto reforça a legibilidade espacial.

7.6 DETALHAMENTOS CONSTRUTIVOS



POR: MASTERPLATE



POR: ARCHDAILY



POR: ERICK DE LIMA



POR: BRAMATERIAIS



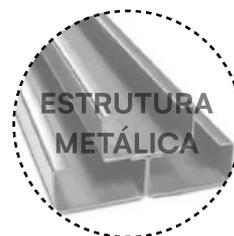
POR: SPEEDDRY



POR: TERMO VALE



POR: GALVAMINAS

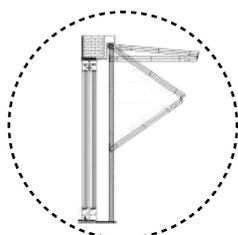


POR: GALVAMINAS

F97 | DETALHES CONSTRUTIVOS GERAIS

Com foco na resistência, durabilidade e segurança, o piso fulget foi aplicado com a intenção de agregar, também, na acessibilidade em torno da edificação.

Já as cobertas somadas aos elementos vazados, transmitem a ideia de amplitude e bem-estar e economia, por meio do conforto térmico e desempenho energético, permitindo também uma permeabilidade visual.



POR: ARCHPRODUCTS



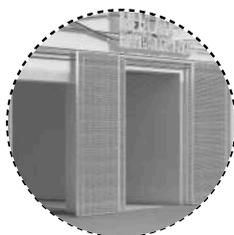
POR: TRIALNAVA



POR: ARCHPRODUCTS



POR: ERICK DE LIMA



POR: ERICK DE LIMA



POR: ERICK DE LIMA

F98 | DETALHES DE ABERTURA

Em detrimento às diferentes necessidades de acesso ou utilização, as placas metálicas possuem aberturas de formas variadas em função do sombreamento,

afastamento da calçada, e proteção de intempéries, tais como, trilhos superiores, giro por braços metálicos e modelo retrátil.



F99 | PERSPECTIVA – BECO DO MARROQUIM
POR: ERICK DE LIMA

“Em 1787, o local onde está instalada a Praça Dom Vital ou Praça do Mercado, no Bairro de São José, chamava-se Ribeira de São José. Ali se mantinha um pequeno comércio de verduras e frutas. Em 1817, o local era descrito assim: um mercado junto de uma igreja...

*...Antes de tornar-se Ribeira de São José, o local era denominado Terreno dos Coqueiros, depois **Ribeira dos Peixes**. Pertencia a Belchior Alves Camelo e a sua mulher, Joana Bezerra, que os doou, por escritura lavrada em 16 de abril de 1655, aos padres capuchinhos.”*

PREFEITURA DO RECIFE

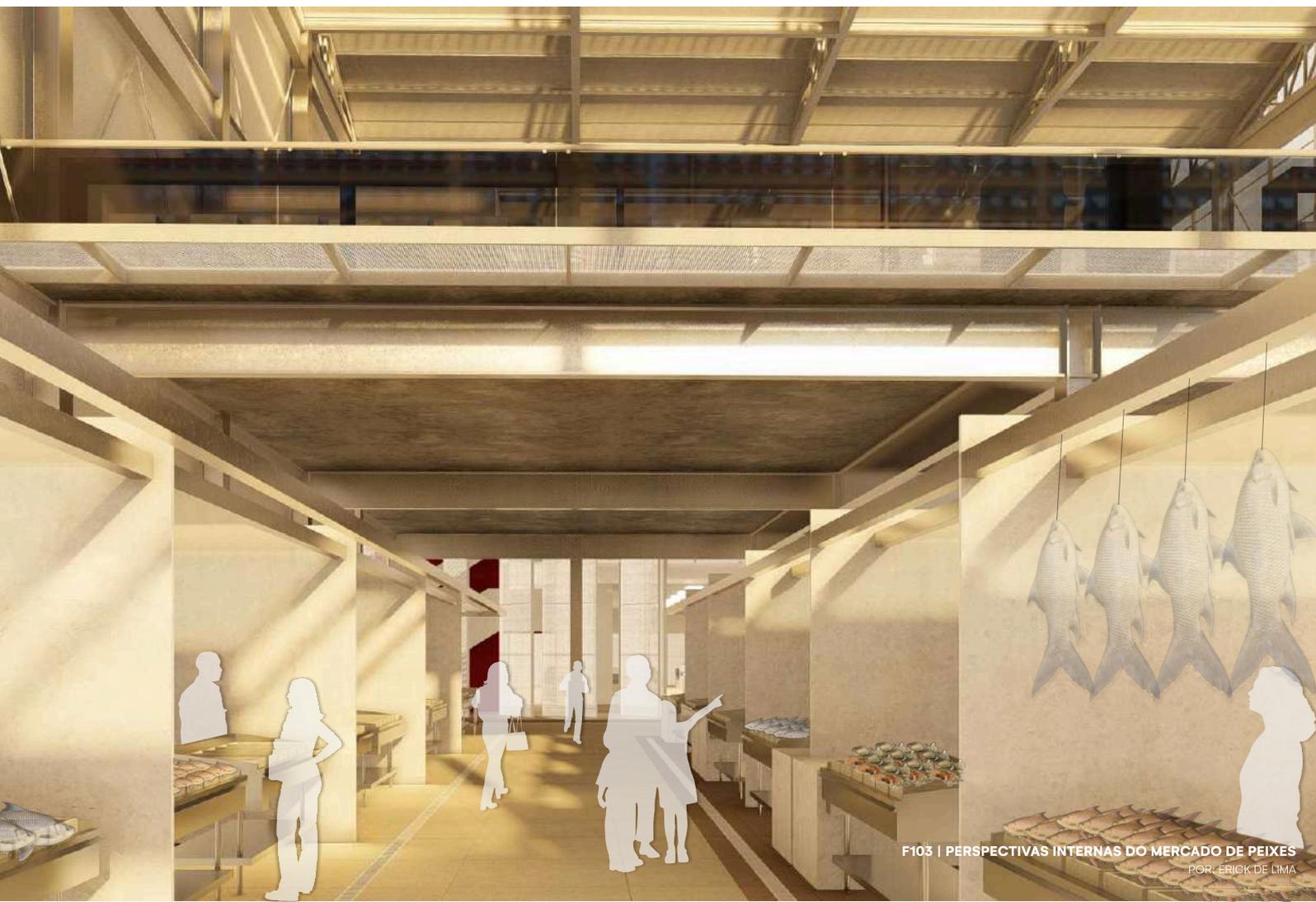
7.7 PERSPECTIVAS







F102 | PERSPECTIVAS INTERNAS DO MERCADO DE PEIXES
POR: ERICK DE LIMA



F103 | PERSPECTIVAS INTERNAS DO MERCADO DE PEIXES
POR: ERICK DE LIMA



F104 | PERSPECTIVA – RUA DA PRAIA
POR: ERICK DE LIMA



F105 | PERSPECTIVAS PÁTIO INTERNO E BECO DO MARROQUIM
POR: ERICK DE LIMA



F106 | PERSPECTIVAS PÁTIO INTERNO E BECO DO MARROQUIM
POR: ERICK DE LIMA



F107 | PERSPECTIVA INTERNA DO MERCADO DE PEIXES
POR: ERICK DE LIMA

7.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradoxo de Teseu questiona a identidade e a continuidade ao longo do tempo, usando a metáfora do navio de Teseu. A história diz que, com o passar do tempo, todas as partes originais do navio são substituídas por novas. A questão é: se todas as partes forem trocadas, o navio ainda seria o mesmo? O paradoxo explora se a identidade de algo está nas suas partes constituintes ou em algum tipo de continuidade essencial, e levanta dúvidas sobre o que realmente define a identidade de um objeto ou ser à medida que ele se modifica.

Ao aplicar o paradoxo no projeto concebido, será possível afirmar que um agrupamento de sobrados coloniais que tornou-se um galpão logístico, poderá destinar-se a ser um mercado de peixes sem deixar de ser o que era?

Este questionamento é indubitável para compreender a pluralidade do objeto, que não caracteriza-se apenas como um mercado, nem tão pouco apenas memória. É a junção de tudo que foi e o que será, assim como a arquitetura como um todo, em que readapta-se todo e qualquer espaço, objeto, em prol de uma vida que nos faz sentido.

Por fim, a concepção do mercado aflora uma profunda conexão entre a cidade do Recife e suas raízes culturais, sociais e históricas, por meio de elementos que resgatam e valorizam sua identidade única.

BEÇO DO MARROQUIM



F107 | FOTOGRAFIA DO BEÇO
POR: ERICK DE LIMA

PROJETO



F108 | FOTOGRAFIA E PERSPECTIVA DO BEÇO DO MARROQUIM
POR: ERICK DE LIMA

RUA DA PRAIA



F109 | FOTOGRAFIA DA RUA DA PRAIA
POR: ERICK DE LIMA

PROJETO



F109 | FOTOGRAFIA E PERSPECTIVA DA RUA DA PRAIA
POR: ERICK DE LIMA

CAIS DE SANTA RITA



F111 | FOTOGRAFIA DO CAIS
POR: ERICK DE LIMA

PROJETO



F110 | FOTOGRAFIA E PERSPECTIVA DO CAIS DE SANTA RITA
POR: ERICK DE LIMA

8 . R E F E R Ê N C I A S

T E Ó R I C A S

COSTA, Yohanne Aguiar. As temporalidades de fluxo no terminal do Cais de Santa Rita a partir dos seus usuários e das articulações estabelecidas na rede de transportes da região metropolitana do Recife. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

JAIME LERNER PLANEJAMENTO URBANO. Relatório do Programa de Circulação do Sistema Integrado de Transporte. Recife: Prefeitura Municipal do Recife: Empresa de Urbanização do Recife. Jaime Lerner Planejamento Urbano, 1977.

LIMA, José Víctor Oliveira. Recife: de quem é a cidade? Revista Caboré, v. 1, n. 6, 2023. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Disponível em: <https://journals.ufrpe.br/index.php/revistacabore/article/view/5254/482484850>. Acesso em: 08 Jan. 2025.

MIGUEL, Francisco Paolo Vieira. WEIMER, Günter (2005). Arquitetura popular brasileira. São Paulo, Martins Fontes. Primeiros Estudos, São Paulo, Brasil, n. 2, p. 189—197, 2012. DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v0i2p189-197. Disponível em: <https://revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/45952>. Acesso em: 09 Jan. 2025.

MONTENEGRO, Gildo A. Ventilação e cobertas. São Paulo: Editora Blucher, 1984.

NÓBREGA, Maria de Lourdes Carneiro da Cunha. Novos caminhos de São José. Universidade Católica de Pernambuco, 2013. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/003-nobrega.pdf. Acesso em: 30 Out. 2025.

NÓBREGA, Maria de Lourdes Carneiro da Cunha. Todo caminho dá na venda: a influência do comércio de varejo nas transformações físicas do espaço urbano. Os bairros do Recife, Santo Antônio e São José, 1970-2006. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

O calçadão dos mascates: camelódromo. Diário de Pernambuco, Recife, abr. 2022. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/opiniao/2022/04/o-calçadão-dos-mascates-camelodromo.html>. Acesso em: 19 Out. 2024.

RECIFE, Prefeitura Municipal de. Código de Urbanismo e Obras, Nº 7427/1961, Recife, 1961.

RECIFE, Prefeitura Municipal de. Lei de Uso e Ocupação do Solo, Nº 14.511/1983, Recife, 1983

RECIFE, Prefeitura Municipal de. Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife, N° 16.167/1996, Recife,1996.

RECIFE, Prefeitura Municipal de. Plano Diretor do Município do Recife, N° 17.511/2008, Recife, 2008.

RECIFE, Prefeitura Municipal de. Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade do Recife, N° 15.547/1991, Recife,1991.

RECIFE, Prefeitura Municipal de. Revisão do Plano Direto do Município do Recife. Recife, 2004, pp. 42. Disponível em< <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/planodiretor/>> Acesso em: 17 Nov. 2024.

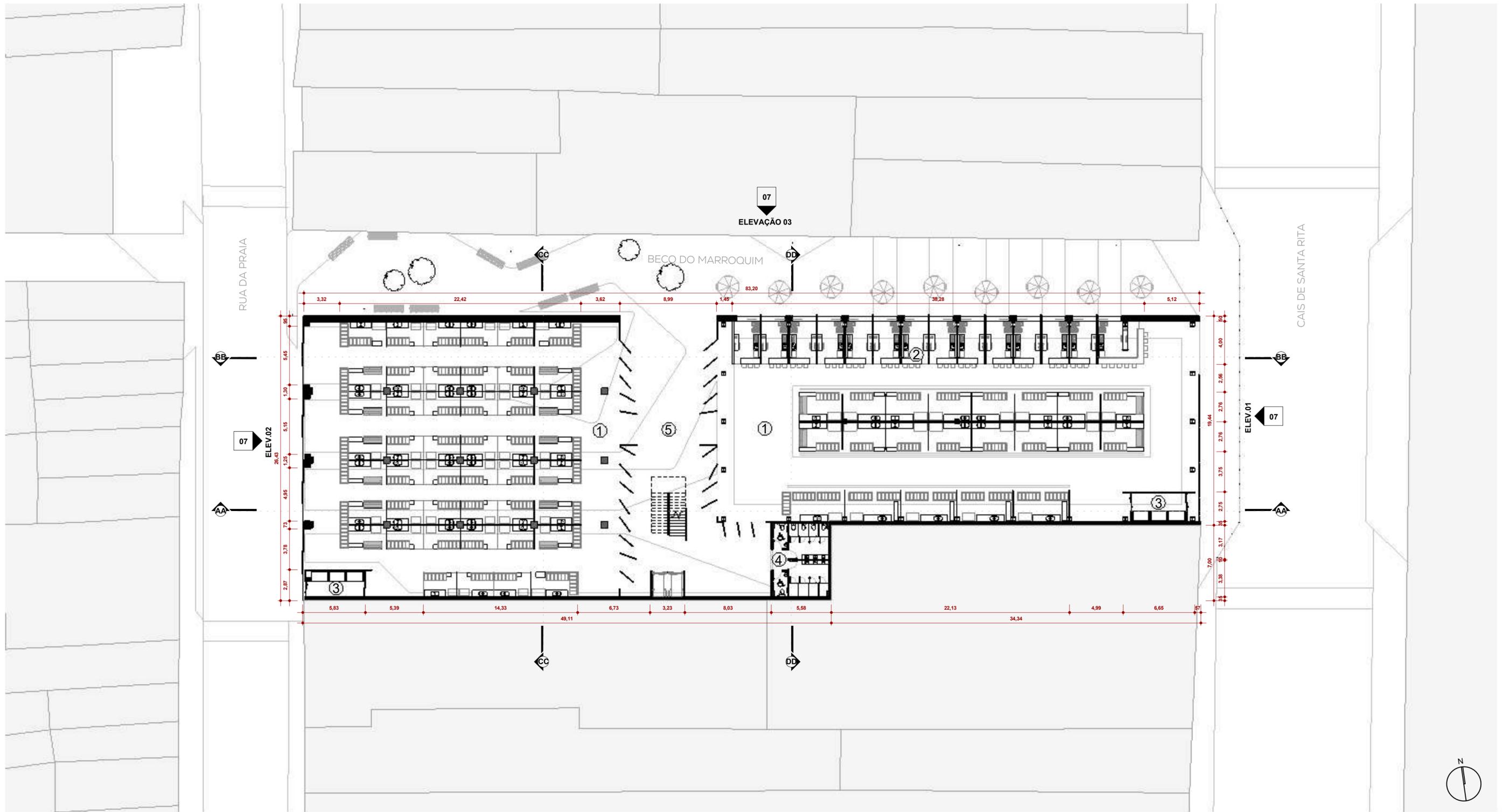
RECIFE, Prefeitura Municipal de. Diagnóstico do Plano Direto do Município do Recife. Recife, 2004. Disponível em http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/planodiretor/diagnostico_ii.html Acesso em 18 Nov. 2024.

RECIFE, Prefeitura Municipal de. ortofotocartas 2013. Recife, 2013. Recife de Antigamente, Fotos antigas. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/>. Acesso em: 07 Jan. 2024.

ROBERTO, Sinésio. Mercado de São José: história e cultura popular. Recife: Edições Bagaço, 2005.

SILVA, Geraldo Gomes da. O mercado de São José. Recife, Fundação de Cultura Cidade do. Recife, 1984.

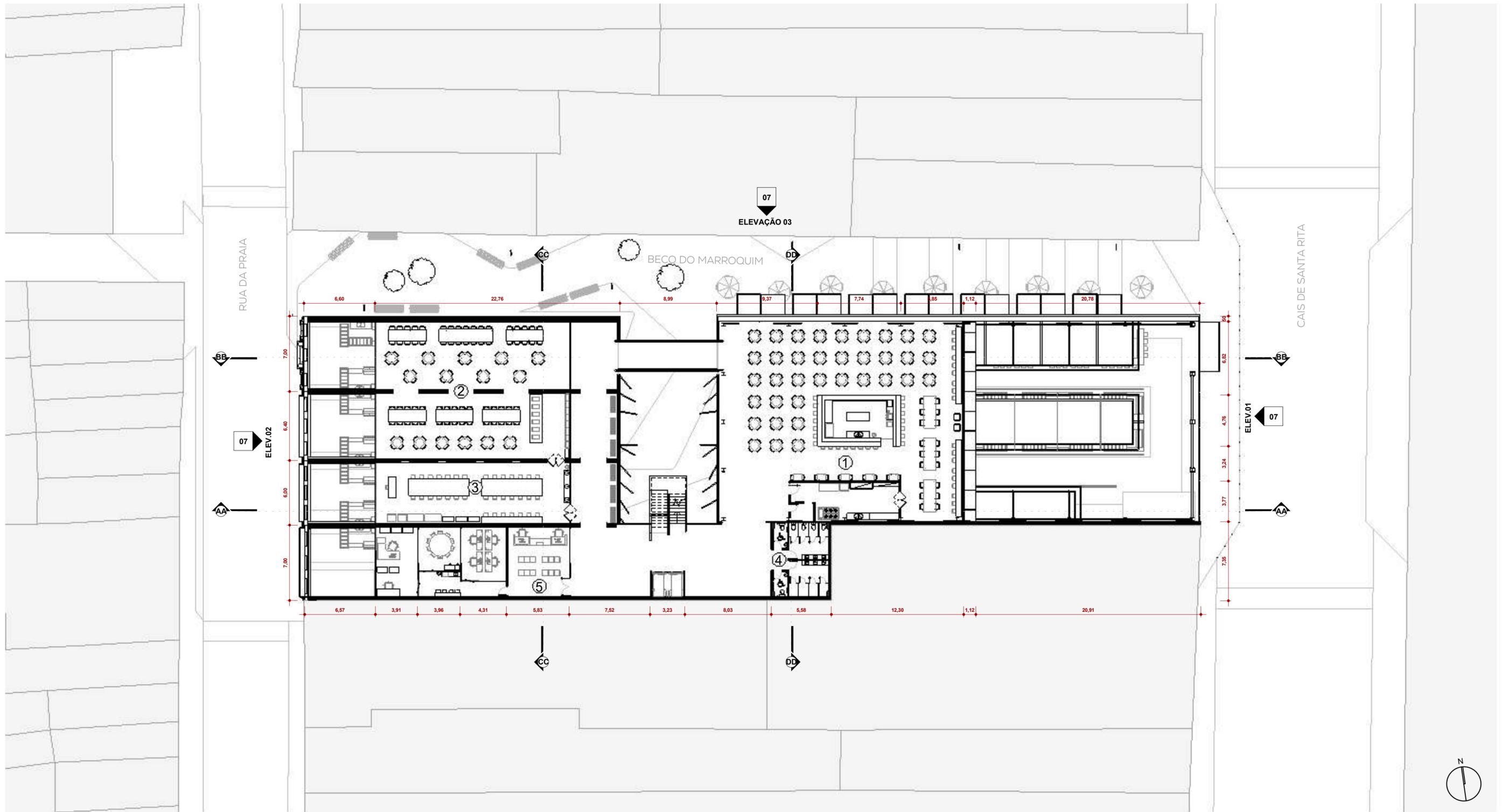
9 . C A D E R N O D E D E S E N H O S



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
 ESC:1 : 250

LEGENDA

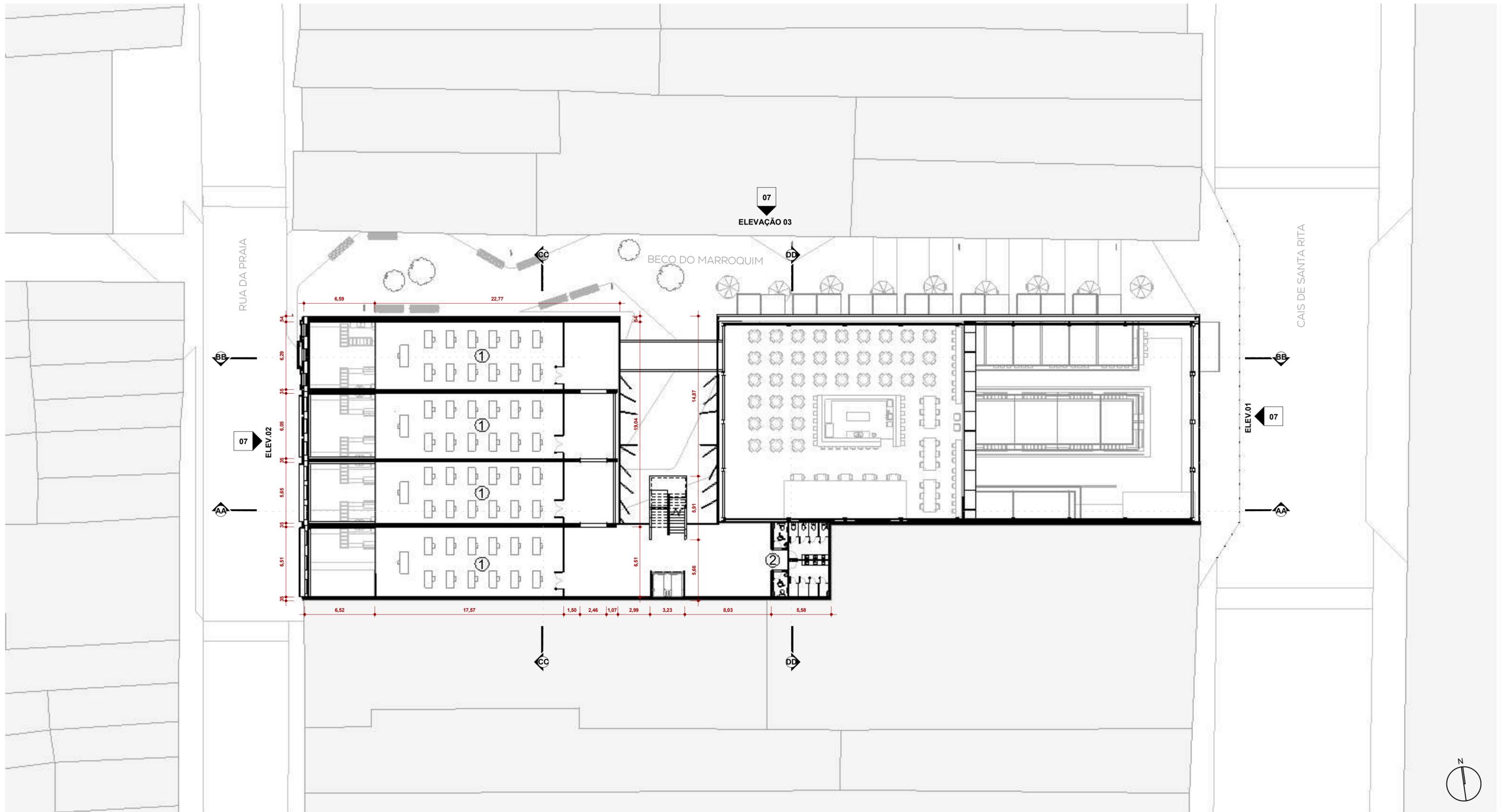
- ① BOXES DE PEIXARIA
- ② QUIOSQUES
- ③ EDICULAS DE LIXO E DESCARTE
- ④ BANHEIROS
- ⑤ PÁTIO INTERNO



PLANTA DO PRIMEIRO PAV. SUPERIOR
ESC:1 : 250

LEGENDA

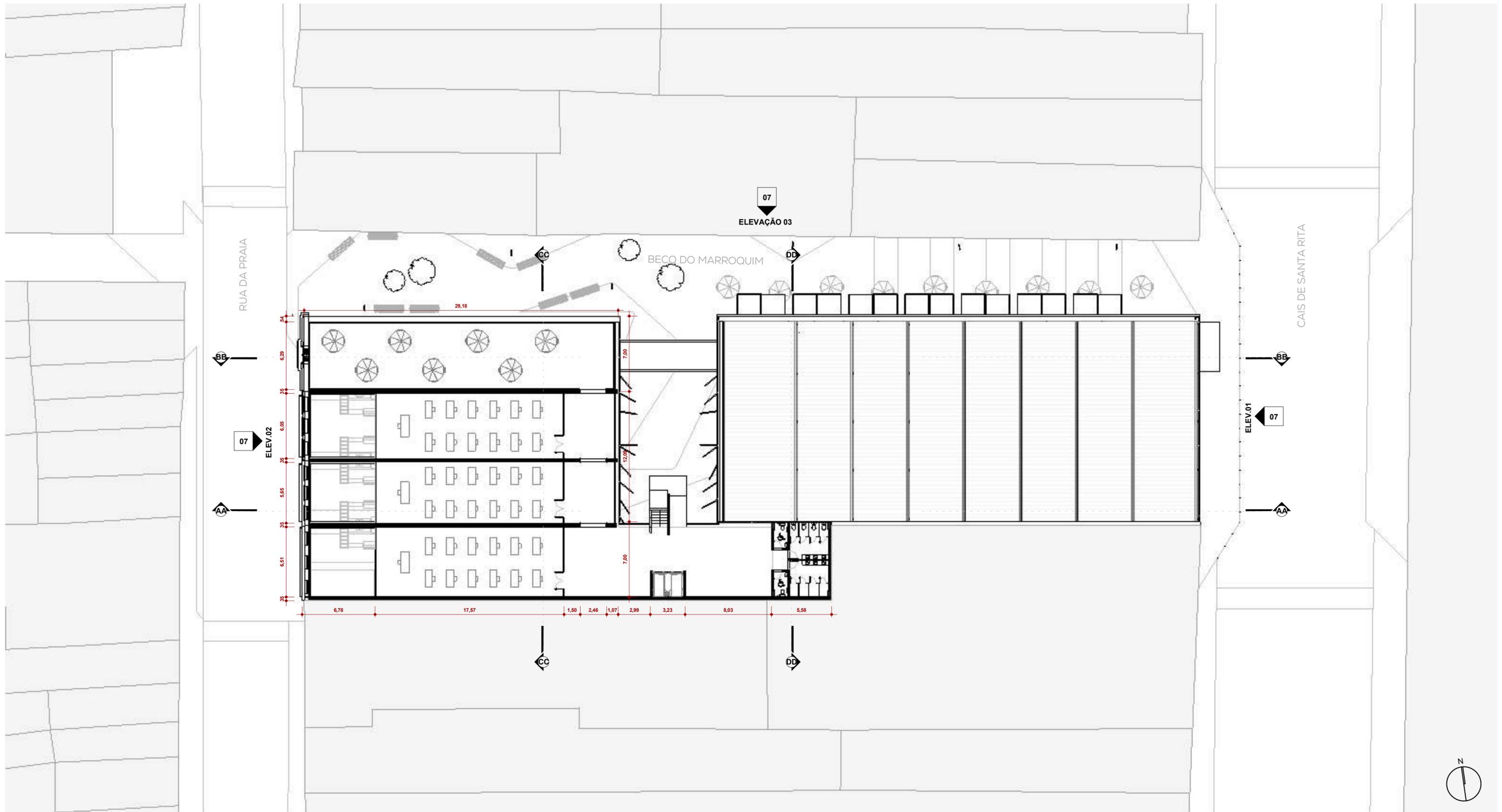
- | | |
|-----------------------------------|-----------------|
| ① RESTAURANTE | ④ BANHEIROS |
| ② SALÃO DE EVENTOS | ⑤ ADMINISTRAÇÃO |
| ③ OFICINA DE GASTRONOMIA INFANTIL | |



PLANTA DO SEGUNDO PAV. SUPERIOR
 ESC:1 : 250

LEGENDA

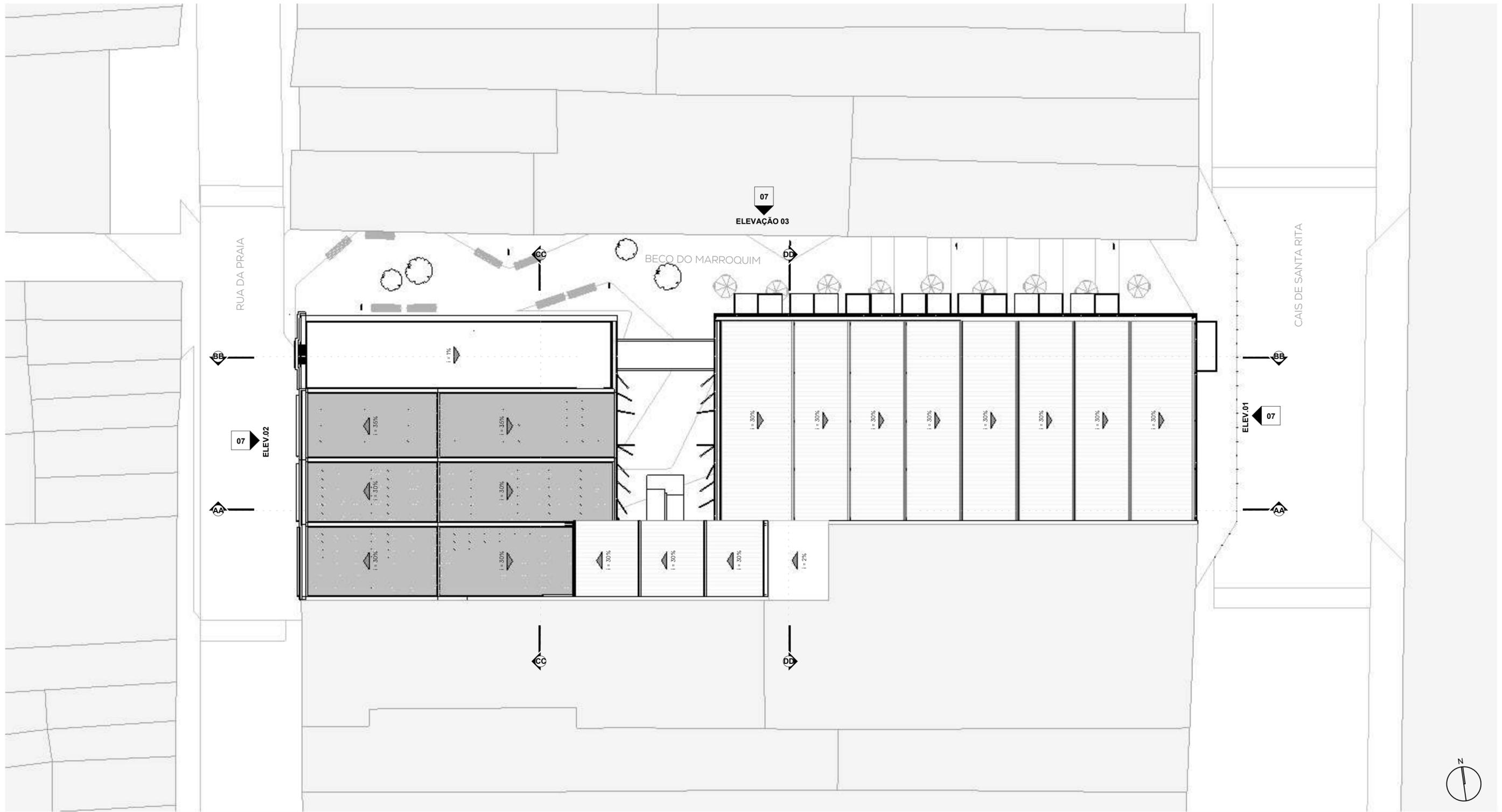
- ① OFICINAS DE GASTRONOMIA PROFISSIONAL
- ② BANHEIROS



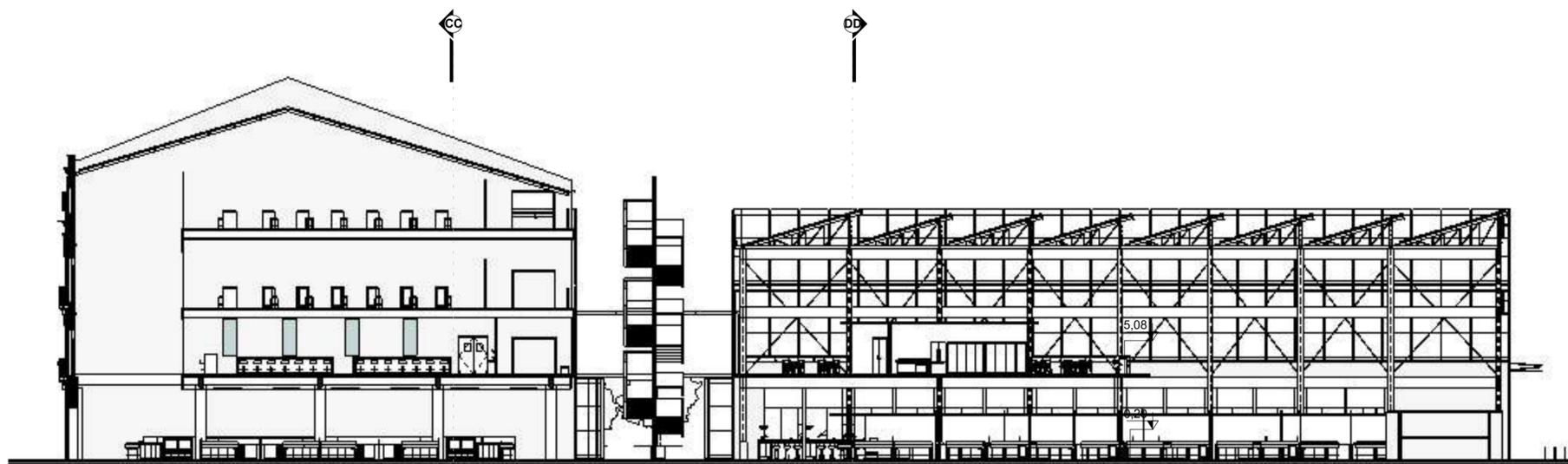
PLANTA DO TERCEIRO PAVIMENTO SUPERIOR
 ESC:1 : 250

LEGENDA

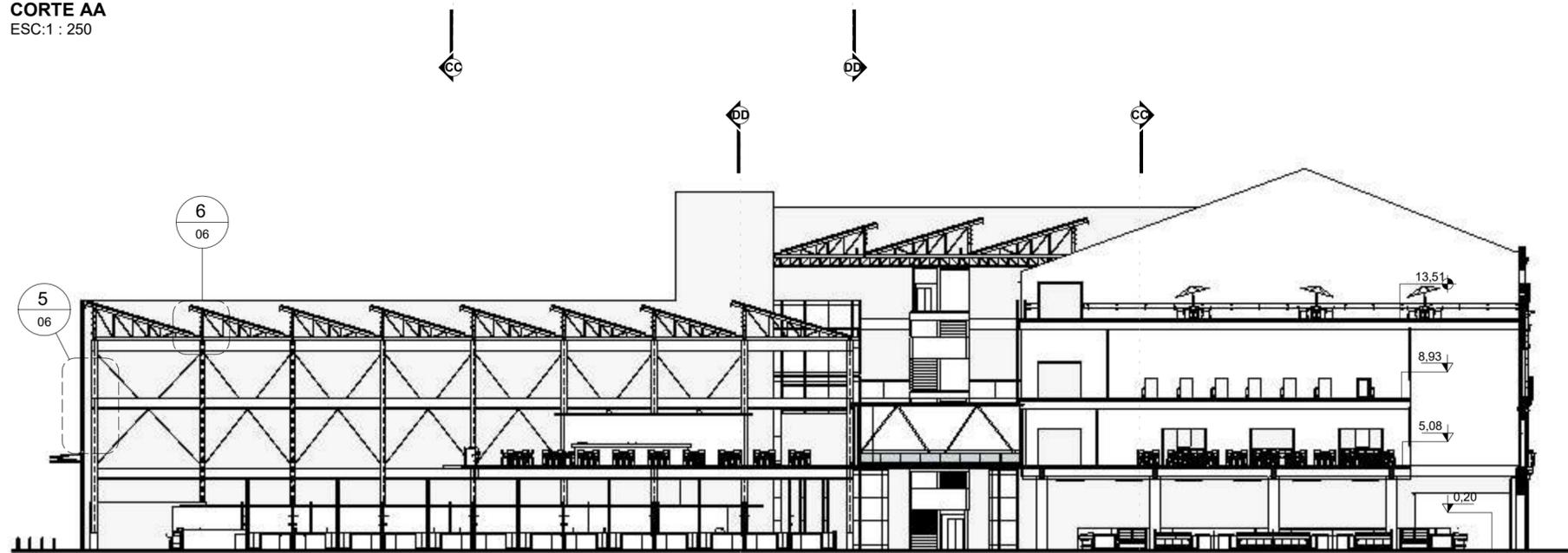
- ① OFICINAS DE GASTRONOMIA PROFISSIONAL
- ② BANHEIROS
- ③ ROOFTOP



PLANTA DE COBERTA
 ESC:1 : 250



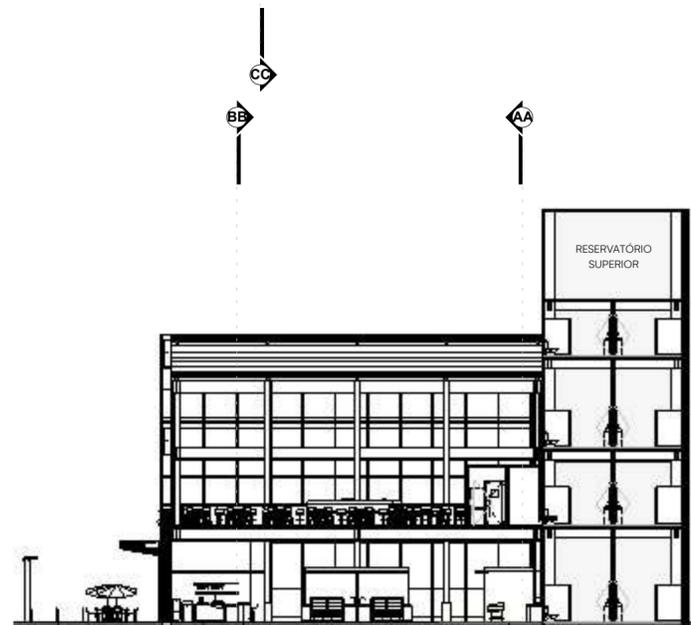
CORTE AA
ESC:1 : 250



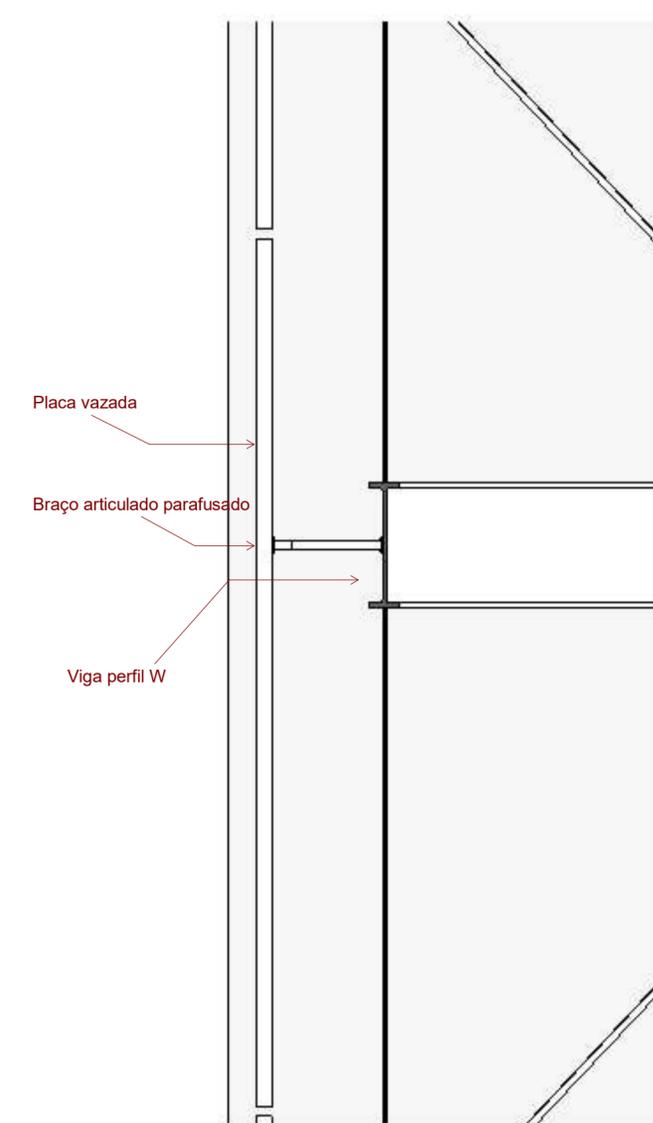
CORTE BB
ESC:1 : 250



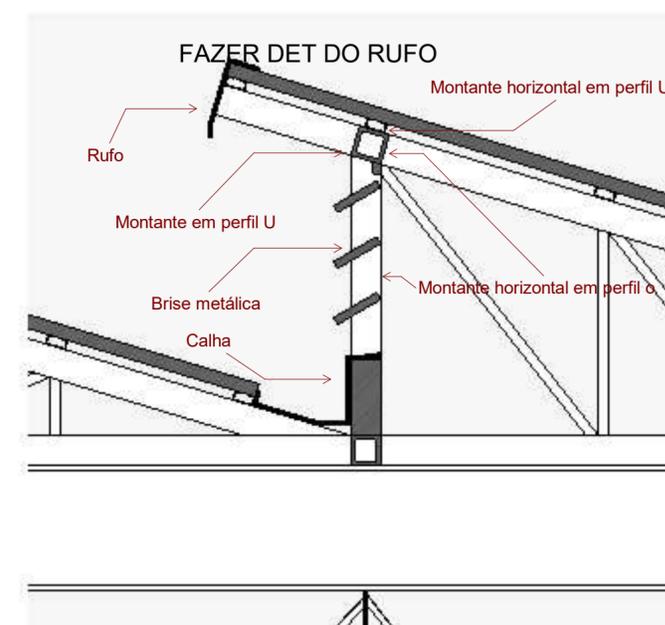
CORTE CC
ESC:1 : 250



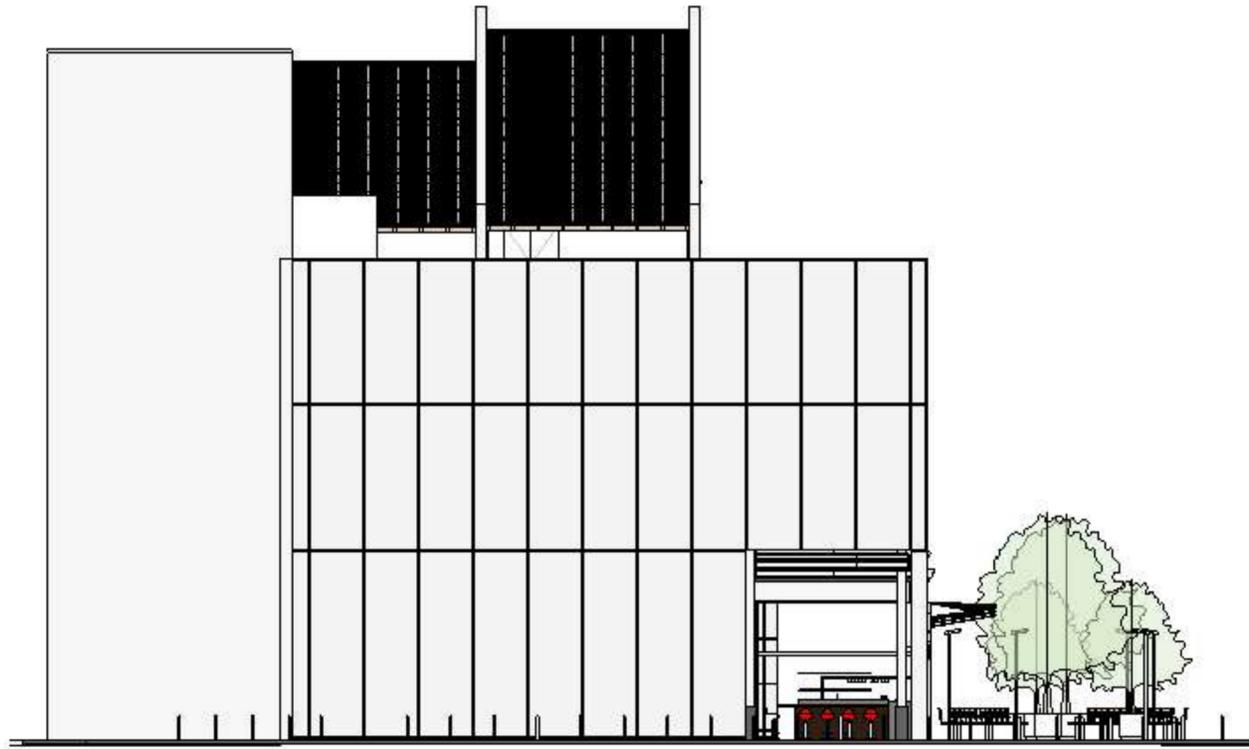
CORTE DD
ESC:1 : 250



DETALHE 01 - PLACA METÁLICA
ESC: 1 : 25



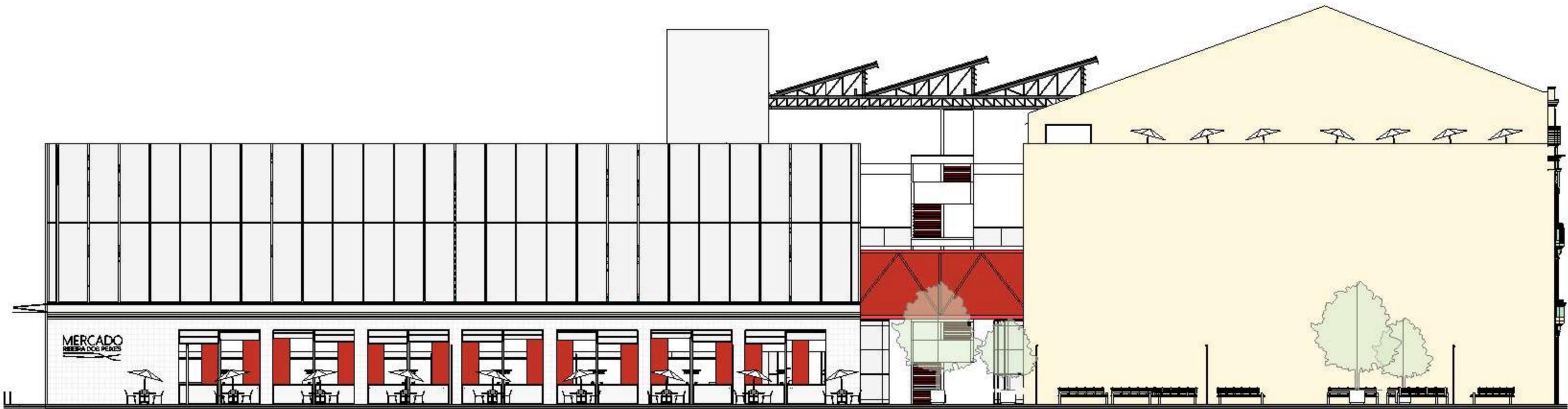
DETALHE 02 - SHED
ESC: 1 : 25



ELEV.01
ESC:1 : 150



ELEV.02
ESC:1 : 150



ELEVAÇÃO 03
ESC:1 : 150